

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais



Dissertação

Entrelaçando diário de viagem com narrativas pomeranas:
uma abordagem de ensino de Artes Visuais a partir do contexto dos alunos

Mairin Jordane Rutz

Pelotas, 2021

Mairin Jordane Rutz

Entrelaçando diário de viagem com narrativas pomeranas:

uma abordagem de ensino de Artes Visuais a partir do contexto dos alunos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientador: Cláudio Tarouco de Azevedo

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R971e Rutz, Mairin Jordane

Entrelaçando diário de viagem com narrativas pomeranas : uma abordagem de ensino de artes visuais a partir do contexto dos alunos / Mairin Jordane Rutz ; Cláudio Tarouco de Azevedo, orientador. — Pelotas, 2021.
173 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Ensino de arte. 2. Diários de viagem. 3. Viagem. 4. Pomerano. I. Azevedo, Cláudio Tarouco de, orient. II. Título.

CDD : 700.1

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Mairin Jordane Rutz

Entrelaçando diário de viagem com narrativas pomeranas: uma abordagem de ensino de Artes Visuais a partir do contexto dos alunos

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo (Orientador) - UFPel
Doutor em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande

Profa. Dra. Helene Gomes Sacco - UFPel
Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Profa. Dra. Vânia Alves Martins Chaigar - FURG
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

**À minha família,
Ao meu namorado Rodrigo,
A todos os viajantes.**

Agradecimentos

De certo este trabalho é resultado de uma longa viagem. Durante este percurso, foram muitos os que estiveram comigo, me acompanhando, auxiliando, ensinando, levantando e apoiando quando precisei. Cabe a mim agora, somente agradecer.

Primeiramente a Deus, pela vida, força, sabedoria e coragem. Em muitos momentos durante este percurso foram seus ensinamentos que me fortaleceram e me fizeram continuar.

"[...] Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar". (Josué 1:9).

Ao meu pai, Brunildo Heling Rutz (em memória), e a minha mãe, Iria Heling Rutz, por todos os ensinamentos. Sou grata a vocês por me transmitirem a cultura pomerana e me estimularem a falar o pomerano e viver esta cultura.

Aos meus avós, que muito me ensinaram com seus exemplos e histórias sobre a vida e o pomerano.

Ao meu namorado Rodrigo, que esteve comigo durante esta trajetória. Que novamente, em meio as minhas ausências, foi abrigo e calma. Obrigada pelo amor, apoio e compreensão.

Ao meu irmão, pela disposição em me ajudar no que for.

Às minhas amigas, Nathália e Gabriela, que viveram comigo a experiência da pós-graduação, mesmo em Programas diferentes. O que nos une é a amizade e o desejo de pesquisar sobre o pomerano.

Às minhas colegas e amigas, Dhara e Bere, por todo apoio, companheirismo e amizade. Sou grata por estarmos concluindo esta etapa juntas. Esta caminhada foi mais leve e alegre nas suas companhias, mesmo que a distância.

À Universidade Federal de Pelotas e ao programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, pela oportunidade de realizar esta pesquisa.

A todos os professores do programa, pelas provocações, ensinamentos, discussões, conversas e estímulos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa recebida, que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Capes – Código de Financiamento 001.

À Luciane e à Denize, por novamente me abrirem as portas da Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Padre e acreditarem na minha pesquisa e trabalho.

Aos alunos do 3º Ano da Escola Estadual de Ensino Médio, que mesmo em um cenário atípico me receberam bem e permitiram que eu os conhecesse. Obrigada por compartilharem comigo seus interesses e histórias de família. Agradeço por cada troca que tive com vocês. Carinhosamente, dedico este trabalho também a vocês.

Ao meu orientador, Professor Cláudio, por acreditar na minha pesquisa e me acompanhar ao longo desta jornada. Agradeço por cada ensinamento, apoio e discussão e estímulo. Agradeço também a experiência junto ao grupo Arteecos.

À banca avaliadora, Helene Sacco e Vânia Chaigar, por aceitarem participar deste processo e por contribuírem em diferentes instâncias ao longo deste estudo. Agradeço por todas as contribuições e provocações.

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. [...] O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

José Saramago

Resumo

RUTZ, Mairin Jordane. **Entrelaçando diário de viagem com narrativas**

pomeranas: uma abordagem de ensino de Artes Visuais a partir do contexto dos alunos. Orientador: Cláudio Tarouco de Azevedo. 2021. 173f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

A presente escrita, intitulada *Entrelaçando diário de viagem com narrativas pomeranas: Uma abordagem de ensino de Artes Visuais a partir do contexto dos alunos*, apresenta a pesquisa de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. A investigação surgiu da inquietação provocada por uma pesquisa desenvolvida na graduação em Artes Visuais, ao longo do ano de 2018, que tratava de uma proposta de viagem e da utilização de objetos cotidianos como forma de ensino de Arte. A partir de uma carência identificada sobre os diários de viagem, um dos itens criados pelos alunos, procurou-se uma alternativa para o desenvolvimento dos mesmos. Buscou-se intensificar a utilização/criação desses diários no ensino de arte. Encontrou-se como hipótese que tratar de assuntos do contexto cultural da comunidade de Arroio do Padre/RS potencializa a escrita e a produção dos diários. Logo, almejou-se também identificar o que pode surgir dessa produção para a ressignificação cultural da comunidade escolar onde a escola está inserida. A comunidade é composta, em sua grande maioria, por descendentes de pomeranos, assim como a pesquisadora deste trabalho. Assim, almejou-se introduzir assuntos relacionados a esse contexto em sala de aula. Buscou-se contribuir em questões voltadas ao ensino de artes a partir de novas abordagens e da inserção de novos recursos pedagógicos e, também, colaborar com a percepção dos estudantes quanto aos aspectos culturais, artísticos e históricos, bem como oportunizar a ressignificação do sentido de ser uma escola do interior. Dessa forma, o presente estudo contempla discussões voltadas ao campo da educação em Arte, abordando questões relacionadas à utilização de diários de viagem como estratégia pedagógica. Criou-se, assim, uma abordagem que leve em consideração o contexto dos alunos e a produção de um material que valorize e resgate a cultura dos estudantes. O estudo também apresenta um pouco da história da imigração envolvendo os deslocamentos pomeranos pela região, conversas com familiares e uma produção da pesquisadora ressaltando características da cultura pomerana. A pesquisa teve cunho qualitativo, com intersecção com o método (auto)biográfico. O estudo se deu a partir de pesquisa bibliográfica, anotações no diário da pesquisadora, conversas com familiares, deslocamentos pela região e uma ação em uma escola de Ensino Médio. Dessa última, analisou-se os comentários, atitudes, escritos e criações dos alunos e uma exposição online que foi resultado da produção dos estudantes. As atividades na escola foram realizadas de forma remota, devido ao contexto pandêmico que se instalou durante o ano de 2020. Esta pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Palavras-chave: Ensino de Arte. Diários de Viagem. Viagem. Pomerano.

Abstract

RUTZ, Mairin Jordane. **Interweaving travel diary with Pomeranian narratives: A teaching approach of Visual Arts from the context of students**. Advisor: Cláudio Tarouco de Azevedo. 2021. 173f. Dissertation (Master in Visual Arts) –Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This writing, entitled *Interweaving travel diary with Pomeranian narratives: A teaching approach of Visual Arts from the context of students*, presents my master's research with the Postgraduate Program in Visual Arts at the Federal University of Pelotas – UFPel. The investigation arose from the restlessness caused by a research developed in the Visual Arts graduation course, throughout 2018, which dealt with a travel proposal and the use of everyday objects as a way of Art teaching. Based on an identified lack of travel diaries, one of the items created by the students, I looked for an alternative for their development. We sought to intensify the use/creation of these diaries in the art teaching. I found as a hypothesis that dealing with issues of the cultural context of the Arroio do Padre/RS community enhances the writing and diaries production. Therefore, the aim was also to identify what can arise from this production for the cultural resignification of the school community where the school is inserted. The community is composed, in its great majority, of Pomeranian descendants, as well as the researcher of this work. In doing so, we aimed to introduce issues related to this context in classroom. We sought to contribute to issues related to the teaching of arts from new approaches and the insertion of new pedagogical resources, and, also, to collaborate with the students' perception regarding cultural, artistic and historical aspects, as well as providing opportunities for the resignification of the meaning of being a country school. Thus, this study includes discussions focused on the field of Art education, approaching issues related to the use of travel diaries as a pedagogical strategy. In doing so, creating an approach that considers the context of the students and the production of a material that values and rescues the culture of students. The study also presents a little of the history of immigration involving the Pomeranian displacements through the region, conversations with family members, and a production by the researcher emphasizing characteristics of the Pomeranian culture. The research is qualitative, intersecting with the (auto) biographical method. The study was based on bibliographical research, notes in the researcher's diary, conversations with family members, displacements through the region and an action in a high school. From the last one, the comments, attitudes, writings, and creations of students and an online exhibition that was the result of student production were analyzed. The activities at the school were performed remotely, due to the pandemic context during the year 2020. This research was done with the support of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brazil (CAPES).

Keywords: Art teaching. Travel diaries. Travel. Pomeranian.

Lista de Figuras

Figura 1 - Fotografia da produção dos estudantes.	21
Figura 2 - Fotografia da exposição da produção dos estudantes.	22
Figura 3 - Mapa-múndi com a marcação do conteúdo estudado e monumentos históricos.	22
Figura 4 - Mapa da antiga província da Pomerânia.	40
Figura 5 - A redenção de Cam. 1895. Modesto Brocos. Óleo sobre tela. 199 cm x 166 cm.	42
Figura 6 - Diário de viagem da pesquisadora. Escrito no dia 8 de Outubro de 2019.	45
Figura 7 - Monumento em homenagem a Jacob Rheingantz, com o sobrenome dos primeiros imigrantes desembarcados em 18 de janeiro de 1858.	46
Figura 8 - <i>Tempora mutantur</i> 1889. Pedro Weingartner. Óleo sobre tela, 160,4 x 93,4 cm.	48
Figura 9 - Mala criada na disciplina. Título: dispositivo ativador da história de um povo. Ano: 2019.	52
Figura 10 - Mala de demais itens. Ano: 2019.	53
Figura 11 - Mapa do percurso. Ano: 2019.	53
Figura 12 - Livro de imagens. Detalhe. dimensões: 7 x 120 cm. Ano: 2019.	54
Figura 13 - Livro de imagens. Detalhe. Dimensões 7 x 120 cm. Ano: 2019.	54
Figura 14 - Cartão propositivo de questionamento. Ano: 2019. Dimensões: 9x7 cm Ano: 2019.	55
Figura 15 - Folheto fechado, casa Jacob Rheingantz. Dimensões. 17x29 cm. Ano: 2019.	56
Figura 16 - Folheto aberto, casa Jacob Rheingantz. Dimensões. 17x29 cm. Ano: 2019.	56
Figura 17 - Folheto coxilha do Barão. Dimensões: 20x30 cm. Ano 2019.	57
Figura 18 - Fotografia do monumento ao colono.	57
Figura 19 - Mapa com a suposta rota dos imigrantes, saindo da Pomerânia, com destino a Rio Grande. Dimensões 20 x 30 cm.	59
Figura 20 - Imagem envelope e postal, 2019.	59
Figura 21 - Demais postais criados. Ano: 2019.	60

Figura 22 - Fotografias antigas coletadas na casa do meu tio avô paterno.	60
Figura 23 - Escritos do diário da pesquisadora sobre as casas.	62
Figura 24 - Escritos do diário da pesquisadora sobre as casas.	62
Figura 25 - Arte digital sobre fotografia de casa abandonada. Título: Casa - ruínas.	63
Figura 26 - Fotografia do Moinho Loescher.	64
Figura 27 - Casa Leitzke.	64
Figura 28 - Loja de produtos coloniais. Casa da Schimier.	65
Figura 29 - Interior do museu Memórias und Andenken.	66
Figura 30 - Interior do museu Memórias und Andenken.	66
Figura 31 - Interior do museu Memórias und Andenken.	66
Figura 32 - Registro do diário. Dia 2 de set. de 2019.	72
Figura 33 - Registro do diário. Dia 2 de set. de 2019.	72
Figura 34 - Fotografia de casamento dos meus avós, Ilma e Bruno, Noiva vestida de preto.	77
Figura 35 - Fotografia do casamento dos avós Ilma e Bruno, 1967.	77
Figura 36 - Fotografia de casamento avós Alendina e Bruno.	78
Figura 37 - Lembranças de batizados.	80
Figura 38 - Interior de lembrança de meu padrinho.	80
Figura 39 - Fotografia de Confirmação de fé.	81
Figura 40 - Página do diário da pesquisadora. Sábado de Aleluia.	83
Figura 41 - Página diário da pesquisadora. Bustag.	83
Figura 42 - Produção de dóss - bolachas.	84
Figura 43 - Carro de Bois, 15.08.1638. Frans Post. Óleo sobre tela. 88,00 cm x 61,00 cm.	90
Figura 44 - Richard Long. <i>A line Madre by Walking</i> , 1967.	94
Figura 45 - Robert Smithson. <i>Negative map Showing Region of Monuments along the Passaic River</i> , 1967.	95
Figura 46 - Sebastião Salgado.	97
Figura 47 - Jorge Machi. <i>Buenos Aires Tour</i> , 2003.	98
Figura 48 - Jorge Machi. <i>Buenos Aires Tour</i> , 2004.	98
Figura 49 - Helene Sacco. Vista externa da vitrine com o gabinete. 2011.	102

Figura 50 - Helene Sacco. Desenho da mala-escrivadinha fechada e pronta para a viagem extensiva. 2011.	103
Figura 51 - Imagem do interior de um dos Diários de Frida Kahlo.	105
Figura 52 - Fotografia de um registro do diário de Paul Klee. Estudo da cor.	106
Figura 53 - Leila Danziger. <i>BILDUNG</i> [2014 - 2018]. In: exposição Ao sul do futuro Capas e páginas de livros costuradas sobre cartão, estante de madeira, livros, fotografias e documentos diversos. 360 x 500 x 18 cm. Fotografia de Wilton Montenegro.	109
Figura 54 - Convite da Exposição Virtual Registros de uma Viagem.	128
Figura 55 - Exposição alunos 3º ano A - artistas.	128
Figura 56 - Aluno. 12. Etapas do fumo.	132
Figura 57 - Fotografia da aluna 8. Título: dinheiro da colônia.	133
Figura 58 - Aluno 11. sem título.	133
Figura 59 - Desenho da aluna 6. Ordenhando vacas.	134
Figura 60 - Fotografia do Aluno 7. Festa.	135
Figura 61 - Aluna 15. Frutos.	135
Figura 62 - Aluna 16. Pão caseiro.	136
Figura 63 - Mapa do Grupo 1. Título: Mapa de Arroio do Padre.	137
Figura 64 - Grupo 2. Grupo de Danças <i>KornBlume</i> .	138
Figura 65 - Grupo 3. Mapa de Arroio do Padre.	138
Figura 66 - Grupo 4. Traços da nossa Terra.	139
Figura 67 - Frame vídeo do grupo 5.	140
Figura 68 - Grupo 6. Frame do vídeo Diversidade de cultivos.	140
Figura 69 - Trabalho grupo 7.	141
Figura 70 - Postal da aluna 10. Stüpas.	142
Figura 71 - Postal Aluna 15.	142
Figura 72 - Registro do diário da aluna 6.	144
Figura 73 - Registro do diário da aluna 20.	144
Figura 74 - Aluna 15. Conversa com avó sobre objeto antigo.	145
Figura 75 - Diário aluna 21.	145
Figura 76 - Diário da Aluna 8. Objeto antigo.	145
Figura 77 - Fotografia encontrada no diário da aluna 21.	147

Figura 78 - Diário aluna 8. Foto de casamento.	147
Figura 79 - Carta Aluna 21.	151
Figura 80 - Carta Aluna 15.	152

Lista de Siglas

DPP	Diários da Prática Pedagógica
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PPGAVI	Programa de Mestrado em Artes Visuais
PROEPO	Programa de Educação Escolar Pomerana
UFPel	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

Itinerário introdutório	14
1 Descobrindo e desbravando novas rotas: por novos caminhos e direcionamentos no campo do ensino de Arte	20
1.1 Uma viagem anterior a essa	20
1.2 O encontro com a temática e a relação com o pomerano	24
1.3 Mapeamento de pesquisas	28
1.4 Uma viagem por algo tão familiar	39
1.4.1 Em busca da história de um povo	40
1.4.2 Uma busca por lugares que guardam memórias	51
2 Diários, viagens e ensino	87
2.1 Viagens e viajantes: algumas possibilidades para pensar a prática em sala de aula	88
2.2 Por outros diários	104
2.3 Abordagem de ensino a partir do contexto dos estudantes	112
3 Produção de dados de pesquisa	119
3.1 Encontros virtuais com os estudantes	120
3.2 Proposições poéticas: Diários de viagens	129
3.3 Análise dos dados	131
Considerações Finais	154
Referências	160
Apêndices	165

Itinerário introdutório

O fim de uma viagem é apenas o começo de outra.

José Saramago

É com a afirmação de Saramago que inicio esta escrita: “O fim de uma viagem é apenas o começo de outra”, ou seja, é dessa forma que entendo a pesquisa aqui desenvolvida. Compreendo metaforicamente esta investigação como uma viagem, sendo essa também resultado de outra concluída no ano de 2018. Esta escrita é resultado de um desejo de aprofundar meu estudo sobre uma proposta lúdica de ensino desenvolvida ao longo da graduação em Artes Visuais - Licenciatura, apresentada como monografia de conclusão de curso intitulada: *Sala de aula é lugar para viajar: uma proposta lúdica de ensino de Arte com objetos propositores*.

Quando escrevi as últimas linhas da monografia não enxergava um final de pesquisa. Estava tomada por um desejo de contribuir com a arte educação, oferecendo atividades envolventes. Propósito que me direciona como bússola nas práticas que realizo. Lá, nas últimas linhas, ao finalizar com reticências, já se manifestava o desejo de trilhar novos caminhos, aconchegar novos problemas, compor novas histórias e preparar a “mala¹” para uma próxima viagem. Assim, sem deixar o desejo de contribuir na arte educação se apagar, em 2019, após a aprovação no Programa de Mestrado em Artes Visuais (PPGAVI), na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), iniciei uma nova jornada na pesquisa, que já nos primeiros momentos apontou ser tão enriquecedora quanto a anterior.

O estudo que me levou a dar continuidade neste campo de pesquisa tratava da utilização de uma proposta lúdica de viagem pela arte e de materiais, como mala, mapa, diários de viagem, passaporte, carimbos, postais e adesivos, para conduzir as aulas de Arte com alunos de uma turma do ensino Médio de uma escola de Arroio

¹ Fazendo referência a pesquisa desenvolvida na graduação que envolvia a proposta de viagem e a utilização de malas propositivas.

do Padre². Explorou-se uma abordagem lúdica em sala de aula, de forma que os alunos se sentissem envolvidos e tivessem prazer em estudar.

A utilização da proposta apontou resultados satisfatórios enquanto metodologia de ensino de forma lúdica e envolvente, no entanto, notou-se uma lacuna quanto à utilização dos diários de viagem, que foram pouco explorados. Logo, a partir desse percurso, comecei a trilhar os caminhos da pesquisa apresentados nesta dissertação. Buscou-se, então, preencher essa lacuna, procurando formas e estratégias de potencializar a escrita dos diários de viagem e a produção artística que eles podem suscitar, visto que podem ser um rico suporte artístico, além de buscar novos desdobramentos dessa apropriação no processo de ensino-aprendizagem.

A hipótese que se pensou para potencializar a escrita é trazer nas aulas assuntos que interessem os alunos, que estejam relacionados com seu cotidiano e/ou cultura. Encontro, então, em meio a essa busca, uma referência importante que vai acompanhar este trabalho: Ivone Mendes Richter (2000). A referida autora trata da interculturalidade e da estética do cotidiano no campo da arte educação. Ela defende a necessidade de diminuir a distância entre arte e vida e ressalva que as diferenças sejam utilizadas como recursos em sala de aula.

A escola onde foi desenvolvido o estudo de campo é a mesma onde desenvolvi a pesquisa na graduação, a escolha se deu pela receptividade e por experiências positivas anteriores. A instituição é composta em grande parte por alunos com descendência pomerana e que ainda nos dias atuais estão envolvidos com os hábitos da cultura trazidos por seus antepassados, como a música, os costumes, a gastronomia e o idioma. A comunidade também é caracterizada culturalmente por manifestações de origem italiana, gaúcha e afrodescendente.

Dessa forma, almejou-se, assim, trabalhar assuntos relacionados a essas culturas, em busca de uma educação intercultural (RICHTER, 2000), que propõe o diálogo entre culturas. Assim, utilizando como estratégia assuntos do contexto dos alunos e sua cultura, buscou-se alternativas para a exploração e desenvolvimento da criatividade e do diário de viagem, o objeto da presente pesquisa.

² Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Padre, localizada em Arroio do Padre, município enclave de Pelotas, por fazer fronteira apenas com o mesmo, estando localizado no interior do município.

No decorrer da pesquisa, nos deparamos com a pandemia da Covid-19, que passou a assolar o Brasil e o mundo. Em razão disso, novas alternativas tiveram que ser encontradas, já que não era viável desenvolver atividades com os alunos presencialmente. Dessa forma, a pandemia me direcionou a novas rotas. Fui impelida a percorrer caminhos até então desconhecidos, a educação remota, online. As atividades que estavam sendo planejadas foram alteradas. Algumas discussões que pretendia fazer em aula, em grupo, tiveram que ser adaptadas ou deixadas de lado. Todos os anseios que envolvem essas novas rotas irei discorrer ao longo do texto.

Mesmo em um cenário que não se esperava, em meio a uma pandemia e sem a possibilidade de realizar as atividades presencialmente, procurei assumir o papel de mediadora e possibilitar que os alunos buscassem conhecer sua história e valorizar suas raízes por meio de questões, conversas, fotografias, obras de artistas e outras atividades.

Por estar inserida nesse meio, entendo a necessidade de trazer para a sala de aula assuntos relacionados com o contexto da comunidade, como contribuição para o processo de ensino-aprendizagem e também de integração comunidade e escola. Julgo necessário, então, que professores busquem conhecer mais sobre a comunidade em que os alunos estão inseridos, pois dessa forma contribuem pedagogicamente e possibilitam que se promova uma valorização e o fortalecimento dessas culturas.

Em conformidade, com esta pesquisa busquei colaborar nesse campo, possibilitando que alunos de um pequeno município do sul do Rio Grande do Sul, caracterizado fortemente pela cultura pomerana, tivessem contato e fossem estimulados nas aulas de arte a estudar sobre aspectos presentes em seu cotidiano, relacionando a novos conhecimentos do campo da arte.

Do mesmo modo, busquei auxiliar na ressignificação do sentido de ser uma escola do interior e no fortalecimento da comunidade e valorização da sua gente, além de possibilitar que os alunos se sentissem representados com os conteúdos. Buscou-se contribuições no campo da arte educação, por meio de uma abordagem em sala de aula que valorizasse o contexto dos estudantes e fosse referente ao diário de viagem como estratégia pedagógica.

Objetivou-se, nesta pesquisa, com as reflexões propostas, buscar novas abordagens que pudessem contribuir no ensino da arte em sala de aula e repercutir positivamente quanto a percepção dos alunos em relação a sua cultura, bem como as demais, promovendo um cenário de respeito às diferenças. Da mesma forma, almejou-se repercutir com os familiares dos alunos quanto ao fortalecimento de suas raízes e cultura.

Esta pesquisa justifica-se, então, pela necessidade de abordagens que levem em consideração o contexto em que os alunos estão inseridos e que busquem a valorização das culturas minoritárias, auxiliando no fortalecimento dessas comunidades, bem como a inserção de novas estratégias pedagógicas em sala, visando contribuir para os processos de ensino-aprendizagem. Justifica-se, também, quanto a necessidade de novas abordagens em sala de aula que promovam o interesse dos alunos nas atividades e na produção artística e o aprendizado concreto. Sua relevância encontra-se na importância dessas pesquisas no campo da arte educação, bem como na carência de estudos envolvendo a cultura pomerana e o uso de diários no ensino formal.

Junto ao programa de Pós-Graduação, na linha de pesquisa *Educação em Arte e processos de formação estética*, busquei preencher lacunas apresentadas com a utilização da proposta que desenvolvi, bem como encontrar novos direcionamentos e contribuições no campo do ensino da Arte.

Na “mala” carreguei comigo diários de viagem, utilizados como suporte de registros de anotações, curiosidades, ideias, acontecimentos, angústias, questionamentos, lembranças, que surgiram ao longo da pesquisa de campo e bibliográfica. Logo, ao longo do texto, trago alguns registros feitos que dialogam com a escrita. Procurei carregar, também, um celular ou câmera para fazer registro fotográfico de meus deslocamentos e de fatos que me chamassem a atenção e que pudessem contribuir com a pesquisa.

O problema que acompanha e move esta pesquisa é “como potencializar a utilização/criação dos diários de viagem no ensino de arte em uma escola de comunidade caracterizada pela colonização pomerana? O que poderá surgir dessa produção histórica e poética para a ressignificação cultural da referida comunidade escolar?”.

Como objetivo geral, busquei estratégias que pudessem estimular os alunos no desenvolvimento de seus diários. Como objetivos específicos, procurei analisar os diários de viagem dos estudantes verificando o desenvolvimento dos mesmos; analisar o interesse dos estudantes quanto a temática de cultura e de aspectos da sua realidade; e verificar se houve a produção de novas subjetividades e, se sim, quais.

A pesquisa é de caráter qualitativo e a metodologia escolhida para dar conta do trabalho é autobiográfica, ancorada em autores como Marie-Christine Josso (2004) e Denise Martins (2014). Quanto aos procedimentos, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto; e uma intervenção pedagógica com uma turma de 3º ano, em uma escola de Ensino Médio de Arroio do Padre/RS, de forma remota, com o intuito de obter dados para responder os questionamentos.

A pesquisa de campo também abarcou visita a locais que fizeram parte do processo de imigração, como pontos que fazem parte do roteiro turístico Caminho Pomerano³, e conversas⁴ com familiares sobre a imigração e sobre o pomerano. As reflexões e os dados provenientes dessas conversas e saídas compõem o diário da pesquisadora, que também abarca os resultados de pesquisa e algumas discussões do campo da arte e da educação, e alguns desses registros são apresentados ao longo da escrita.

Em relação ao título que uso para representar esta investigação, acredito ser uma escolha que contemple muitos dos pontos da pesquisa. A escolha dos títulos dos capítulos também procurou manter uma relação metafórica com a temática das viagens, mas sem perder a função de esclarecer do que se trata.

Este trabalho foi se entrelaçando aos poucos, quando fui sendo contaminada e afetada gradualmente e também direcionada a novos caminhos. A exposição realizada até o momento buscou mostrar os caminhos que me levaram a seguir no campo da pesquisa, a retornar à escola e ao tema desta dissertação, além do viés

³ O ROTEIRO DE TURISMO RURAL CAMINHO POMERANO conta com pontos de visita com atrativos com recursos naturais e/ou culturais, lazer e entretenimento, refeições com alimentos produzidos no campo, que são oferecidos aos turistas. Casas centenárias que mantêm o aspecto da época fazem parte do roteiro. Esse roteiro contribui na valorização dos aspectos históricos e culturais pomeranos e na perpetuação do legado.

⁴ Essas conversas, também em decorrência da pandemia, foram prejudicadas, caso não seja possível segui-las, serão buscadas novas alternativas.

teórico-metodológico da pesquisa. Sendo assim, para apresentar os direcionamentos, resultados, discussões e reflexões que permeiam a pesquisa, esta dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro, ***Descobrimo e desbravando novas rotas: por novos caminhos e direcionamentos no campo no ensino da Arte***, é dividido em quatro eixos, onde, respectivamente, apresento: a origem da pesquisa; a motivação e a minha relação com o tema; um mapeamento de pesquisas que se relacionem com a temática aqui proposta; e uma busca sobre o pomerano, que se desdobra em: história oficial; lugares e deslocamentos; e a partir de fotografias e narrativas. Ao longo do primeiro capítulo, acompanham referências como Carmo Thum (2009), Magda Spindler (2013), Daniele Hackenhar (2018) e Maltzahn (2011a, 2011b), que me auxiliaram a tratar da imigração Pomerana. Boris Kossoy (2002) e Philippe Dubois (1993) me ajudaram a pensar sobre a questão da fotografia.

O segundo capítulo, intitulado ***Diários de viagem, viagens, educação***, é dividido em três eixos. Primeiramente, apresento uma discussão sobre viagens, viagens nômades e sedentárias, onde me apoio em alguns artistas, teóricos e escritores, como Paulo Silveira (2008), Francesco Careri (2013) e Xavier de Maistre (2020). No segundo eixo discorro sobre os diários, apontando alguns exemplos, como o Diário de Anne Frank, o filme Escritores da Liberdade (2007), Diário de Carolina Maria de Jesus e 1 página de cada vez, de Adam J. Kurtz, sendo esses inspiradores na confecção do diário entregue aos estudantes. No terceiro eixo sigo para uma discussão sobre a educação, numa abordagem que leve em consideração o contexto dos alunos, e uma reflexão sobre o ensino da arte em tempos de pandemia. Dentre as referências, apoio-me nas discussões de teóricos como Ivone Mendes Richter (2000), Tharciana Goulart da Silva e Jociele Lampert (2015) e Paulo Freire (1996).

No terceiro capítulo, intitulado ***Produção de dados de pesquisa***, discorro sobre procedimentos utilizados para obter os dados de pesquisa. Dessa forma, o capítulo é dividido em três partes. Na primeira, apresenta-se o percurso junto com os estudantes e as atividades desenvolvidas. Na segunda, discorre-se sobre as proposições dos diários. E na terceira parte, analisa-se a produção dos estudantes,

tecendo algumas reflexões que buscam responder aos questionamentos da pesquisa.

Esse itinerário foi elaborado para convidá-lo a seguir comigo em uma viagem pelo campo da arte educação. De antemão, aviso que iremos percorrer diversos territórios e, como você pode ver, não estarei sozinha, contarei com vários companheiros que irão contribuir nesta viagem. Estimo que este percurso seja agradável. Desde já, me alegro com sua companhia e espero que tenhamos uma jornada prazerosa.

1 Descobrindo e desbravando novas rotas: por novos caminhos e direcionamentos no campo do ensino de Arte

O presente estudo, como já mencionado, parte de inquietações sobre uma proposta lúdica de ensino de artes desenvolvida ao longo do ano de 2018. Os resultados obtidos me direcionaram a seguir no campo da pesquisa, a ponto de ingressar no Mestrado no ano de 2019, com o propósito de contribuir de alguma forma no cenário da Arte Educação ao buscar preencher as falhas identificadas na pesquisa. As leituras, as discussões e interesses pessoais acabaram gerando novos direcionamentos e indicando outros caminhos, mas sem perder a essência inicial do trabalho.

Neste capítulo, apresento a origem desta pesquisa de forma mais detalhada, percorrendo sobre a proposta desenvolvida na graduação e apontando os novos direcionamentos. Discorro sobre como fui direcionada a explorar novos campos que envolvem o ensino da arte e quais são eles. Procuro contextualizar minha relação com essa nova abordagem, bem como realizar um aprofundamento sobre o pomerano, pautado em uma busca teórica, bem como mais subjetiva, pautada em deslocamentos e conversas com familiares e uma produção artística que procura resgatar alguns elementos da cultura. Também apresento um mapeamento de investigações que dialoguem com esta pesquisa. Algumas dessas referências foram utilizadas nas discussões aqui propostas.

1.1 Uma viagem anterior a essa

De certo, estou aprendendo a viajar com essa viagem [...].

Johann W. von Goethe

Durante a graduação, despertou-me um desejo por desenvolver propostas diferenciadas em sala de aula nas experiências dos estágios e projetos. Em 2018, desenvolvi uma proposta lúdica de ensino em formato de viagem, que propunha a criação e utilização de objetos como mala, mapa, diários de viagem, passaporte, carimbos, postais e adesivos, além da própria ideia de viagem pela imaginação. A

temática da viagem se deu pela influência de ao longo da graduação necessitar me deslocar diariamente da zona rural de Pelotas, onde moro, até a Universidade. Dessa forma, visualizei na questão da viagem uma potência na prática educativa e na artística.

Foi, então, que ao longo do Estágio Supervisionado em Educação Artes Visuais II, componente curricular obrigatório, procurei desenvolver essa proposta, apresentando-a como monografia de conclusão de curso no mesmo ano. Realizei o estágio com alunos de uma turma de Ensino Médio de uma escola do município de Arroio do Padre⁵, escola onde também estudei. Ao longo da intervenção pedagógica, fui propondo a confecção dos objetos, alguns em pequenos grupos, outros individualmente.



Figura 1 - Fotografia da produção dos estudantes.
Fonte: Arquivo da pesquisadora (2018).

A mala foi criada coletivamente, em pequenos grupos, e serviu de suporte dos demais materiais; o passaporte foi utilizado para que após cada aula fosse marcado o destino/conteúdo visitado/estudado; e o diário de viagem foi suporte de registro de anotações das aulas sobre os conteúdos. Em uma das aulas, propus a realização de

⁵ Município enclave de Pelotas, pois está localizado “no meio” da referida cidade.

uma viagem para estudar a Vanguarda Surrealista, sua origem, antecedentes, alguns artistas e obras. Referente ao conteúdo, orientei a criação de fotografias que se relacionassem com o assunto. Nessa aula, os alunos deveriam utilizar os materiais até então confeccionados e a partir deles criar outros, como o carimbo de borracha, que foi a partir da sintetização do conteúdo em uma palavra ou imagem para representar o destino da viagem, para ser marcado no passaporte.

Outro material que surgiu em decorrência dessa aula foi o Postal, confeccionado com as fotografias registradas pelos alunos. Foi também utilizado um mapa confeccionado por mim, sendo destacada a localização do movimento estudado, colorindo a região correspondente, além de ter uma legenda de identificação. Em uma última aula foi realizada uma exposição dos trabalhos para a comunidade escolar no corredor da escola (Figura 2) e em sala de aula realizada uma dinâmica de colagem de adesivos com imagens de monumentos históricos na localização correspondente no mapa (Figura 3).



Figura 2 - Fotografia da exposição da produção dos estudantes.
Fonte: Acervo da pesquisadora (2018).



Figura 3 - Mapa-múndi com a marcação do conteúdo estudado e monumentos históricos.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A utilização da proposta de viagem, juntamente com os materiais, apontou resultados positivos pelos alunos e pela comunidade escolar em geral, verificados nos registros dos diários de viagem dos estudantes e da pesquisadora, obtidos a partir de comentários feitos na sala de aula, nos corredores, na sala dos professores e durante a exposição. Os materiais foram designados de propositores a partir da pesquisa de Andrea Hofstaetter (2017)⁶. A autora considera importante que os materiais didáticos para as aulas de arte oportunizem a interação entre os aprendizes e o conhecimento como mediadores, bem como a dimensão poética da criação dos materiais.

A proposta se mostrou com potencial lúdico e despertador da curiosidade e o interesse pela arte. Mesmo com os resultados positivos sobre a proposta, verificou-se que os diários de viagem foram pouco explorados graficamente pelos alunos, com reduzidos escritos e indícios criativos. Surgiu, então, o interesse em seguir pesquisando, buscando uma alternativa para potencializar a utilização do diário, visto que ele pode ser um recurso de grande contribuição no campo do ensino, possibilitando uma escrita mais intimista que necessita da atenção do aluno, além de ser um suporte que permite grande exploração criativa dos estudantes.

Tenho como hipótese que para despertar maior interesse no desenvolvimento dos diários de viagem seja necessário trazer assuntos que se relacionem com o cotidiano do aluno. O suposto surgiu em decorrência de uma experiência vivenciada na graduação, enquanto aluna, e que está relacionada também pela ligação com o assunto e algumas questões que serão apontadas ao longo do próximo subcapítulo.

Dessa forma, a partir dessa hipótese, procurei direcionar a pesquisa e as atividades em sala de aula para uma abordagem que se aproxime da realidade dos

⁶ A autora utiliza-se do conceito de objetos propositores a partir da pesquisa de Mirian Celeste Martins e um grupo de alunos da Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP.

estudantes, buscando trazer aspectos da cultura deles para o contexto da sala de aula e como estratégia provocativa para o desenvolvimento de diários de viagem.

1.2 O encontro com a temática e a relação com o Pomerano

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós.

Paulo Freire

Neste subcapítulo, irei discorrer sobre o encontro com a temática e a proximidade com o assunto. Como exposto anteriormente, a hipótese me direcionou para uma abordagem que se aproxima da realidade dos estudantes. Logo, considerando que a escola onde as atividades foram desenvolvidas está inserida em uma comunidade caracterizada pela cultura pomerana, na qual alguns hábitos culturais são preservados e fazem parte do cotidiano dos estudantes, surgiu, então, um dos primeiros motivos que me levaram a incorporar esses assuntos em sala de aula. Foi no movimento de observar o contexto em que a escola está localizada que fui sendo direcionada a essa nova abordagem em sala de aula.

Certamente, por estar inserida nesse contexto, a aproximação com o assunto também influenciou essa escolha. Ainda na infância fui orientada por valores tradicionais de uma família pomerana, onde o trabalho e a família se estabelecem como valor. A partir desse período, fui estimulada a falar o idioma com meus pais e avós e também a seguir os costumes tradicionais. Eles sempre julgaram importante valorizarmos nossas raízes, cultivar o idioma e preservar os costumes passados de geração em geração. Uma das formas manifestadas era o incentivo a participação

em um grupo de danças folclóricas típicas, o Korn Blume, do qual participei durante anos.

Não recorro quando aprendi a falar o idioma, pois acredito que foi e é um processo de escuta ao observar os mais velhos falar que acabava na absorção de vocabulário. Desde criança fui estimulada ao idioma⁷ aprendendo palavras que eram mais utilizadas no cotidiano. Até hoje não domino o idioma como algumas pessoas, mas me considero uma pessoa disposta e curiosa a aprender. Descubro e aprendo bastante com minha avó paterna – avó que tenho mais convívio por residir próxima a minha casa – e com meu namorado, que domina mais o idioma. Sempre que ouço alguma palavra que até então não conhecia, busco descobrir o significado.

Recordo-me que no ensino fundamental, em uma pequena escola na zona rural de Pelotas, havia uma colega que apenas compreendia o pomerano e que tinha dificuldades com o português, visto que em sua casa o idioma que predominava nas conversas entre os familiares era o pomerano. Lembro-me que a comunicação dela com a professora era difícil, pois mesmo sendo de origem germânica, como a grande maioria dos professores daquela escola, ela não aprendeu o idioma, compreendendo apenas algumas palavras. Devido a essa dificuldade, eu e os demais alunos ajudávamos na comunicação entre elas. Com o tempo ela foi sendo alfabetizada em português, mas com certa dificuldade.

Ao longo da minha vida escolar, estudei com colegas que sabiam o idioma e, por vezes, em nossas conversas acabávamos falando. Em sala de aula tínhamos uma restrição, visto que alguns colegas e professores não compreendiam, não podíamos falar, por julgarem que poderíamos estar falando “mal” dos outros. Essa restrição me faz resgatar a história, onde ao longo do processo de colonização na região existiram episódios de proibição do idioma, a seguir irei retornar a essa restrição.

Na minha família, a grande maioria sabe e mantém o idioma. Apenas alguns, como meus primos que se mudaram para a cidade do Rio Grande, e os mais novos, nascidos a partir dos anos 2000, não dominam o idioma. Por vezes, compreendem o que escutam, mas tem “vergonha” de falar, por não ser um idioma fácil em

⁷ Muitos consideram que o pomerano seria um dialeto, uma variante do alemão, no entanto, é um equívoco. Mesmo que por muito tempo tenha sido considerada uma língua ágrafa, o pomerano deve ser considerado idioma.

pronunciar certas palavras. Às vezes, para as perguntas em pomerano, as respostas se baseiam apenas “*Jâ*” - sim e “*Në*” - não, mesmo sem ter relação com a questão, mas por serem palavras mais fáceis e por saberem o significado.

Com o passar do tempo, nota-se que muitos pais acabam não ensinando o idioma e/ou os filhos não demonstram interesse em aprender. Ou as crianças já falantes do pomerano, ao ingressarem nas escolas para serem alfabetizadas em português, acabam posteriormente resistindo em falar o pomerano em casa, em decorrência do constrangimento muitas vezes enfrentado por não terem compreendido o português inicialmente nas aulas, como menciona Erineu Foerste (2014).

Além disso, o idioma, por vezes é deixado de ser ensinado aos mais novos, com afirmações vindas de pessoas da comunidade de que “aprender não vai agregar em nada na vida da pessoa”. Acredita-se que o receio de ensinar aos mais jovens o idioma seja em decorrência das dificuldades que passaram no passado, com restrições, proibições e perseguições políticas, assim como menciona Erineu Foerste (2016). Essa apreensão seria uma forma de “proteger as gerações mais novas de enfrentar as mesmas dificuldades pelas quais passaram no período da escolarização, decorrentes de sofrimentos relacionados ao preconceito e exclusão vividos na própria pele” (FOERSTE, 2016, p. 43).

Em relação a afirmação apresentada anteriormente, talvez não vá mesmo mudar a vida da pessoa, mas acredito que seja importante essa manutenção, por criar uma espécie de vínculo com quem fala o idioma e compartilha os mesmos costumes. Isso auxilia no sentimento de pertencimento, por se considerar parte de algo e que, para seguir existindo e presente na vida das pessoas e das novas gerações, necessita ser estimulado e ensinado, caso contrário, se perde.

Esses fatos narrados são frequentes na localidade em que nasci e moro, Colônia Triunfo, Pelotas/RS, região que foi colonizada por imigrantes, na maioria pomeranos chegados ao Rio Grande do Sul por volta da segunda metade do século XIX, instalados na região de São Lourenço do Sul/RS. Nessa localidade, no extremo sul do estado, os costumes e tradições ainda são evidentes, pois mantém-se vivo o idioma e as características culturais estão presentes na gastronomia, nas festas religiosas e demais manifestações culturais passadas para as gerações mais novas.

Um episódio que foi importante ao longo da graduação, que agora “tiro da gaveta” e que de certa forma me estimulou para tratar do pomerano na minha pesquisa de mestrado, foi um trabalho desenvolvido em 2017, na disciplina de Cultura Brasileira, que faz parte do currículo do curso de Artes Visuais como disciplina obrigatória, ministrada pela professora Dra. Caroline Bonilha.

O trabalho solicitado pela professora tinha como linguagem livre, podendo ser pintura, desenho, artigo ou outra, mas que a escolha fosse justificada e a temática deveria ser sobre o conteúdo tratado ao longo das aulas. A proposta do trabalho foi feita já nos primeiros encontros, mas conforme passavam-se as aulas ainda não sabia o que iria desenvolver.

Foi, então, que ao falarmos do processo de imigração no Brasil, surgiu o pomerano e outros povos no diálogo sobre a construção da identidade do Brasil e sobre o processo de miscigenação. Descobri e fiquei abismada que um dos motivos da chegada de meus antepassados ao Brasil no século XIX era para o processo de branqueamento da população, que em grande parte era negra. O governo não queria que acontecesse o mesmo que aconteceu com o Haiti em 1986, onde escravos negros revoltaram-se e massacraram a elite francesa branca (RÖLKE, 2016), e, também, por considerarem que os mestiços eram uma raça inferior, pois ao se misturarem tornavam-se mais fracos. Então, o branqueamento surgiria para aumentar a população branca. Esses e outros motivos que levaram os pomeranos a embarcarem ao Brasil serão expostos no próximo subcapítulo.

No momento me identifiquei com o assunto e me despertou o interesse em saber mais sobre a história do meu povo, que acaba não sendo contada, nem pelas pessoas mais velhas e nem na escola. Foi aí, então, que descobri sobre o que seria meu trabalho final.

O objetivo era fazer um pequeno folheto A5 com uma pequena história do povo pomerano, sua chegada ao Brasil, o processo de colonização na região e a atualidade. Contudo, devido a identificação com o tema e a curiosidade despertada em mim, ao passo que ia lendo artigos encontrados na internet, descobrindo fatos desconhecidos, o meu texto ia ganhando páginas e mais páginas. Acabei tratando da imigração pomerana no Brasil e afunilando para Rio Grande do Sul, São Lourenço do Sul e Arroio do Padre e ao final do texto falei sobre um grupo de

danças folclóricas que participei durante anos, o “Korn Blume⁸”, que ainda mantém viva a tradição da dança.

Assim como o trabalho narrado, quando tive grande identificação com o assunto por ser de origem pomerana e com o significativo interesse em desenvolvê-lo, acredito que os professores, ao trazerem elementos do cotidiano e da cultura, acabam suscitando um entusiasmo pelo conteúdo nos estudantes. Tendo vivenciado isso na graduação, entendo ser uma contribuição importante trazer esses elementos em sala de aula, tratando-se principalmente de escolas que estão inseridas nesse contexto, valorizando, desse modo, também a história dessas localidades.

Soma-se ao exposto a percepção de que a cultura pomerana está se perdendo e que existe uma espécie de desvalorização. Sendo assim, julgo necessário que abordagens voltadas nessa perspectiva sejam criadas, buscando a manutenção e a valorização dessas manifestações.

De forma geral, os pontos aqui narrados influenciam no direcionamento da pesquisa, como também na experiência de formação, como apresenta Martins (2014), ressaltando que a narrativa sobre experiências é algo inerente ao processo de (auto)formação, sendo que nos colocamos como objeto de reflexão. Segundo a autora, os símbolos culturais e as formas de vida atravessam a formação de professores.

Essa escrita aqui trazida me provoca uma autorreflexão sobre as experiências formativas e formadoras que tive, o que vai de encontro com a afirmação de Josso:

Explicitar a singularidade e, com ela vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida. (JOSSO, 2004, p. 9).

No próximo subcapítulo apresento um levantamento de pesquisas em algumas revistas da área e no portal da Capes, com o intuito de desenvolver uma pesquisa com embasamento teórico mais coerente.

⁸ O nome do grupo remete a uma flor azul originária da região da Pomerânia.

1.3 Mapeamento de pesquisas

Este subcapítulo é dedicado a um mapeamento de pesquisas que se relacionam com o presente estudo. Para isso, foi feita uma busca em periódicos de revistas do campo da Arte, como Palíndromo, GeArte e Visualidades, tendo como descritores as palavras “pomerano”, “ensino da arte” e “diários de viagem”, no período de 2015 a 2020. Desse movimento de pesquisa, não foi possível encontrar nenhuma pesquisa sobre pomerano e nem sobre “diários de viagem” nessas revistas. Já a partir da palavra-chave “ensino da Arte” foi possível encontrar 186 pesquisas. Dentre essas, a partir da leitura dos resumos, foram selecionadas as que mais dialogavam com esta pesquisa, resultando em 2 produções.

O artigo *“História fotografada, história (com) partilhada: imagens e vozes de Cotia”*, de Sandra Regina Chaves Nunes, publicado em 2018, é um texto que discute sobre a criação de um blog-álbum do cotidiano de moradores da cidade de Cotia. Este blog surgiu em decorrência de uma experimentação que envolvia narrativas e fotografias para o ensino de linguagem popular e culta, nos cursos de Gestão Empresarial e Gestão da Produção Industrial da Fatec Cotia, através da história oral, onde moradores da localidade falaram sobre seu passado, presente e da sua própria vida, a partir de uma fotografia. A autora afirma que o blog pretende reviver e reavivar a memória local, a partir de histórias de pessoas comuns, em sua grandiosidade cotidiana, que foram transcritos pelos estudantes. A proposta desenvolvida por ela visava estimular a escrita de textos. Este artigo dialoga com a presente pesquisa, visto que procura valorizar as histórias e ensinamentos de pessoas comuns.

Lêda Guimarães, no artigo *“Artes, design e cultura visual do povo: uma conversa entre mulheres”*, publicado em 2018, traz uma discussão pautada em referenciais teóricos femininos, como Ana Mae Barbosa, Lélia Coelho Frota, Lina Bo Bardi, Adélia Borges e Ivone Richter. Essas autoras discutem questões voltadas à arte e a cultura no ensino de artes, relacionando com fazeres artísticos contemporâneos, buscando ampliar as concepções de cultura popular e arte popular. Ao longo do artigo a autora apresentou a concepção de cada autora sobre o

tema, fazendo associações e aproximações entre elas. Este artigo me possibilitou ampliar o repertório de discussões sobre a questão da cultura visual de um povo, apresentando diferentes concepções de cada teórico. Neste momento da pesquisa, a que mais se relaciona com a minha pesquisa é a ideia de Ivone Richter, que inseriu valores estéticos presentes na esfera doméstica, como o crochê, em sala de aula, até então não considerados como formadores de repertório artístico-cultural, entendendo que a arte está no cotidiano e não apenas nas obras de arte.

Visto que foram encontradas poucas pesquisas nesses periódicos, ampliou-se a busca para a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os mesmos descritores. Logo, foram encontrados 36 resultados para pomerano, sendo selecionadas as pesquisas com proximidade a este estudo, totalizando 7 produções, sendo 6 dissertações e 1 tese.

A dissertação intitulada "*A comida na cultura pomerana: simbolismo, identidade e sociabilidade*" de Adriele Schmidt, defendida em 2015 na Universidade Federal de Viçosa, apresenta uma discussão sobre a cultura pomerana e os marcadores de identidade, com foco nos aspectos culturais da comida pomerana em seu uso ritual e cotidiano pelos imigrantes residentes em Santa Maria de Jetibá e em Itarana Espírito Santo - Brasil. A pesquisadora constatou que aqui no Brasil os imigrantes reinventaram seus modos de vida, sem romper com suas tradições, mantendo aspectos culturais, como a língua, a religião, a forma de ser, trabalhar e festejar. Em relação a comida e as tradições culturais e os rituais envolvidos, elas constituem-se como heranças que são preservadas e repassadas entre gerações e carregam simbolismo, afetividade e crenças, além de contribuírem na manutenção das relações sociais entre as famílias.

Em sua dissertação, Adriele Schmidt trouxe a contextualização sobre o pomerano, os motivos de imigração e os locais de instalação, no entanto, seu enfoque foi em relação a comida, perpassando pelas principais comidas típicas, como são consumidas, as preparadas no cotidiano e as servidas aos domingos e nas festividades. Em relação às festividades, ela ainda apresentou um panorama das festividades religiosas ligadas ao calendário litúrgico luterano e os ritos de passagem, apontando os alimentos consumidos e as crenças e tradições relacionadas a essas festividades. Ao final de seu texto, ela também destacou a

importância dos idosos e seu papel como guardiões da memória e histórias pomeranas.

Destaco algumas comidas apresentadas ao longo do texto, como *miyherbroud*⁹ (pão de milho tradicionalmente preparado com a mistura de batata doce, inhame, cará, aipim e fubá de milho branco ou amarelo) e bolo ladrão ou bolo xadrez ou *spitsbuubkuuchen*¹⁰, dadas como típicas pelos pomeranos na região do Espírito Santo. Esses alimentos apresentam diferenciações (o pão/brote é geralmente feito apenas de farinha de milho ou de trigo) ou ainda não fazem parte dos alimentos consumidos na região sul do Brasil, da mesma forma que outros alimentos citados ao longo do texto, o que demonstra diferenças entre as regiões colonizadas por imigrantes pomeranos. Logo, em contrapartida, algumas comidas se assemelham, como o consumo de linguiças e sopas de galinha.

Em relação aos ritos de passagem e as festividades religiosas, noto grandes aproximações com os aspectos culturais da região sul, como a prática do silêncio, não se divertir e nem trabalhar na Sexta-Feira Santa. Outra tradição mencionada e que se difere é o *Stiepen* (aqui na região chamamos de *Stüpas*), onde uma pessoa, na manhã de Páscoa, acordava as demais com galhos molhados dizendo “*Stiepen, stiepen, oustermoergen*” (Levantem, levantem, é manhã de Páscoa). Os ritos de batismo, confirmação e casamento também são bastante semelhantes. Quanto ao casamento, a autora mencionou a tradição de quebra-louças¹¹, o que não é algo que acontecia e acontece na região, os alimentos preparados na festa se diferem

⁹ “Foi uma invenção dos descendentes de imigrantes recém-chegados no Brasil, que na ausência do trigo, centeio e outros ingredientes utilizados na fabricação do pão, viram no milho uma alternativa para o preparo de um alimento calórico e nutritivo, capaz de lhes fornecer energia para o trabalho” (SCHMIDT, 2015, p. 78).

¹⁰ “Bolo, cuja massa doce e dura é espalhada em tabuleiros em espessura fina, recebendo uma cobertura de goiabada e um quadriculado da mesma massa sobre a cobertura. O quadriculado lembra a cela de uma cadeia, por isso o nome do bolo, que, por ser seco, se assemelha a um biscoito” (SCHMIDT, 2015, p. 79).

¹¹ “Um ritual em que uma senhora da família ou que faz parte do círculo de amigos dos noivos faz um discurso cujo conteúdo difere um pouco de um local para outro. Em síntese o discurso começa com duas perguntas: o que está acontecendo aqui? Será que é noite de quebra-louças? Enfatizando que um novo casal pretende deixar a casa dos pais para começarem a sua própria vida. A senhora prossegue jogando flores aos pés dos noivos, dá-lhes presentes (para a noiva pode ser flores, chaleira, colher de pau e para o noivo enxada, machado ou cigarro), faz desejos aos noivos e durante a conversa finge que deixa uma peça de louça cair no chão dizendo “ah! com a nossa boa conversa o prato escorregou da mão!”, sendo a partir desse momento jogadas uma peça de louça para cada desejo que se faz aos noivos a saber, sorte, saúde e amor. Jogadas essas louças, a senhora dá a cada um dos noivos uma vassoura para que após a dança possam varrer a poeira para fora do salão e de suas vidas” (SCHMIDT, 2015, p. 116-117).

também. O que se assemelha são as danças, como a dança da noiva e da vassoura, mas os momentos que são dançados também se diferem.

De forma geral, o trabalho apresentou algumas características culturais que se aproximam da vivenciada na região Sul, como em relação às comidas, as tradições, os ritos de passagem e as festividades. Percebo que existem aproximações e muitas diferenças relacionadas a esses aspectos. O trabalho me possibilitou evidenciar que a questão da comida está fortemente relacionada com as manifestações em diferentes instâncias dos pomeranos, tanto festividades, rituais, e no próprio cotidiano.

A dissertação de Edineia Koeler, defendida em 2016, na Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada *Uma professora pomerana e sua comunidade*, apresenta uma discussão pautada na educação em uma comunidade tradicional pomerana e traz o caso de uma professora que se autoidentifica como membra da comunidade, e com isso favorece a construção de uma educação para e com a comunidade. A autora discutiu o processo de construção e manutenção das relações entre a docente com o contexto e o que isso representa para as lutas coletivas a favor da educação. Essa professora residia e trabalhava na região de Alto Santa Maria, no Espírito Santo, e acabou criando vínculos com a comunidade.

De acordo com o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, os pomeranos integram os povos e comunidades tradicionais do Brasil. O Art. 3º do seu anexo aponta que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Assim, almeja-se uma educação que ajude na manutenção dessa cultura e nos anseios da comunidade – luta pela educação, permanência dos/das jovens no campo, produção agrícola sustentável e fortalecimento da cultura – se não na homogeneização.

Dessa forma, a professora procurou desenvolver alguns projetos para auxiliar no aprendizado do português dos pomeranos e entender, com alguns dicionários voltados à educação infantil. A professora, foco da pesquisa, também inspirou o Programa de Educação Escolar Pomerana (Proepo), que representou uma conquista dos pomeranos pela valorização da cultura dentro das escolas públicas

em contexto pomerano. De forma geral, a partir da aproximação com a cultura e com o idioma, e na valorização da cultura, ela encontrou um meio de construir uma educação mais humana.

Acredito que essa professora é mais um exemplo, de muitos a serem seguidos e utilizados como inspiração, em que os docentes almejam contribuir no aprendizado dos alunos envolvendo a comunidade. Ela, por estar inserida no contexto e conhecer os anseios e as dificuldades locais, procurou contribuir da sua forma. E é justamente esse ponto que mais me interessa e me movimenta.

A dissertação de Gerson Altenburg, defendida em 2017, na Universidade Federal de Pelotas, intitulada *Contextualizando Cultura e Tecnologias: Um Estudo Etnomatemático Articulado ao Ensino de Geometria*, é outro exemplo que se aproxima da dissertação mencionada anteriormente. Neste caso, Gerson utilizou a arquitetura pomerana para o ensino de geometria, onde os alunos fizeram um levantamento de fotografias dessas construções a fim de analisar as formas geométricas encontradas. A partir dessa proposta, aprenderam sobre geometria, cálculos matemáticos e resgate de aspectos da cultura pomerana a partir dos traços arquitetônicos.

Da mesma forma que a professora referenciada anteriormente, Altenburg (2017) também estava inserido na mesma comunidade que os estudantes e convivia com diversas manifestações culturais pomeranas. Logo, o anseio dele era sobre o que ele poderia vincular com a matemática na realidade deles. Essa proposta foi considerada pelo pesquisador como um aprendizado que será levado para toda vida, pois integra a matemática a sua realidade, resgatando e vivenciando sua cultura de uma maneira diferenciada.

Atento-me à dissertação de Altenburg (2017) pelo fato de ser possível tecer algumas relações e aproximações com o meu estudo, que da mesma maneira procura estabelecer relações do cotidiano dos alunos com o conteúdo abordado em sala de aula, além desse desejo se dar por estar inserida nesse contexto.

A dissertação de Adriana Kovalski, defendida em 2019, na UFPel, intitulada *Produção de Vídeo e Etnomatemática: representações de geometria no cotidiano do aluno*, se aproxima da pesquisa de Altenburg (2017), antes analisada, pois ambos utilizam a Etnomatemática – matemática inserida num contexto de aprendizagens do

dia a dia, dos fazeres de um povo, um lugar, uma comunidade. Kovalski (2019) discutiu a produção de vídeos com a etnomatemática, identificando os fatores que contribuíram para a ocorrência de aprendizagens de Geometria no 8º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola do município de São Lourenço do Sul, formada em grande parte por estudantes pomeranos. A pesquisadora também se considera pomerana, no entanto, não fala o idioma e reside na cidade. Ela afirma que foi uma grande oportunidade trabalhar em uma escola que incentiva a valorização da cultura pomerana e que isso contribuiu para conhecer mais sobre sua cultura de origem.

A proposta de produção dos vídeos era sobre a geometria e a criação livre, e em grupo. Dos 6 vídeos produzidos, 2 trouxeram aspectos da cultura pomerana, sendo que não houve solicitação disso, ou seja, os alunos optaram em abordar esse tema por conta própria e, além disso, se mostraram entusiasmados em tal abordagem. Cenas e elementos do cotidiano dos alunos foram bastante presentes nas produções dos estudantes através dos cenários, o fumo, a terra, as plantações, o trabalho, o desejo de boa colheita, particularidades de uma plantação – arar, plantar, colher. Até a língua pomerana foi utilizada em um dos vídeos, apresentando legenda em português.

Os elementos da geometria que apareceram nos audiovisuais foram, por exemplo: curva de nível; ângulos dos implementos agrícolas; ponto, reta e plano. Um recurso importante utilizado pela professora pesquisadora foi o diário de bordo da pesquisadora e caderno de anotações dos estudantes, esse que de certa forma pode ser entendido como um diário. Nele, os estudantes apontaram suas ideias, roteiro, rascunhos, alguns conceitos estudados, dúvidas. A pesquisadora relatou que a produção de vídeos durante as aulas de matemática proporcionou novas habilidades, aprendizagens, interações, além de possibilitar que aprendessem se divertindo.

A dissertação de Kovalski (2019) apresentou dois pontos que se aproximam com a presente pesquisa: uma prática que relacione o cotidiano dos alunos com os conteúdos em sala de aula; e o uso dos diários que, mesmo que os cadernos dos alunos não tenham sido o foco da discussão, se apresentaram também como um recurso para que os alunos desenvolvessem uma escrita mais particular.

A dissertação *Receitas Culinárias Pomeranas: Integrando saberes e sabores em uma escola multisseriada do município de São Lourenço do Sul* de Tamires Holz Gehrke, defendida em 2020, na UFPel, problematiza a contribuição da cultura pomerana no processo de aquisição do conhecimento, com ênfase na matemática. Durante a pesquisa de campo, foram coletadas receitas tradicionais pomeranas consumidas pela comunidade. Assim como nas pesquisas anteriores, Gehrke (2020) também utilizou a etnomatemática, porém, discutiu a matemática a partir de receitas culinárias que faziam parte do cotidiano dos estudantes. Eles aprenderam na prática sobre frações, proporções, dobro, soma, divisão, multiplicação, formas geométricas, quantidades e unidades de medidas. Da mesma forma, colaboraram no registro e na preservação das memórias e da história de seu povo.

Ao longo da escrita, a pesquisadora realizou um mapeamento de preparos consumidos pelos pomeranos na comunidade e escolheu 3 dessas receitas para preparar com estudantes, são elas: cuca (*kuchan*), bolinho de batata (*rievalsback*) e bolachinha de Natal (*dóos*). Com essa prática, a professora possibilitou, além da aprendizagem dos conteúdos matemáticos, uma abordagem que resgatasse e estimulasse a preservação de aspectos da cultura e valorizasse o contexto dos estudantes durante as práticas em sala de aula. Como resultado final do estudo, a pesquisadora também elaborou um material com as receitas reproduzidas e outras mencionadas pelos familiares dos estudantes, além de um material pedagógico sobre os temas estudados com os alunos.

Essa dissertação apresenta mais um exemplo bem-sucedido de professores que se apropriam do contexto dos estudantes e desenvolvem uma prática que leve isso em consideração, contribuindo tanto no campo educacional quanto no cultural, preservando e ativando aspectos da cultura. Experiências como essa e outras apontadas anteriormente me instigam, pois procuram estabelecer um diálogo entre a cultura dos estudantes com o conteúdo em sala de aula, de forma a contribuírem em diferentes instâncias.

A dissertação de Maurício Schneider, intitulada *Identidades em rede: um estudo etnográfico entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes*, defendida em 2015, se diferencia das demais apresentadas anteriormente, por não se relacionar com o contexto educativo. No entanto, trata-se de um estudo sobre as

relações entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes¹². Nesse estudo, o pesquisador observou que os grupos estabeleciam relação principalmente no trabalho, produção de fumo, através da mão de obra, troca de serviços e parcerias, revelando relações de reciprocidade e dependência entre os dois grupos. A questão da religiosidade foi outro ponto destacado por Schneider (2015). Ele observou que, apesar das diferenças, por vezes os grupos compartilhavam das mesmas práticas, como a benzeção. A maioria das benzedadeiras são quilombolas e são procuradas também por pomeranos para promover a cura de diversas doenças, tais como dores de cabeça, de estômago, de dente, feridas e doenças de pele.

Schneider (2015) também apontou que tanto os pomeranos quanto os quilombolas sofreram processos de estigmatização e de silenciamento de suas identidades, mas de formas diferentes, e que algumas ações surgiram para valorizar a cultura pomerana, e sugeriu que algumas dessas ações acabam acentuando a invisibilidade da identidade quilombola. Logo, por isso, procurou observar as relações entre os grupos. Dessa forma, observou que os pomeranos e quilombolas estavam em constante interação; frequentavam os mesmos locais, como festas de comunidade, escolas, postos de saúde; e compartilhavam as mesmas práticas, como o trabalho e a religiosidade, além de muitos quilombolas falarem o pomerano.

No entanto, também se diferenciavam de diferentes maneiras, como pelos termos pelos quais são chamados por vezes de forma pejorativa. Pomeranos eram chamados de pomeranos e alemães, com os adjetivos batata, grosso, de merda. Os quilombolas eram chamados de quilombolas ou de morenos. Logo, com esse estudo o autor demonstrou que esses grupos mantinham constante interação, mas que existiam conflitos entre eles.

A dissertação de Schneider (2015) contribuiu para uma reflexão mais aprofundada sobre as relações estabelecidas entre pomeranos e quilombolas, na região da Colônia Triunfo, localidade onde resido. O autor ressaltou uma relação de dependência entre esses povos, pois ambos, de alguma forma, necessitam um do outro, principalmente quando se trata de trabalho, além de, às vezes, compartilharem de mesmas práticas religiosas. Essas ligações entre os pomeranos

¹² Região sul do estado do Rio Grande do Sul. Abrange municípios como Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas e São Lourenço do Sul.

e quilombolas são muito familiares para mim, pois estou próxima a essa realidade, contudo, o estudo de Schneider (2015) possibilitou um aprofundamento sobre essa convivência entre os diferentes grupos.

A tese de Cristiano Gehrke, *Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses, italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes/RS: Descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa*, defendida em 2018, também vai em outra direção, mas que também auxilia a pensar sobre os registros fotográficos dos grupos étnicos. Ao longo do estudo, Gehrke (2018) procurou analisar os registros fotográficos expostos nesses museus, buscando estabelecer diferenças e aproximações entre os registros dos três grupos, em busca de estabelecer quais eram aspectos culturais mais representativos de cada grupo.

Ao longo do texto, o pesquisador discorreu sobre o processo de imigração de grupos étnicos, especificamente pomeranos, italianos e franceses, para a região sul, para a Serra dos Tapes, discutindo sobre os motivos que os levaram a imigrar, analisando o seu processo de ocupação em solo gaúcho, com foco nas regiões onde estão localizados os museus. Gehrke (2018) analisou alguns conceitos como identidade cultural, etnicidade e grupo étnico, colono, museu, patrimônio cultural. Em um dos capítulos, o autor tratou sobre os museus e seu papel de preservar elementos culturais de grupos étnicos. A discussão sobre a fotografia foi pautada nas suas potencialidades e limitações, seu papel como registro histórico, como foi inserida na região, quais eram os profissionais, além do acervo de cada museu analisado. Ao final, ele fez uma análise comparativa entre os acervos.

Esse estudo possibilitou verificar as similaridades entres os grupos étnicos, dadas principalmente pela proximidade geográfica e pela inserção em uma ruralidade condicionada às características naturais da região. Em relação às fotografias, Gehrke (2018) evidenciou um baixo número de registros encontrados nesses museus, assim como de doadores, sendo esses ainda, em maior número, mulheres, podendo ser atribuído a elas o papel de “guardiãs de memórias”, sendo elas as responsáveis por decidirem o que poderia ser doado e o que não. O pesquisador também mencionou o episódio de proibição de idiomas que não fosse o português, e que isso influenciou a perda de registros fotográficos desse período.

No geral, as temáticas encontradas nos museus se aproximam muito e foram classificadas em retratos, religiosidade, lazer, transporte, paisagem, comunicação, ocupações, arquitetura e educação. Os registros eram feitos principalmente de eventos e acontecimentos que não eram rotineiros, como festas, confirmações, momentos cívicos nas escolas, já o que era rotineiro não merecia o registro, até por ser de grande custo.

A tese de Gehrke (2018) me interessa pela discussão que ele desenvolve ao longo da pesquisa, procurando, através de um levantamento de registros fotográficos de diferentes museus que guardam acervos de imigrantes que colonizaram a região da serra dos Tapes, buscar aproximações e distinções entre eles. O estudo também contribui para pensar sobre os registros fotográficos encontrados principalmente sobre os pomeranos e suas particularidades.

A partir do termo “Diários de viagem” foram encontradas 93 produções. No entanto, após a leitura dos resumos, verifiquei que nenhuma se aproximava dos intuítos desta pesquisa. Logo, iniciei uma busca por “Ensino da Arte” e “Diários”, o que resultou em 151 produções, das quais selecionei 3, sendo 2 dissertações e 1 tese.

A dissertação de Cristine Schussler Vasconcelos, defendida em 2019, intitulada *‘entre’ multiplicidades de um coletivo: sobre a produção de diários da prática pedagógica*, traz uma discussão sobre diários produzidos por estudantes dos estágios curriculares Supervisionados III e IV do curso de licenciatura em Artes Visuais da UFSM e possíveis interlocuções e contribuições na produção docente e na pesquisa em arte e educação. Ao longo do estudo, a autora verificou que os diários, tanto na sua elaboração quanto na sua partilha com os demais, são potentes para pensar a formação e prática docente, pois estão carregados de visualidades, singularidades e produções de sentido de cada um.

Os compartilhamentos dos diários entre os estudantes possibilitaram agenciamentos e interlocuções, tanto na esfera educacional, dos projetos, das aulas e leituras, quanto numa esfera mais íntima, de dilemas, dúvidas, medos, inquietações e alegrias, que também constituem o docente. De forma geral, a pesquisadora evidenciou a potencialidade do uso dos Diários da Prática Pedagógica (DPPs) durante o estágio Supervisionado. Vasconcelos (2019) contribuiu para

pensar sobre a relevância dos diários na prática e formação docente e na pesquisa em arte e educação e demonstrou que estão carregados de sentidos e subjetividades.

A dissertação de Luciana Cozza Rodrigues, intitulada *Produção de sentido e visualidades: Possibilidades da Artes no cotidiano escolar* (2018), discute a produção de sentido e a criação através de imagens e suas influências nas relações socioculturais, éticas e estéticas. Como recurso em sala de aula, Rodrigues (2018) utilizou diários, onde os estudantes registravam, por exemplo, questionamentos, observações, depoimentos, desenhos, imagens, reflexões sobre o trabalho realizado e narrativas sobre o cotidiano. Esses diários, segundo a autora, possibilitaram uma liberdade de expressão, que também foi desenvolvida a partir das demais oficinas. Durante essas oficinas, os alunos repensaram as imagens consumidas, a forma como isso ocorre na sociedade e no seu cotidiano, assim como construíram saberes capazes de instaurar novos olhares e novas relações e capazes de modificar suas ações. A pesquisa de Rodrigues (2018) me interessou por apresentar uma experiência escolar na qual a professora utilizou diários em sala de aula como resultado satisfatório.

A tese de Maria Angélica Vago Soares, defendida em 2017, intitulada *Imagens e memórias: narrativas vivas em (com)textos educativos*, discute sobre imagens e memórias nos contextos educativos. Ao longo da tese, foi apresentada uma experiência desenvolvida com crianças e adolescentes, na qual eles foram instigados a produzir narrativas a partir de imagens e memórias da cidade, do bairro e da escola. Essa ação foi desenvolvida durante as aulas de Arte e História, durante 2015 e 2016, sendo realizadas saídas de campos para visitarem espaços culturais da cidade e apreciação de vídeos e fotografias com imagens da região (Serra, ES).

Dessa forma, os alunos produziram narrativas a partir de registros fotográficos e memórias e se aproximaram de sua comunidade. Logo, os alunos tiveram grande liberdade para criar, estabelecendo relações com a história e com as pessoas da cidade, do bairro e da escola. Essas narrativas foram carregadas de subjetividades, afetos e emoções. Soares (2017) ressaltou a necessidade de estabelecer relações e trocas entre a comunidade e a escola, assim como entre os conteúdos pré-estabelecidos e questões do cotidiano, bem como a importância de pararmos e

escutarmos as histórias que estão guardadas na memória das pessoas com as quais convivemos. Ela apontou, também, que a partir dessa prática, que envolve rodas de conversas, passeios e outras ações, foram reativadas histórias adormecidas.

É possível tecer algumas aproximações entre a presente pesquisa e a tese de Soares (2017), pois ela tratou da utilização de diários em sala de aula, bem como de uma proposta de criação de narrativas, que se assemelha às proposições que estão inseridas no diário elaborado por mim e entregue aos estudantes.

O mapeamento de pesquisa realizado demonstrou um reduzido número de pesquisas produzidas durante os últimos anos que se relacionam com este estudo. A abordagem sobre o pomerano no campo do ensino das artes não apontou nenhum resultado, evidenciando poucas ou nenhuma pesquisa desenvolvida associando esses assuntos, ressaltando a necessidade de pesquisas que tratem sobre o pomerano e de culturas minoritárias em geral. As pesquisas sobre o pomerano, em grande parte, são pesquisas no campo da linguística. Também não obtive sucesso na busca sobre diários de viagem no campo do ensino, sendo que os resultados se direcionam para outras instâncias.

O levantamento, a leitura e a análise das produções foram importantes para o direcionamento desta pesquisa, trazendo questões relevantes ao estudo, como a importância da valorização das narrativas de pessoas mais velhas e da cultura pomerana, a inserção de temáticas próximas aos alunos em sala de aula e o uso dos diários em sala de aula na educação básica e superior. Apesar da carência de pesquisas relacionadas à abordagem que aqui proponho, as pesquisas encontradas auxiliaram a entender os direcionamentos dos demais pesquisadores, mas também, e principalmente, apontar teóricos sobre os assuntos, sendo que eles me direcionam a outros.

1.4 Uma viagem por algo tão familiar

*O objetivo da viagem não é pôr um pé em território estrangeiro,
é, finalmente, pisar no próprio país como se fosse território
estrangeiro.*

Neste subcapítulo, considerando a necessidade enquanto pesquisadora e professora em formação que almeja tratar sobre o pomerano em sala de aula, procurei de diferentes formas conhecer e reconhecer a história do povo pomerano. Essa busca aconteceu na esfera teórica, em deslocamentos e em conversas com familiares. Ao longo desta escrita, trago alguns registros do meu diário, bem como uma produção poética, ambas procurando resgatar alguns elementos da cultura. Este subcapítulo está dividido em 4 eixos, os quais veremos a seguir.

1.4.1 Em busca da história de um povo

Neste subcapítulo, partindo de alguns referenciais encontrados através do estado da arte e também do trabalho desenvolvido na graduação sobre o pomerano, realizo um reconhecimento sobre a história da imigração pomerana no Brasil, mais especificamente para a região de São Lourenço. Apresento algumas causas que motivaram o governo brasileiro a investir na imigração europeia no século XIX, os motivos que incentivaram os pomeranos a saírem de sua terra Natal e as adversidades encontradas por eles nesse processo.

O povo pomerano foi um dos povos que imigraram ao Brasil. Saíram da Antiga Pomerânia (Figura 4), localizada à beira do mar Báltico, região que hoje em parte pertence a Alemanha e outra a Polônia, instalando-se em maior número em estados como Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



Figura 4 - Mapa da antiga província da Pomerânia.
Fonte: Globo.com¹³.

Para Daniela Hackenhaar (2018) e Helmar Rölke (2016), diversos motivos motivaram o governo brasileiro a incentivar a imigração ao longo do século XIX. Como já mencionado, um deles foi para contribuir no “branqueamento” da raça brasileira, mas também teve o intuito de povoar as regiões com áreas desabitadas e que faziam fronteira com outros países, por necessitar de mão de obra, pois estavam sofrendo grande pressão internacional para abolirem a escravidão¹⁴, e para a criação de uma classe média.

Além disso, a população do Brasil também era caracterizada pela miscigenação. Esse cruzamento de raças, como negros, índios, mulatos e brancos, era entendido como um enfraquecimento, pois ao passo que iam se misturando iam se tornando mais fracos. O branqueamento da população também teria como ponto de partida o aperfeiçoamento racial através da eliminação gradual do elemento mestiço (SCHWARCZ *apud* HOLOWATE; JANZ JUNIOR, 2016).

A miscigenação se transformou em assunto privilegiado no discurso nacionalista brasileiro, vista como mecanismo de formação da nação desde os tempos coloniais e base de uma futura raça histórica brasileira, de um tipo nacional, resultante de um processo seletivo direcionado para o branqueamento da população. (SEYFERTH *apud* HOLOWATE; JANZ JUNIOR, 2016, n.p.).

Dessa forma, através da reprodução entre os indivíduos de raça branca com os julgados de raças inferiores haveria o branqueamento da população, um aperfeiçoamento racial. Como resultado se daria origem a uma raça tipicamente brasileira e superior. A pintura “A redenção de Cam” (Figura 5), por exemplo, de autoria de Modesto Brocos, considerada uma das obras mais preconceituosas,

¹³ Disponível em: <<http://www.globo.com/GloboRural/0,6993,EEC1671261-1641-3,00.html>>

¹⁴ No período da Independência do Brasil, a população contava com cerca de 68% de escravos e a grande maioria eram negros. E com isso, o governo temia que acontecesse o mesmo que por volta de 1806 no Haiti, onde, por meio de uma revolta, a população escrava negra dizimou a elite branca, que era francesa (RÖLKE, 2016). O governo julgava necessário que esse cenário se alterasse e que o número da população branca aumentasse.

remete exatamente à questão do branqueamento, onde da esquerda para a direita haveria esse “aperfeiçoamento”, da avó negra para o neto de pele clara.

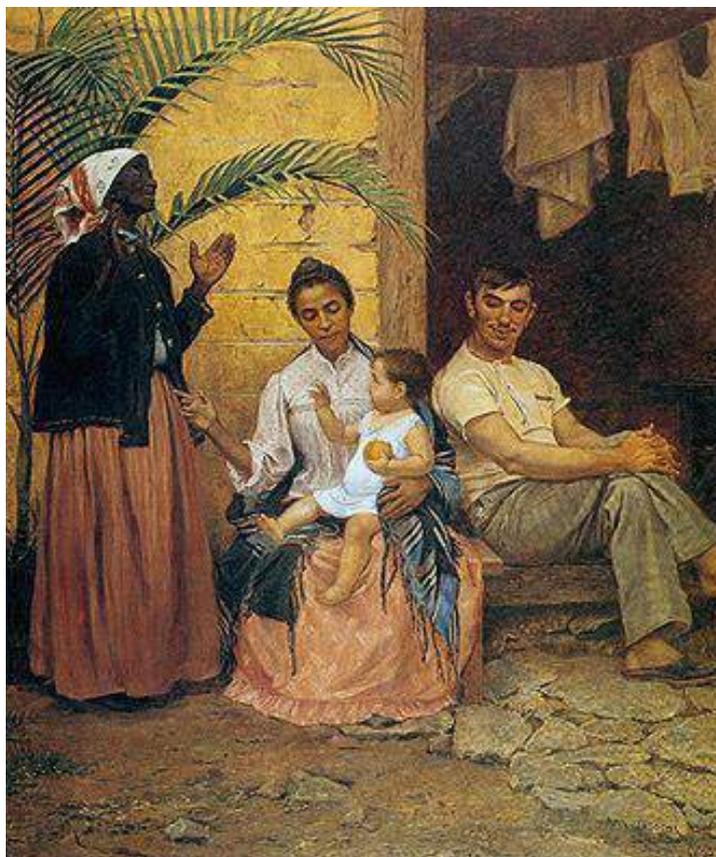


Figura 5 - A redenção de Cam. 1895. Modesto Brocos.
Óleo sobre tela. 199 cm x 166 cm.
Fonte: Itaú Cultural¹⁵

Outro motivo para o incentivo da imigração era para ocupar e povoar os vazios populacionais e as fronteiras, visto que poderiam ser facilmente atacados e ocupados por outras nações (HACKENHAAR, 2018).

Também era motivo a necessidade brasileira por mão de obra que não fosse escrava. O governo estava sendo fortemente tensionado pelos Ingleses para que ocorresse o fim do sistema escravista e com isso necessitavam de mão de obra. Segundo Iepson (2008), a questão da escravidão era uma das regras impostas pela Inglaterra quando, com a abertura dos portos, estabeleceu monopólio com o comércio brasileiro. A alternativa mais adequada para a obtenção de mão de obra seria a imigração voluntária (HACKENHAAR, 2018).

¹⁵ Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>>

O incentivo a imigração também é decorrente da necessidade da criação de uma classe média, composta por pequenos produtores e artesãos. Segundo Hackenhaar (2018, p. 38), visava-se “não basear a economia do país apenas nos grandes latifúndios”. Os imigrantes ficariam entre os extremos, latifundiários e escravos. Segundo Eduardo Iepsen (2008, n.p.), “criariam um novo modelo social, econômico e cultural, baseado na pequena propriedade, na mão de obra familiar e na policultura [...]”.

Devido aos fatores que incentivaram o governo brasileiro a investir na imigração, surge então os agentes de imigração, responsáveis por incentivar a imigração e recrutar o maior número de pessoas para viver e trabalhar em terras brasileiras. Segundo Hackenhaar (2018), os agentes recebiam de acordo com a quantidade de imigrantes embarcados ao Brasil, com isso, em busca de alcançar o maior número, faziam falsas promessas que não iriam se cumprir, “incentivando quem encontrava, exagerando e exaltando as qualidades do local do destino” (IEPSEN, 2008, n.p.).

Recordo-me que em 2017, quando li pela primeira vez sobre o papel dos agentes de imigração, fiquei abismada pelo fato de alguns deles enganarem os imigrantes, fazendo promessas falsas. Fiquei pensando que muitos dos pomeranos que chegaram ao Brasil vieram iludidos, com grandes expectativas que não foram cumpridas ao chegarem no país.

Muitos foram os motivos do governo brasileiro para incentivar a imigração para o Brasil, e também houve motivos que atraíram e motivaram os alemães e pomeranos a saírem de sua terra em busca de uma nova vida.

Paralelamente, segundo Magda Spindler (2013), a região da Pomerânia apresentava terras planas, rodeadas de lagos e rios, o que tornava a terra altamente produtiva para a agricultura, e também estava localizada próxima ao mar. Por apresentar características privilegiadas, despertaram o interesse de povos vizinhos e foram palco de numerosos conflitos e invasões, que causaram insegurança ao povo. Em decorrência disso, os camponeses passaram a abandonar o campo, em busca de segurança e melhores condições nos espaços urbanos, onde não encontraram grandes oportunidades, visto o advento da Revolução Industrial (SPINDLER, 2013).

Ao longo dos séculos, descortinava-se na Europa um cenário socioeconômico controverso: os conflitos por territórios eram constantes; os camponeses viam-se forçados a abandonar o espaço rural e deslocar-se para os espaços urbanos; o trabalho artesanal reduzia-se em virtude do processo de industrialização; as manufaturas substituíam o trabalho manual pelas máquinas, logo, não conseguiam mais absorver todo o excedente de trabalhadores; entre outras ocorrências. (SPINDLER, 2013, p. 43).

Logo, homens e mulheres estavam dispostos a deixarem sua terra em busca de sobrevivência. Tinham o objetivo de buscar melhores condições de vida para si e para seus descendentes, num lugar que teriam terras e que pudessem produzir seus alimentos. As promessas e as propagandas induziam cada vez mais esse interesse em sair rumo ao Brasil. Enxergavam na migração ao Brasil um futuro que suas terras não poderiam mais oferecer.

Fortes propagandas eram feitas e espalhadas para atrair imigrantes e, somando-se com as dificuldades que enfrentavam, influenciaram o desejo de migrar. As narrativas dos viajantes transmitidas através da literatura e dos relatos, bem como por meio das propagandas em jornais, eram de fascínio pela natureza, pelos animais selvagens e exóticos, e alcançaram o imaginário dos imigrantes. Daniele Hackenhaar (2018) afirma que o Alemão Alexander Von Humboldt (1769-1859), que comandou a primeira pesquisa sobre a América do Sul, foi um dos que inspirou a imaginação dos imigrantes.

Para o Brasil, para o Brasil!
Meus sentimentos agora me levam,
Para onde há vagalumes saltitantes,
E jacarés ameaçadores,
Onde ousados mandris
Pulam em meio a plantas raras
Para lá, meu velho, deixe me ir”!
Quem mais uma vez quiser viver feliz,
Este precisa partir para a jornada ao Brasil.
(BLÄTTER *apud* HACKENHAAR, 2018. p. 47).

A migração para o Brasil e para outros países acabou se tornando uma possibilidade de sobrevivência para os europeus de forma geral, por meio de iniciativas governamentais ou então particulares (SPINDLER, 2013). Os pomeranos, grupo étnico foco desta pesquisa, por vezes, incentivados por grandes promessas, fascinados com a ideia de prosperar em uma nova terra e descontentes pela situação que passavam na sua terra natal, saíram motivados por uma nova terra, lançando-se em longas viagens, levando consigo a família, o restante de suas

riquezas e sementes, para que pudessem recomeçar (Figura 6). Enfrentaram extensas viagens em péssimas condições, embarcações lotadas e com restrição de comida e água. Muitas mortes se desencadearam dessa precariedade, corpos foram lançados ao mar, sem nenhuma despedida digna (HACKENHAAR, 2018).

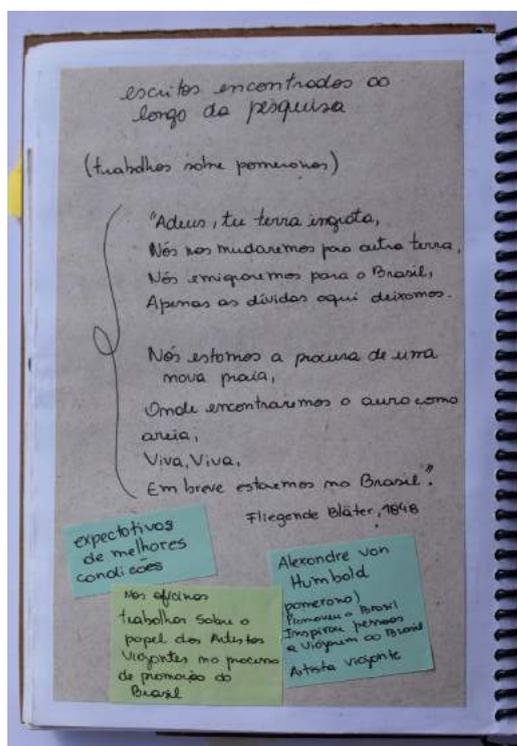


Figura 6 - Diário de viagem da pesquisadora. Escrito no dia 8 de Outubro de 2019.

Fonte: Diário da pesquisadora.

Escrevendo hoje as linhas deste texto, fico pensando como foi esse processo e quais os sentimentos que tomavam conta dessas pessoas. Em virtude das dificuldades que estavam passando em sua terra natal, largaram tudo que ainda tinham em busca de melhores condições, com a esperança de encontrarem um cenário de prosperidade no Brasil. No entanto, não sabiam que muitos deles estavam sendo iludidos e que seriam surpreendidos com outras grandes adversidades e desafios.

Como já mencionado, as principais regiões que receberam os imigrantes pomeranos no Brasil foram Santa Maria de Jetibá, no Estado do Espírito Santo, Pomerode, em Santa Catarina, e São Lourenço do Sul, no Rio Grande do Sul. As cidades vizinhas a essas acabaram recebendo também imigrantes, como é o caso

de Arroio do Padre, Canguçu, Pelotas e Morro Redondo no Rio Grande do Sul (BEIERSDORF; WEIDUSCHADT, 2013).

A imigração no Rio Grande do Sul, aconteceu principalmente para o município de São Lourenço do Sul, no sul do estado do Rio Grande do Sul. A Colônia de São Lourenço, na Serra dos Tapes, foi um empreendimento realizado por uma empresa particular, fundada no ano de 1858 por Jacob Rheingantz, e que recebeu o maior número de imigrantes pomeranos (HACKENHAAR, 2018; SPINDLER, 2013).

Jacob Rheingantz nasceu em Sponheim, uma região da Prússia Rhenana, em 13 de Agosto de 1817. Foi comerciante e administrador alemão. Beneficiou-se com a Lei de Terras de 1854 para adquirir 52 mil hectares de terra devoluta¹⁶, a qual ele pretendia colonizar com 1440 famílias dentro do período de cinco anos. Ele não estava sozinho, firmou sociedade com o fazendeiro José Antônio de Oliveira Guimarães, grande proprietário de terras.

A primeira leva de imigrantes embarcou em 31 de outubro de 1857 em uma embarcação holandesa, a velas, o *Twee Vieden*. Chegaram ao Brasil no início de janeiro de 1858, depois de uma viagem de 3 meses. Desembarcaram 88 imigrantes no Porto de Rio Grande, com destino a São Lourenço do Sul, que na época fazia parte do território de Pelotas (SPINDLER, 2013). Um monumento em homenagem a esses imigrantes foi criado (Figura 7).



¹⁶ Terras de em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse. O termo “devoluta” relaciona-se ao conceito de terra devolvida ou a ser devolvida ao Estado. Fonte: <<https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27510-o-que-sao-terras-devolutas/>>.

Figura 7 - Monumento em homenagem a Jacob Rheingantz, com o sobrenome dos primeiros imigrantes desembarcados em 18 de janeiro de 1858.

Fonte: Fotografia Mairin Rutz (2019).

Os primeiros imigrantes assentados chegaram em 18 de janeiro de 1858, procedentes de Altona, Hannover, Saxônia, Hamburgo, Holstein, România, Osterfeld, Lübeck e da Pomerânia. Dessa última região, vieram os casais Gottlieb Heling (3 filhos), Wilhelm Zíbell (1 filho) e Joahann Zíbell (5 filhos), os quais deram origem à comunidade pomerana inserida nesse núcleo colonial. Posteriormente, foram se agregando novos contingentes de pomeranos ou de descendentes, oriundos de outras regiões do Brasil. (SALAMONI, 2001, p. 6).

Hackenhaar (2018) afirma que Jacob Rheingantz manifestava a visão romântica de possibilitar a seus conterrâneos melhores condições de vida através da emigração. Contudo, na prática se tratava de um projeto que buscava apenas benefício próprio. Lotes de terras eram demarcados por Jacob e vendidos aos colonos, proporcionando grandes lucros ao empresário e ao seu sócio José Antônio de Oliveira Guimarães (THUM, 2009).

Empresas de colonização como a de Rheingantz tinha como objetivo a lógica do investimento de capital e de produção de lucro. As terras eram compradas por baixos preços, com uma propaganda de venda de lotes que atraíam muitas pessoas, principalmente devido aos prazos de pagamento. No entanto, os juros eram altíssimos e os colonos não tinham o direito de negociar os seus produtos agrícolas, que eram monopolizados pelo empresário colonizador. Tinham que ainda cumprir uma série de ordens, principalmente a de pagar os lotes, senão, teriam como obrigação se retirar destas propriedades. (BEIERSDORF; WEIDUSCHADT, 2013, p. 426).

Ao chegarem em novas terras, encantados com a exuberante natureza, mata nativa, a possibilidade de caça e com a produtividade da terra, estavam certos de um futuro promissor (THUM, 2009). Com o passar do tempo tomaram conhecimento das dificuldades que iriam enfrentar. Enviados para áreas de difícil acesso, rodeados de mata, deviam se adaptar ao relevo, necessitavam desbravar as matas, abrir caminhos, construir casas, igrejas e escolas.

“No Brasil, sentiriam as dores da saudade de casa enquanto a mata praticamente intocada os faria sofrer para enfim conquistarem seu tão sonhado pedaço de terra” (HACKENHAAR, 2018, p. 34), como indica a pintura de Pedro Weingärtner, *tempora mutare* (Figura 8). Pedro Weingärtner (Porto Alegre, 1853 –

1929) foi um artista gaúcho, filho de imigrantes alemães, que se interessou em registrar cenas do ambiente natural do Rio Grande do Sul. Ao ser apresentada ao trabalho do artista na graduação, fiquei imensamente feliz por um artista conterrâneo ter o interesse em retratar o cotidiano, especialmente cenas relacionadas aos colonos. Senti-me representada de alguma forma, visto que a grande maioria de obras apresentadas até então eram obras clássicas europeias e retratavam outras paisagens e outras personas.



Figura 8 - *Tempora mutantur* 1889. Pedro Weingartner. Óleo sobre tela, 160,4 x 93,4 cm.
Fonte: Porto Alegre, Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Em *Tempora mutantur*, tradução “os tempos estão mudando”, o artista estaria retratando um casal que perdeu tudo na Europa, conforme descrito na citação a seguir.

A tela representa um casal de colonos num momento de descanso, ao cair da tarde, após um dia inteiro de penoso trabalho na terra em que foram abertos sulcos para as sementes. Os troncos abatidos da derrubada no segundo plano, ali estão a testemunhar o tamanho do esforço já feito por aquelas duas criaturas que vieram de longe, para uma região selvagem ainda, mas onde se propuseram começar nova vida e construir novo destino. A fumaça que sobe, ao longe, contra a encosta do morro; a mata ao

fundo sobre a qual parece ter descido, com as sombras, a quietude melancólica do entardecer; as árvores que ainda ficaram de pé, junto à aguada, entre as suas companheiras que tombaram aos golpes do machado implacável; a atitude daquele homem de cabeça enérgica e pensativa, sentado sobre o carrinho rústico a meditar; a mulher de nobre perfil, apoiada à enxada e a olhar a palma da mão que se vai tornando áspera e calosa; tudo isto, sente-se, encerra um conteúdo de emoção e de poesia que se vai infiltrando, profunda e sutil, em nossa sensibilidade. Aquela tarde é bem uma tarde brasileira; brasileira aquela luz macia, a magia triste da paisagem e do silêncio que sobre as coisas e as criaturas desceu na hora indefinida em que a alma se sente mais profundamente a si mesma e parece entrar em comunhão com a grande alma da natureza. [...] Ele evoca e medita sobre o que foi, sobre o que ficou para trás nos anos que passaram; ela pensa no que eram e no que as suas pobres mãos delicadas e lindas se tornaram, talvez no que sonhou quando uniu o seu destino ao do homem que está ali, a seu lado, a começar tudo de novo na terra selvagem e desconhecida. (GUIDO *apud* BOHNS, 2008, n.p.).

Os indícios de derrubadas e de queimadas, que aparecem na pintura citada acima, eram necessários para a exploração agrícola. Primeiramente, deveriam abater a mata para iniciarem as plantações. Segundo Helmar Rölke (2016, p. 429), “Não eram matas como as que conheciam na Alemanha, pois aqui tinha que se fazer uma limpeza entre as árvores maiores antes de serem derrubadas. Para esta limpeza usava-se o facão e a foice”.

Além das dificuldades com a nova geografia e o esforço necessário para começar uma vida nova, os pomeranos “[...] ainda precisavam se submeter ao monopólio comercial de Rheingantz, principalmente quanto à batata, o principal produto agrícola produzido. A batata era inclusive exportada para outros países e gerava uma alta lucratividade que ficava para Rheingantz” (BEIERSDORF; WEIDUSCHADT, 2013, p. 427).

“O colono e o fazendeiro”

Diz o brasileiro
 Que acabou a escravidão
 Mas o colono sua o ano inteiro
 E nunca tem um tostão
 Se o colono está doente
 É preciso trabalhar
 Luta o pobre no Sol quente
 E nada tem para guardar
 Cinco da madrugada
 Toca o fiscal a corneta
 Despertando o camarada
 Para colheita
 Chega à roça ao Sol nascer
 Cada um na sua linha
 Suando para comer

Só feijão com farinha
 Nunca pode melhorar
 Esta negra situação
 Carne não pode comprar
 Para não dever ao patrão
 Fazendeiro ao fim do mês
 Dá um vale de cem mil réis
 Artigo que custa seis
 Vende ao colono por dez
 Colono não tem futuro
 E trabalha todo dia
 O pobre não tem seguro
 E nem aposentadoria
 Ele perde a mocidade
 A vida inteira no mato
 E não tem sociedade
 Onde está o seu sindicato
 Ele passa o ano inteiro
 Trabalhando. Que grandeza.
 Enriquece o fazendeiro
 E termina na pobreza
 Se o fazendeiro falar
 Não fique na minha fazenda
 Colono tem que mudar
 pois não há quem o defenda
 O colono quer estudar
 Admira a sapiência do patrão
 Mas é um escravo, tem que estacionar
 não pode dar margem à vocação
 Trabalha o ano inteiro
 E no Natal não tem abono
 Percebi que o fazendeiro
 Não dá valor ao colono.¹⁷

Apesar de todas as dificuldades, conseguiram se adaptar e manter seus costumes. Os imigrantes construíram comunidades baseadas principalmente na agricultura familiar e na policultura. Os colonos plantavam alimentos como batata, feijão e milho, criavam animais, como equinos, bovinos, suínos e aves, cujos subprodutos, como ovos, banha, manteigas e carnes defumadas, também comercializavam em Pelotas e Rio Grande (HACKENHAAR, 2018). Os colonos conseguiam produzir grande parte do que necessitavam para seu consumo, comprando o restante na comunidade, em pequenas vendas, onde também ofereciam ferramentas, tecidos e demais utensílios. O capital gerado circulava apenas na comunidade.

¹⁷ Carolina Maria de Jesus. Diário de Bitita, página 139. Fonte: <<http://carolinadejesus.comunicacaoeliteratura.com/?p=23>>. Poema que tive contato ao longo da pesquisa e que de alguma forma relaciono com a realidade dos primeiros imigrantes e sua relação com Jacob Rheingantz.

Klug (*apud* HACKENHAAR, 2018) afirma que os pomeranos que se estabeleceram próximos a cidade de Pelotas – composta por uma sociedade aristocrática, com latifundiários criadores de gados – eram vistos como pessoas grosseiras, de hábitos rudes, alvos de chacotas na cidade.

Retorno aqui a tratar dos desafios que tiveram ao se instalarem na região. Dentre eles está a construção de igrejas e escolas, praticamente sem receber apoio de Jacob. Sabe-se, a partir da história oficial, que os pomeranos sempre deram grande importância à religião e ao ensino escolar. Em mutirões, nos primeiros anos após sua chegada, por vezes em um mesmo lote de terra, construíam a igreja e a escola, ou um mesmo prédio que era destinado às duas funções. Além disso, ainda hoje se encontra na região a presença de escolas – em grande maioria já desativadas – próximas a prédios da igreja.

Em relação a não ter apoio do governo por se tratar de um empreendimento particular de Jacob Rheingantz, e ele não dar muita assistência a comunidade, ficava na responsabilidade dos próprios colonos a escolha de alguém para desempenhar o papel de professor, bem como de pastor (que por vezes era a mesma pessoa), além do pagamento de ambos (IEPSEN, 2008).

[...] a aula era dada no prédio da igreja ou o culto no prédio da escola, bem como, o professor era, ao mesmo tempo, o pastor (ou vice-versa), embora menos frequentemente. Às vezes, ocupava o cargo alguém da comunidade, que tinha um pouco mais de conhecimento e já não podia trabalhar na lavoura. A escolaridade era mínima, ficando restrita a aprendizagem das operações mínimas de cálculo, leitura e escrita. As aulas não funcionavam regularmente, dada à distância que separava os alunos da escola e também porque os filhos ajudavam os pais na roça [...]. (KOLLING, 2000, p. 53).

Em decorrência de todas as dificuldades enfrentadas pelos pomeranos, promessas falsas, proibição do idioma, exploração por Jacob Rheingantz e também preconceito por parte da população da região, pretendeu-se com este estudo reforçar os aspectos positivos, valorizar a cultura por vezes apagada e desvalorizada, reconhecer suas contribuições e suscitar lembranças sobre fatos históricos, culturais e afetivos que possibilitaram a resistência desses povos e sua superação frente as dificuldades.

1.4.2 Uma busca por lugares que guardam memórias

Neste subcapítulo, discorro sobre deslocamentos que realizei ao longo da pesquisa na busca sobre o pomerano, ultrapassando os limites da história presente em livros e artigos. Essas viagens realizadas pela região de São Lourenço do Sul e Pelotas resultaram em escritos em diários, registros fotográficos e produção artística e pedagógica.

O primeiro deslocamento foi a partir de um trabalho proposto pela professora Dra. Eduarda Gonçalves, na disciplina cursada em 2019 no mestrado, nomeada “Deslocamento e cartografias de artistas”, quando fui em direção ao município de São Lourenço do Sul percorrer o caminho pomerano.

A proposta feita pela professora era criar um trabalho artístico a partir de um deslocamento para estudar as possibilidades e potencialidades da criação artística envolvendo os deslocamentos e cartografias artísticas na contemporaneidade. A sugestão para os alunos da linha de educação em arte e processos de formação estética era que o mesmo pudesse também ser pensado como proposta de ensino.

Por entender a minha relação com o pomerano na pesquisa, julguei necessário realizar um deslocamento a um destino que pudesse contribuir com esta pesquisa de mestrado, despertando-me algo novo sobre o pomerano. Optei, então, por me deslocar ao interior do município de São Lourenço do Sul, localidade importante no processo de imigração e de colonização pomerana.

Numa tarde de domingo, acompanhada do meu namorado, que conhece a região, saímos da casa dele, também localizada no município. Como já era tarde, optamos por um destino que faz parte do roteiro Caminho Pomerano. O local escolhido foi a Casa de Jacob Rheingantz, na localidade de Coxilha do Barão, primeira região a receber imigrantes de alemães e pomeranos no sul do Brasil.

A partir desse deslocamento, criei uma série de elementos que estavam inseridos em uma pequena mala de madeira, compondo uma cartografia e servindo como um dispositivo que pudesse ser utilizado em sala de aula para propor aos alunos uma busca por reconhecer sua história, possibilitando um percurso semelhante para o ativamento dessa história (Figuras 9 e 10).

refere-se a esse trajeto e em branco outras estradas ainda não exploradas por mim. Junto a esse mapa, fixei um pequeno papel com aspecto antigo com a frase *em busca de uma história*, objetivando representar de fato o propósito dessa viagem, que vai além do deslocamento físico.

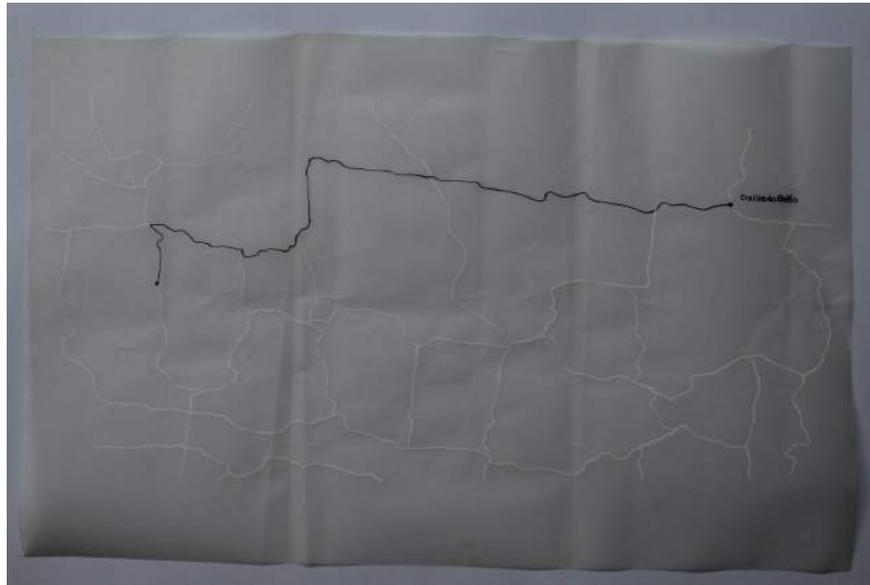


Figura 11 - Mapa do percurso. Ano: 2019.
Fonte: Mairin Rutz.

No caminho, por estradas de chão rodeadas de matas, plantações de fumo e morros, deparamo-nos com várias casas antigas, provavelmente construídas há muito tempo. Algumas há mais de 100 anos. O encontro constante com essas casas me suscitou questionamentos sobre quem as construiu e quando, quem morou e mora nessas casas e quais histórias elas contam. Então, um dos elementos da mala foi criado a partir das fotografias de algumas dessas casas encontradas, dispostas lado a lado. Ao abrir o pequeno livro, as imagens formam uma espécie de mapa, a disposição procurou manter a ordem do percurso (Figuras 12 e 13).



Figura 12 - Livro de imagens. Detalhe. dimensões: 7 x 120 cm. Ano: 2019.
Fonte: Mairin Rutz.



Figura 13 - Livro de imagens. Detalhe. Dimensões 7 x 120 cm. Ano: 2019.
Fonte: Mairin Rutz.

Associando a essas casas, criei alguns pequenos cartões propositivos (Figura 14) de questionamentos como: “Qual história essas casas contam?”; “O que tem/teve no interior dessas casas?”. O intuito foi suscitar o questionamento e o interesse em descobrir o que existe no interior dessas casas e qual a história que suas casas contam, ou até mesmo o que existem em outras, como a sua e de seus familiares.

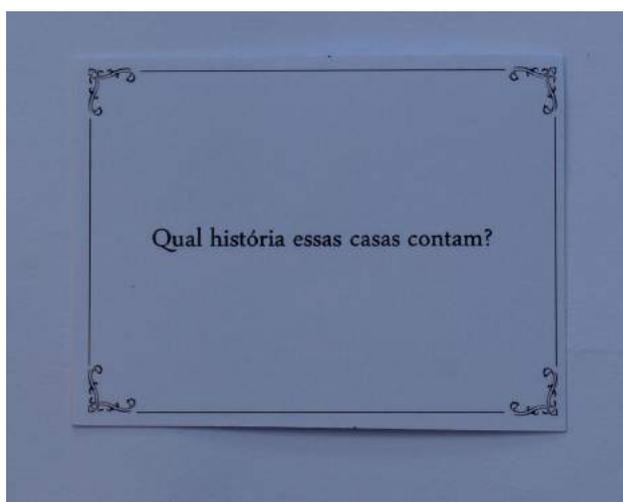


Figura 14 - Cartão propositivo de questionamento.
Ano: 2019. Dimensões: 9x7 cm Ano: 2019.
Fonte: Mairin Rutz.

Chegando ao destino principal do deslocamento, no alto duma Coxilha¹⁸, nos deparamos com uma casa branca antiga. Antes de chegar, eu imaginava que fosse um museu desativado. A casa era de Jacob Rheingantz, fundador de São Lourenço do Sul. Construída por volta de 1860, serviu de moradia e era onde ele administrava sua colônia e negócios.

¹⁸ Regiões de relevo elevado.

Tínhamos o desejo de entrar na casa em busca de descobrir o que ainda existia nela, mas não foi possível, pois a mesma estava bem fechada, restando somente algumas brechas nas janelas. Apenas com os “olhos da câmera” foi possível registrar um pouco do que era o interior da casa, agora abandonada, com indícios que não fazem parte da casa, como lixo e fios.

Surge, então, mais um elemento da mala, utilizando uma fotografia do exterior da casa criei um “folheto”, que foi pensado para ser aberto exatamente na região da porta. Na parte interna, encontram-se imagens feitas do interior da residência, juntamente com alguns escritos sobre a casa (Figuras 15 e 16).



Figura 15 - Folheto fechado, casa Jacob Rheingantz. Dimensões. 17x29 cm. Ano: 2019.
Fonte: Mairin Rutz



Figura 16 - Folheto aberto, casa Jacob Rheingantz. Dimensões. 17x29 cm. Ano: 2019.

Fonte: Mairin Rutz.

Ao redor da casa estavam localizados monumentos que homenageiam Jacob Rheingantz, na ocasião dos 50, 75 e 100 anos da imigração. A partir das fotografias desses monumentos, bem como da casa e da igreja localizada próxima, procurei criar um folheto explicativo, que pode também funcionar como mapa sobre uma parte de Coxilha do Barão (Figura 17), visto que procurou-se manter a disposição dos monumentos no papel conforme sua localização geográfica. Ao lado de cada ícone, procurei explicar brevemente sobre o que se tratava.

Junto à igreja, mais especificamente no subsolo, está localizado o túmulo de Jacob Rheingantz, falecido na Alemanha, mas que teve seus restos mortais trazidos ao município de São Lourenço do Sul. Na visita à localidade não conseguimos acesso ao local, por estar fechado, abrindo apenas em festividades na comunidade, como a festa em comemoração da imigração Alemã/Pomerana na Coxilha do Barão.

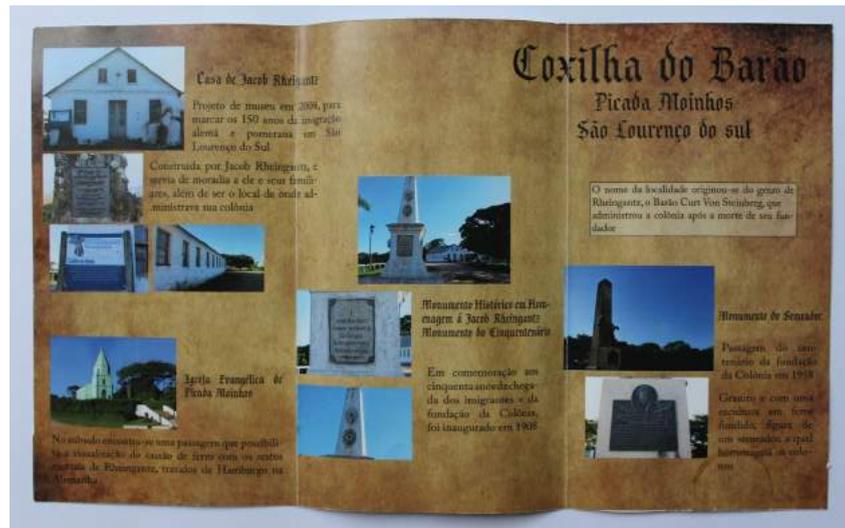


Figura 17 - Folheto coxilha do Barão. Dimensões: 20x30 cm. Ano 2019.
Fonte: Mairin Rutz.

Um dos monumentos que mais me chamou a atenção foi o “Monumento ao colono” (Figura 18), onde na parte inferior existe uma placa de homenagem com escritos, mencionando o nome e sobrenome dos imigrantes que chegaram a São Lourenço do Sul.



Figura 18 - Fotografia do monumento ao colono.
Fonte: de Mairin Rutz.

A partir de leituras feitas, encontrou-se registros de manifestações e queixas à pessoa de Jacob Rheingantz, como, por exemplo, sobre como ele gerenciava a colônia. Fico me questionando que ele, apesar de não ser visto com bons olhos por muitos colonos/imigrantes, foi capaz de se tornar um “mito”, recebendo inúmeras homenagens. Concordo com Iepsen (2008, n.p.), quando afirma que Jacob

Rheingantz não era “[...] nem herói, nem vilão. Ele foi apenas o administrador de um negócio, com seus méritos e com seus problemas, transformado em herói por uma série de autores engajados com causas particulares”.

Refletindo sobre isso, penso nele enquanto descendente de imigrantes, pois mesmo que por vezes ele tenha sido visto com maus olhos, e quase que somente para buscar vantagens e lucros sobre os pomeranos, ele teve um papel importante no processo de imigração e colonização da região. Foi através da iniciativa dele que a região foi colonizada por imigrantes pomeranos, que formaram comunidades que ainda mantêm seus costumes, hábitos e a língua dos primeiros imigrantes. Se não fosse sua iniciativa, talvez fosse de outro empresário, trazendo outros imigrantes de outras etnias. No entanto, não se sabe como a região seria formada e, possivelmente, a região não teria a mesma composição cultural que tem hoje.

Em relação a chegada desses 88 imigrantes alemães e pomeranos em 1858, vindos no navio holandês *Twee Vieden*, trazidos por Jacob Rheingantz, criei um mapa (Figura 19) com a possível rota percorrida, saindo da região da Antiga Pomerânia em direção ao Porto do Rio Grande, seguindo a pé ou em carroças a região de São Lourenço do Sul. O tracejado dessa rota optei em fazer com bordado, por possivelmente¹⁹ ser uma técnica trazida da Pomerânia/Europa e utilizada para ornamentar e decorar panos de pratos e vestidos típicos de festa, sendo uma técnica ainda passada de geração em geração por algumas famílias, bem como o crochê.

¹⁹ Não se tem certeza do mesmo, mas acredita-se que sim, visto que o povo pomerano, por muito tempo, permaneceu de certa maneira isolado das demais comunidades, não estabelecendo outras trocas.



Figura 19 - Mapa com a suposta rota dos imigrantes, saindo da Pomerânia, com destino a Rio Grande. Dimensões 20 x 30 cm.

Fonte: Mairin Rutz, 2019.

Também em relação à chegada desses imigrantes, criei um Postal específico (Figura 20). Em um lado do envelope reproduzi um mapa deste percurso e no outro desenhei um navio – buscando representar a chegada desses imigrantes – e ao lado o escrito “Início de uma história” com a letra em estilo gótico/alemão. A imagem do postal refere-se a casa de Jacob R. onde tudo começou.



Figura 20 - Imagem envelope e postal, 2019.

Fonte: Mairin Rutz.

Os demais postais sobre monumentos fotografados e imagens de casas pela região também estão inseridos em envelopes (Figura 21).



Figura 21 - Demais postais criados. Ano: 2019.

Fonte: Mairin Rutz.

Esse deslocamento realizado suscitou em mim o desejo de seguir percorrendo outros caminhos na região, buscando visitar demais pontos do Caminho Pomerano em busca de indícios da imigração alemã e pomerana. Despertou, também, a busca desses indícios e histórias em casa de familiares, onde encontrei algumas fotografias antigas (Figura 22).



Figura 22 - Fotografias antigas coletadas na casa do meu tio avô paterno.

Fonte: Acervo Mairin Rutz (2019).

A partir dessas fotografias, surgiu o desejo de criar narrativas que ajudassem a resgatar histórias, hábitos, crenças e culturas dos pomeranos. Algumas dessas narrativas são reais – criadas a partir de histórias que ouvi de familiares ou pessoas próximas –, outras são fictícias, mas que tem sua verdade. Essas narrativas são apresentadas ao longo do próximo subcapítulo.

Quanto ao âmbito educacional, neste trabalho visualizo a potencialidade de instigar e estimular o reconhecimento de sua história pelos alunos, além de motivá-los a criarem. A partir do trabalho, pode-se provocá-los a fazerem os questionamentos quanto a suas casas, histórias e memórias. Também é possível propor que coletem fotografias com familiares, na busca por descobrir quem são, de onde vieram e quais são as histórias e lembranças que elas carregam.

O trabalho pode ser entendido, então, como um dispositivo pedagógico a partir da concepção de Carlinda Leite e Natércia Pacheco (2008), que discutem dispositivos em relação à educação intercultural, suas intenções e contribuições na educação. As autoras não consideram os dispositivos apenas como material didático, mas que

[...] Eles constituem um ponto de amplificação, um meio de produzir conhecimento (neste caso, sobre culturas diversas) e, em simultâneo, enquanto recursos pedagógicos, um meio de dar voz e valorizar as especificidades e trocas culturais, num processo de construção/produção de saberes, decorrentes de uma participação efectiva dos diferentes agentes sociais. (LEITE; PACHECO, 2008, p. 103).

Assim, a partir da ação dos estudantes, em busca de reconhecer sua história com seus familiares a partir das provocações do trabalho, eles estão construindo e produzindo seus próprios saberes. É na ação, a partir das provocações do trabalho, que os alunos vão ativando essa história e aprendendo sobre, ou seja, na busca de narrativas com familiares que eles vão conhecendo sobre a imigração.

Além desse deslocamento, ao longo da pesquisa também percorri outros caminhos e paisagens. Me desloquei pela região, despreziosamente, e acabei em ocasiões diferentes conhecendo casas abandonadas. Algumas dessas construções pertenciam a pessoas da família que já partiram, Tia Herta e Tia Elza, irmãs do meu falecido avô paterno. As duas mostravam sinais claros de abandono e destruição.

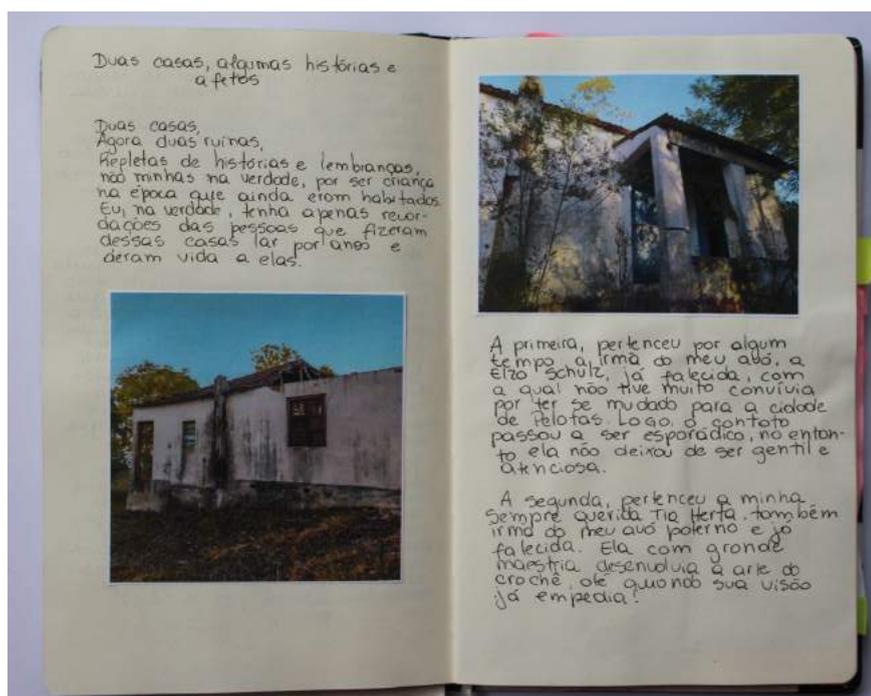


Figura 23 - Escritos do diário da pesquisadora sobre as casas.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

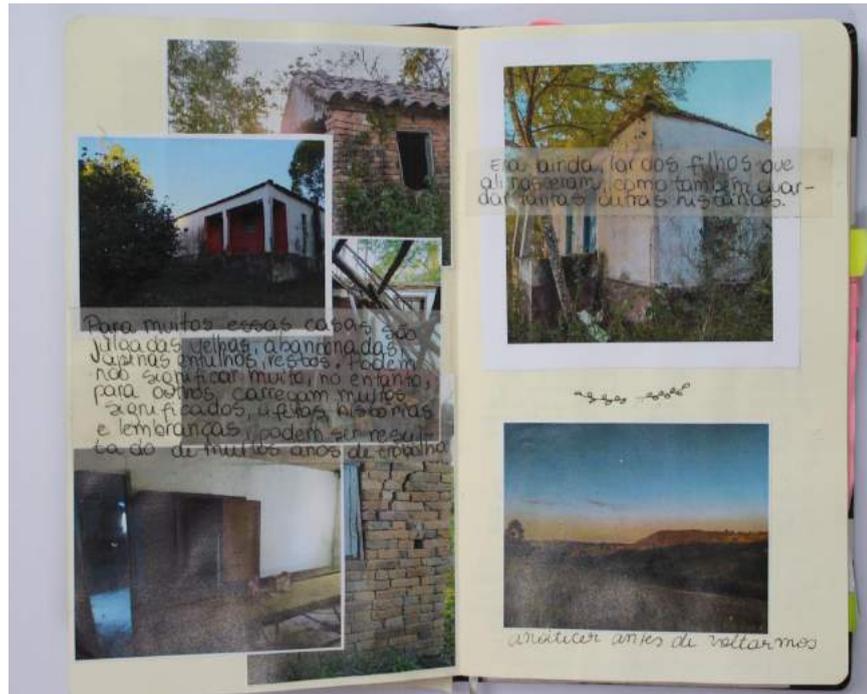


Figura 24 - Escritos do diário da pesquisadora sobre as casas.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Refletindo sobre essas casas abandonadas, percebo que encontrar casas semelhantes é bastante comum na região. Sabe-se que muitas famílias deixaram a zona rural em busca de melhores condições nas cidades, devido às dificuldades encontradas principalmente relacionadas ao trabalho, que necessita de grande esforço físico. É o caso de outra casa que conheci na região, de um casal que se mudou para Canguçu. Durante uma caminhada ao final de um domingo, acabamos modificando o trajeto, passando a percorrer um pequeno caminho que levava a lavouras. No entanto, encontramos uma passagem em meio a mata que nos levou a essa casa. Já tínhamos conhecimento que o casal havia se mudado, mas não sabíamos como chegar lá.

Ao nos aproximarmos, verificamos que a casa aparentava estar abandonada por um longo tempo, porém, tinham partido há poucas semanas. Segundo minha mãe, basta que as pessoas saiam da casa que ela acaba se deteriorando, como se sem presença a habitação perdesse a sua vida. Nesse caso ainda mais, visto que a casa já estava em péssimas condições (Figura 25).



Figura 25 - Arte digital sobre fotografia de casa abandonada. Título: Casa - ruínas.
Fonte: Mairin Rutz (2021).

Em Agosto de 2021, acompanhada dessa vez pelo meu irmão, minha mãe, minha vó Gusta e meus tios, saímos para conhecer e percorrer outros caminhos pela região de São Lourenço do Sul. Ao sairmos, estabeleci apenas um lugar que desejava conhecer, um empreendimento do Caminho Pomerano. No entanto, no caminho fomos redirecionando o percurso e conhecendo novas paisagens e locais.

O primeiro local que paramos foi no Moinho Loescher (Figura 26), um antigo prédio desativado por volta de 1970 e que comportava um moinho de milho e trigo na localidade de Picada das Antas. Esse local faz parte do roteiro Caminho Pomerano.



Figura 26 - Fotografia do Moinho Loescher.
Fonte: Registro de Mairin Rutz (2021).

Em seguida, ao longo do percurso, paramos na Casa Leitzke (Figura 27) que, segundo Spindler (2013), seria uma réplica de um castelo pomerano.



Figura 27 - Casa Leitzke.
Fonte: Registro de Mairin Rutz (2021).

Da casa Leitzke partimos novamente e dessa vez paramos na Coxilha do Barão, na casa de Jacob Rheingantz. Visto que apenas eu e meu irmão conhecíamos o local e a história por trás daquela casa, procurei contar um pouco a

eles, e se mostraram surpresos por não conhecerem essa história e nem a menção ao fundador.

Outro local visitado foi um empreendimento do Caminho Pomerano, a Casa da Schimier (Figura 28), localizada no Boqueirão, às margens da RS 265. Esse local conta com a venda de produtos coloniais, como *schmier*²⁰ e conservas, dispondo de almoço e café colonial.



Figura 28 - Loja de produtos coloniais. Casa da Schimier.
Fonte: Registro de Mairin Rutz (2021).

O último local visitado refere-se ao empreendimento *Memórias Und Andenken*, um pequeno museu familiar que conta a história de uma família de imigrantes pomeranos vinda para o Brasil em 1923 e sua trajetória até São Lourenço do Sul. O museu é repleto de fotografias, objetos, utensílios domésticos, ferramentas de trabalho e peças de roupas (Figuras 29, 30 e 31). Esses artefatos ali expostos em parte pertenceram a seus familiares, outros foram adquiridos ou doados por pessoas da comunidade.

²⁰ Doce de fruta feito no tacho. Ainda hoje é produzido pelas famílias pomeranas, que utilizam as frutas da época, como figo, morango, uvas peras, além de abobora, melancia. A *schmier* é um produto com grande durabilidade, podendo ficar armazenada por um longo período de tempo, sem estragar, garantindo o doce até a próxima colheita do fruto.



Figura 29 - Interior do museu Memórias und Andenken.
Fonte: Acervo da pesquisadora (2021).



Figura 30 - Interior do museu Memórias und Andenken.
Fonte: Acervo da pesquisadora (2021).



Figura 31 - Interior do museu Memórias und Andenken.
Fonte: Acervo da pesquisadora (2021).

Durante a visitação, os proprietários narram a história de seus familiares a partir de fotografias e demais itens, contando as trajetórias e as dificuldades enfrentadas. Esse momento de escuta foi enriquecedor e possibilitou um encontro com histórias sobre os pomeranos. Walter Benjamin (1987) compreende e declara a importância dos momentos de escuta de indivíduos mais velhos, pois eles detêm autoridade ao narrarem e descrevem suas histórias com propriedade.

O proprietário afirma que se alegra com as visitas das crianças, pois para eles tudo é novidade, visto que não conhecem muitos dos objetos e ferramentas que lá se encontram, além de ser uma forma de ele contribuir para o resgate e preservação dessas memórias e histórias.

Segundo a proprietária Elaine, o nome do local une palavras em português e alemão, sendo que as duas referem-se a Memórias, no entanto *Andenken* se refere a lembrar, lembrancinha. Em relação ao prédio do museu, ele foi construído em madeira, remetendo às primeiras casas pomeranas. Dessa forma, os proprietários buscam também preservar a característica arquitetônica das primeiras casas.

Ao adentrar o espaço, ficamos admirados com a quantidade de informação que ali existe, expondo uma diversidade de objetos que contam e resgatam uma história. Alguns objetos ainda são encontrados em algumas casas de pomeranos, principalmente dos mais velhos. Muitos desses objetos atualmente são apenas encontrados em galpões, por estarem sem utilidade, como a máquina de fazer manteiga. Durante essa visita e os demais deslocamentos, pôs-se em prática o espaço (CERTEAU, 1994).

Todo o relato é um relato de viagem – uma prática do espaço. A este título, tem a ver com as táticas cotidianas, faz parte delas, desde o abecedário da indicação espacial (dobre à direita, siga à esquerda), esboço de um relato cuja sequência é escrita pelos passos, até ao noticiário de cada dia (Adivinhe quem eu encontrei na padaria?) ao jornal televisionado (Teherã: Khomeiny sempre mais isolado...) aos contos lendários (s Gatas Borracheiras nas choupanas) e às histórias contadas (lembranças e romances de países estrangeiros ou de passados mais ou menos remotos). Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um suplemento aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem antes ou enquanto os pés a executam. (CERTEAU, 1994, p. 200).

Espaços como esses são de grande importância para o fortalecimento e a valorização do pomerano, pois permite a manutenção e preservação da história desse povo, a partir dos objetos e fotografias. Pensando sobre essa experiência, recordo que geralmente objetos semelhantes àqueles acabam sendo jogados em galpões e no lixo e, dessa forma, muitas vezes se perdem também as histórias.

A seguir, apresento um resgate de histórias, memórias e narrativas sobre o pomerano a partir de conversas com familiares e de fotografias.

1.4.3 Relatos, memórias, afetos e ensinamentos

Como o fogo da lareira num quarto, as fotos – sobretudo as de pessoas, de paisagens distantes e de cidades remotas, do passado desaparecido – são estímulos para os sonhos.

Susan Sontag

Há tanta coisa ligada a objetos e sua história, tantos sentimentos, esperanças e ilusões que precisamos preservar para nos preservarmos.

Philipp Blom

A você leitor, neste momento convido para servir-se com uma xícara de chá ou de café e me acompanhar em uma leitura mais sensível e poética. Início esta escrita retirando fotografias antigas da caixa de guardados. Algumas empoeiradas, sofrendo com a ação do tempo, outras já esquecidas no fundo da gaveta, outras guardadas com carinho junto às demais fotografias. Espero que esta leitura também lhe inspire a retirar suas fotografias das caixas ou a visitar álbuns e pensar sobre as narrativas e memórias de sua família, para que elas não se apaguem. Entende-se que as fotografias são capazes de carregar muitas histórias e memórias, “são elos documentais e afetivos que perpetuam a memória” (KOSSOY, 2002, p. 139). Assim, olhar a fotografia é um rito de manutenção da memória (DUBOIS, 1993).

Para Pierre Nora (1993), ela é entendida como lugar de memória, uma ferramenta de difusão de valores, tradições e modos de vida. Então, da ação de olhar a fotografia entende-se que existe uma continuidade dessa memória, uma

preservação. Somando-se com a afirmação de Nora, a fotografia tem o papel de guardar essas memórias e as tradições e, ainda, de dar continuidade a elas.

Logo, neste subcapítulo, parto de algumas fotografias antigas mencionadas no subcapítulo anterior, bem como de fotografias minhas em que registro o cotidiano pomerano na atualidade, para discutir minha relação com o assunto, evidenciando também alguns aspectos da cultura até então não mencionados. A partir dessas fotografias busco de alguma forma ativar essas memórias ou ressignificá-las ou recriá-las. Para Kossoy (2002, p. 36), existem duas realidades da fotografia, a primeira refere-se ao assunto, é invisível, “é o próprio passado [...] diz respeito à história particular do assunto”. A segunda, “é a realidade do assunto representado” (KOSSOY, 2002, p. 37), é o documento.

Logo, com acesso a essas fotos, apenas tive contato com a segunda realidade, a fotografia, o documento. O foco não é sair em busca da primeira realidade, mesmo que fosse interessante para compreendê-las, mas é a partir da segunda criar narrativas que se relacionem como a temática. Estaria, assim, inventando através das histórias imaginadas uma terceira realidade (SOUSA, 2017).

Para algumas fotografias que possuem histórias adormecidas criei narrativas ficcionais, para outras me inspiro em conversas com minha avó e demais familiares, deixando-as mais reais. Ou, ainda, crio narrativas a partir de conversas ao apreciar essas fotografias. Boris Kossoy (2002, p. 138) afirma que inúmeros pedaços do passado são congelados em imagens para serem recordados, ao apreciar essas imagens “[...] ‘descongelam’ momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida”. Nas imagens, tem-se o ponto de partida da narrativa dos fatos e das emoções, podendo ser acrescentados ou alterados fatos (KOSSOY, 2002).

Nessas escritas, as leituras sobre a cultura me fundamentam, em outros momentos me asseguro de meus conhecimentos empíricos para essa criação. Algumas dessas produções a seguir surgiram inicialmente em meu diário, criado ao longo da pesquisa. De certo essa escrita foi desafiadora. Foi necessário um exercício de distanciamento daquilo que é tão familiar e de uma escuta e de um olhar mais atento. Foi necessário um olhar de estrangeiro, “[...] Olhar daquele que

não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber” (PEIXOTO, 1988, p. 363).

O diário foi criado inicialmente para disciplina de “arte, ecologia e saúde”, ministrada pelo professor Cláudio Tarouco de Azevedo. A proposta era criar um diário poético e inserir escritos a partir das aulas, dos textos lidos e que ele pudesse também abarcar outros escritos, que iriam além da sala de aula. Assim, o meu diário foi sendo construído, mas também abarcou fatos da minha vida, algumas relacionadas com o pomerano, e registros de pesquisa. Como meu objeto de pesquisa é o diário, e mesmo já utilizando-o antes da proposta para registros diversos, segui utilizando o mesmo após o término das aulas, agregando minha pesquisa, constituindo-se efetivamente em um diário poético.

Primeiramente, julguei necessário e importante iniciar pela questão da minha origem. Procurei saber, então, se meus familiares sabiam sobre nossos primeiros familiares que chegaram ao Brasil, a partir do ano de 1858. No entanto, não tive sucesso nessa busca, pois ninguém tinha informações a respeito.

Ao longo de minhas leituras sobre a imigração pomerana, encontrei a menção do sobrenome “Heling” dentre os primeiros imigrantes a chegarem no Brasil em 1858, mais especificamente uma gravação no monumento em homenagem ao colono, localizado na coxilha do Barão, zona rural de São Lourenço do Sul. O sobrenome estaria entre alguns outros que teriam migrado para a região.

Esse fato me chamou a atenção, visto que minha família é composta de ambos os lados por pessoas com o sobrenome. Assim, fiquei interessada em buscar as possíveis ligações. Logo, ao conversar com minha avó paterna, ela mencionou que não sabia nada a respeito e que ao longo de sua vida nunca lhe contaram nada e que conhecia pouco sobre a imigração pomerana, afirmando que era um assunto que não era muito falado.

Ao questionar meu avô materno sobre o mesmo fato, ele mencionou ter conhecimento da menção de pessoas com o sobrenome Heling na embarcação que trouxe os primeiros imigrantes a São Lourenço do Sul, mas que não sabe muita coisa sobre a imigração pomerana. Ele mencionou que tem conhecimento desse fato a partir de um programa de rádio da Rádio Litoral de São Lourenço do Sul, pois

na programação de sábado eram contadas histórias, fatos e curiosidades sobre os pomeranos, e muitos desses programas eram feitos em pomerano.

De fato, até eu por vezes também ouvi muitos desses programas nos sábados pela manhã, por influência de meu pai, que gostava muito da programação da rádio e tinha amizade com os locutores. Recordo-me de programas que traziam aspectos da cultura, como o *Stüpas*²¹, as histórias de casamentos e receitas típicas, como o *Rivalsback*²². No entanto, exatamente esse programa sobre a imigração pomerana eu não acompanhei.

Ao questionar minha mãe sobre nossos antepassados, fiquei abismada que nossos familiares não tiveram interesse em descobrir e conhecer um pouco sobre a história dos antecessores. Diferente deles, eu procuraria saber mais sobre essas pessoas. Foi então que, durante a pesquisa histórica, deparei-me com a afirmação de Gislaine Malzahn (2011b), quando ela disse que os pomeranos não tinham a preocupação de saber que eram os seus antepassados que imigraram. Para eles, o importante era saber como prosperaram e como a família se reproduziu. Isso demonstra que essa despreocupação já é anterior e mais geral, não apenas da minha família. A partir disso, passei a não dar mais importância aos nomes dessas pessoas, até pela dificuldade de encontrar registros, e passei a me interessar pelas possíveis histórias que elas carregavam e construíram.

Até entendo a falta de preocupação, pois logo nos primeiros anos os imigrantes enfrentaram grandes adversidades e tinham muito trabalho pela frente. A questão do trabalho, mesmo nos anos posteriores à imigração, seguiu sendo muito importante para os pomeranos, e segue até hoje, como também a família. Para eles, era através do trabalho que iriam vencer e ter uma vida digna.

Quanto ao meu sobrenome “Rutz” tenho menos informações ainda. Acredito que os primeiros familiares devem ter chegado posteriormente. Imagino que a dificuldade de encontrar informações sobre os imigrantes que chegaram ao Brasil se dá em decorrência dos episódios em que tiveram que queimar grande parte de seus documentos, livros e registros, tendo em vista as perseguições que enfrentavam.

²¹ *Stüpas*: “Folguedo popular realizado no sábado de Páscoa, constituído de um grupo de pessoas da comunidade que, fantasiados, visitam as casas, anunciando a Páscoa” (THUM, 2009, p. 63). No diário poético da pesquisadora existe uma passagem sobre o *Stüpas*.

²² Bolinho típico feito de batata.

Então, sem descobrir sobre os primeiros imigrantes, e mudando o meu foco de interesse, parto para a criação de narrativas a partir de meus escritos no diário. Tomo como ponto de partida um dos primeiros registros, sobre um ensinamento/crença de minha avó, que possivelmente aprendeu com seus antepassados. Esse escrito é sobre a floração das azaleias, datado do início de setembro do ano de 2019, e que sofreu acréscimos em 2 de setembro do ano de 2020 (Figuras 32 e 33).

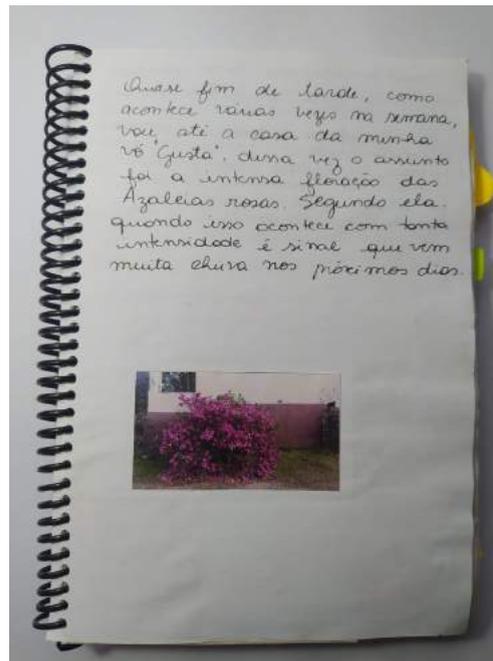


Figura 32 - Registro do diário. Dia 2 de set. de 2019.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.



Figura 33 - Registro do diário. Dia 2 de set. de 2019.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Dia 14 de Agosto de 2019

Num lindo dia de sol, temperatura amena, já fim de tarde, saí para conversar com minha avó, como repete-se diversas vezes na semana. Dessa vez, dentre vários assuntos, ela compartilha comigo um ensinamento que havia sido dividido por seus familiares, mas sem mencionar por quem e qual a idade que tinha. Sentada na janela, um dos lugares preferidos da casa, conversávamos olhando para a rua. Logo, passou a falar sobre a floração das azaleias no jardim. Essa curiosidade já me foi contada diversas vezes por ela, sempre na mesma época e sempre com a mesma empolgação. Ela comentou que, como se repetia em muitos anos, a intensa floração das azaleias era sinônimo de chuvas fortes nos próximos dias. Não sei a origem da superstição, no entanto, posso afirmar que realmente confere. Sempre alguns dias após a intensa floração, chuvas fortes ocorrem e acaba-se formando um tapete sob a planta. A partir desse momento, a floração já não é tão intensa. Fico admirada com a empolgação dela para falar sobre e do desejo de toda vez compartilhar o fato comigo. Acredito que a empolgação se dê pelo episódio se repetir toda vez em que a planta encontra-se totalmente repleta de flores.²³

Possivelmente, você leitor deve estar se perguntando o que há de tão especial? Então, não sei explicar. Todavia, a convicção com a qual ela menciona esse fato me deixa admirada e ainda mais quando ele se confirma, chovendo torrencialmente nas próximas semanas. Essa é apenas uma das crenças/superstições contadas por ela, relacionadas com o clima. A ligação dos pomeranos com os fenômenos naturais é bem forte.

²³ Escrito que constitui o diário da pesquisadora.

Outro relato que trago, também em relação às flores, refere-se às flores amarelas que cobrem os campos durante os meses de setembro e outubro. No caso, esse relato foi feito pelo meu namorado em uma conversa com minha vó Gusta, onde ele manifesta que essas flores representam um tempo de crise, ela, da mesma forma, compartilha da mesma opinião. Isso por se tratar de um período entre o fim de uma colheita e o início de outra²⁴, sendo que nessa época o dinheiro da última safra já está acabando e a da próxima irá demorar a vir.

Nesse momento, retomo a falar sobre as flores. Elas aparecem em diversas passagens do diário, algumas delas também relacionadas com minhas avós. Recordo-me que, ainda na infância, às vezes acompanhava minha avó paterna no jardim. Ela, com todo carinho, compartilhava sementes e mudas para que eu plantasse em nosso jardim. Da mesma forma com minha avó materna, ela ainda mais, e ainda hoje cultiva seu jardim. Toda vez que íamos na casa dela saímos com mudas e sementes de novas flores. O cultivo e cuidado das flores é algo perceptível. É muito difícil avistarmos uma casa de família pomerana e não avistarmos um jardim florido. E esse cuidado e cultivo vai passando entre gerações.

Em uma das conversas com minha avó “Gusta²⁵”, perguntei se sempre foi assim com o plantio das flores. Ela afirmou que não, pelo menos quando ela era nova e ainda não havia se casado com meu avô “eles não tinham tempo para essas coisas” e por muito tempo se seguiu assim, apenas quando estavam mais estabilizados financeiramente que ela teve tempo para isso.

Como mencionado, o trabalho é uma atividade muito importante para o pomerano e fica entre as prioridades. Dessa forma, essa afirmação se repete em dia posterior por ela, após mencionar que minha mãe estava fazendo crochê em casa, já ao anoitecer, após concluir o trabalho. Questiono-a se ela na juventude também bordava, tricotava ou fazia crochê, visto que nunca a presenciei praticando tais habilidades. Ela afirma entristecida que ela não teve tempo: “eu tive que trabalhar muito na lavoura, não tínhamos tempo para isso, tive que capinar muito entre as pedras”²⁶. Ela acrescenta que tinham muito trabalho e que a realidade na época era

²⁴ Como da colheita do fumo, principal fonte de renda na região, onde o produtor recebe ao final da safra, após a comercialização do fumo.

²⁵ Apelido carinhoso da minha Avó paterna Alendina.

²⁶ Comentário de minha avó, em conversa em pomerano. Tradução minha, 27 de maio de 2020.

outra e não restava tempo para essas atividades. Diferente das outras famílias que eram grandes, com média de 10 filhos²⁷, a dela era pequena e o trabalho era concentrado entre seus pais, ela e seu irmão.

O crochê, o bordado, o tricô e a costura eram algumas manualidades estimuladas para as gerações mais novas pelas figuras femininas nas famílias, principalmente por avós. No caso da minha avó paterna não foi assim, a realidade dela era outra. Já minha avó materna aprendeu com sua avó e seguiu ensinando para suas filhas, minha mãe seguiu ensinando, diferente de minha tia que apenas teve filhos homens. Assim, eu desejo e espero futuramente também seguir ensinando para as próximas gerações, para que isso não se perca, visto que nota-se uma redução nessa prática de ensinamento.

As peças de crochê e os bordados eram confeccionados pelas moças para decorar panos de pratos e outros tecidos utilizados para a decoração das casas, fazendo parte do enxoval de casamento. Atualmente, muitas não têm mais essa preocupação, mas seguem da mesma forma ensinando e confeccionando esses itens.

O casamento é um dos rituais de grande importância para os pomeranos. Para Gislaïne Maltzan (2011a), os rituais de passagem são etapas muito importantes, até essenciais, que marcam cada geração das famílias de descendentes de imigrantes. Esses ritos são passados entre as gerações e auxiliam no cultivo de seus valores. A autora também afirma que os ritos de passagem são importantes para os sujeitos envolvidos no ritual, mas não somente, pois também tem importância para toda família deles. Para ela, ainda, “O rito dentro do grupo familiar serve como referência para a reconstrução do passado, e advém do fato de ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser ativadas” (MALTZAHN, 2011a, p. 52).

Como não existiam salões de festa antigamente e nem salões comunitários, os casamentos eram geralmente realizados na casa da noiva, de forma muito simples, sendo a decoração, por exemplo, formada por ramos de palmas e algumas flores. A preparação da festa ocorria durante dias, assim como a comemoração que

²⁷ Maltzahn (2011b), embasada em Salamoni (1995), afirma que as famílias eram compostas por grande número de filhos, entre 10 e 12, pois necessitavam de muitos braços para realizarem o trabalho.

costumava durar dois dias. Toda a comunidade ficava envolvida, vizinhos doavam manteiga, galinhas entre outros alimentos. A festa começava ainda pela manhã e seguia até a noite, e no outro dia os vizinhos eram convidados a voltar para almoçar e também ajudavam a limpar (MALTZAHN, 2011a).

Inicialmente, antes do casamento, era a função do irmão mais novo da noiva distribuir os convites. Esse era chamado de "*hochtijdsbire*" (convidador), e saía com sua melhor roupa, com um chapéu enfeitado com flores e fitas, montado em um cavalo, que também era enfeitado com fitas nos freios e arreios, convidando a comunidade e os familiares (THUM, 2009; MALTZAHN, 2011a). Ele era recepcionado com comidas e com vinho e, por vezes, uma gorjeta como forma de agradecimento.

As festas de casamento eram e ainda são regadas por muita alegria, comidas, bebidas e danças. Segundo Thum (2009), procurava-se servir o que tinha de melhor para seus convidados. Dentre os alimentos, não podia faltar *huinersup* (sopa de galinha) (MALTZAHN, 2011a). São muitos os aspectos que fazem parte do ritual do casamento, alguns nem foram mencionados aqui.

Muitos dos pontos citados ainda são preservados atualmente nas festas de casamento. Basicamente, dentre os aspectos citados, alterou-se que: as festas passaram a ser realizadas em salões de festas comunitários junto às igrejas e não mais em casa, no entanto, durante a pandemia, quando as restrições diminuíram, notou-se que alguns casais optaram por realizarem seus casamentos em casa, com poucas pessoas, de modo semelhante à anos atrás; não existem mais o convidador, são os próprios noivos que saem para convidar cada família; e as decorações são mais produzidas.

Quanto ao vestido da noiva, até o ano de 1960 foi preto (THUM, 2009). Quanto ao motivo, existem diversas versões. Para Thum (2009), por exemplo, seria uma adequação às necessidades sociais de pessoas com poucas condições econômicas, ou seja, o vestido preto foi utilizado no casamento já visualizando que posteriormente também pudesse ser utilizado para outras ocasiões, como festas, funerais e batismos. Outra versão é que o preto teria surgido como uma reação das

noivas pelo direito da primeira noite²⁸, onde vestiam-se assim como sinal de protesto (SPINDLER, 2013). A autora também menciona a versão anterior, no entanto, não se tem certeza do real motivo.

Dentre as diversas fotos antigas que coletei com familiares, entre elas, algumas de casamento, em nenhuma a noiva está vestida de preto. No entanto, notou-se que possivelmente a grande maioria das fotografias foram registradas em momento posterior ao casamento e que existe a hipótese de que na cerimônia de casamento e na festa a noiva estivesse vestida de preto, com um vestido que pudesse ser utilizado em ocasiões posteriores, como mencionou Thum (2009) anteriormente. As fotografias com vestido branco podem também ser registradas com um vestido alugado disponibilizado pelo próprio fotógrafo.

Recordo-me de perguntar para minha avó paterna em um momento, anterior a pesquisa, se ela havia se casado de preto. Ela me afirmou que não. Questionei-a sobre os motivos das noivas se casarem de preto e ela não soube responder. A abordagem com minha avó materna foi diferente. Durante os preparativos da festa em comemoração aos 50 anos de casamento, no ano de 2017, encontrei uma fotografia de seu casamento onde ela vestia um vestido preto (Figura 34). Perguntei o motivo e ela respondeu que era costume e que não sabia confirmar o motivo. Além dessa fotografia, havia outra onde usava um vestido branco (Figura 35), aparentemente registrada em casa.

²⁸ Isso em relação a sua origem, visto que na Pomerânia, pelo sistema feudal, as mulheres deviam se deitar na primeira noite com o senhor feudal, em reação a isso e como forma de protesto se vestiam de preto no casamento, mas também na cintura amarravam uma fita verde que significava a esperança. Acredito que mesmo no Brasil seguiram com a tradição, até por ser considerado um ato de libertação feminino.



Figura 34 - Fotografia de casamento dos meus avós, Ilma e Bruno, Noiva vestida de preto.
Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 35 - Fotografia do casamento dos avós Ilma e Bruno, 1967.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Quanto ao exposto sobre as fotografias, digo que a grande maioria das fotos foram registradas posteriormente ao casamento, visto que naquela época o acesso a fotografia não era tão fácil, e também muitos noivos não tinham condições financeiras para chamarem fotógrafos. O cenário das fotografias também dá indícios disso, visto que as festas de casamento geralmente eram simples e a decoração composta por ramos de palmas e outras flores, e em algumas fotografias existe a presença de cenários com cortinas e demais itens decorativos. Um exemplo é o

casamento dos meus avós Alendina e Bruno Rutz, onde os registros foram feitos posteriormente, na cidade de Pelotas, conforme afirmação de minha avó, bem como perceptível na foto (Figura 36).



Figura 36 - Fotografia de casamento avós Alendina e Bruno.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Após se conhecerem através de amigos em comum, e namorarem por 3 anos, casaram-se com a benção de Deus, familiares e amigos, em uma pequena igreja, localizada na comunidade Chicuta Oliveira. A comemoração foi realizada na casa da noiva e contou com poucos convidados, escolhidos a dedo para fazerem parte desse momento. Os convidados foram bem recepcionados e servidos. Dançaram, comeram e beberam até o anoitecer. Em decorrência das condições financeiras, não conseguiram registrar esse momento de alegria, para que pudesse ser lembrado por seus familiares posteriormente, no entanto, deixaram um único registro fotográfico posterior ao casamento, feito na cidade de Pelotas, para que essa data fosse rememorada. Em meio às comemorações, nem sabiam que iriam enfrentar grandes dificuldades, construir uma linda família e apesar das dificuldades iriam ascender. Haveria muito trabalho pela frente. Construiriam uma pequena casa e que com muito trabalho iria ser ampliada. Minha avó, mulher trabalhadora desde cedo, já imaginava que seguiria com seu

trabalho na roça e com afazeres domésticos, e tinha a pretensão de construir uma família e ter uma vida digna. Meu avô, ainda jovem, já trabalhava numa pequena ferraria, atividade muito importante na época, visto a quantidade de carroças e outras ferramentas que eram necessárias para o trabalho rural, mas não imaginava que conseguiria construir sua própria ferraria e que se sentiria tão realizado nessa profissão. Mal sabia, também, que seu primogênito seguiria na mesma área e o ajudaria a ampliar a ferragem para uma pequena oficina para atender a comunidade em geral. Também não imaginaria que seu caçula seguiria na oficina e que lhe daria um neto e que seguiria na mesma direção e com grande interesse e habilidade na ferragem. Além desse neto, tiveram outros 4 netos, com profissões diferentes. Seu neto mais velho, que nasceu no mesmo dia do seu aniversário e que recebeu também seu nome, Bruno, pelo qual teria muito apego, seria motorista para a empresa de seu grande amigo. Outro seria agricultor, suas netas teriam a pretensão de trabalhar com educação, cada uma em uma área. No momento do casamento não teriam conhecimento de tudo que iriam construir juntos, apenas desejos e pretensões. Quantas surpresas lhe aguardariam no futuro.²⁹

Outros ritos também são muito importantes aos pomeranos, como é o caso do batismo e da confirmação, ambos relacionados com a religiosidade luterana. No caso do batismo estão envolvidos vários ritos com padrinhos/madrinhas e a criança, iniciando pela decisão dos padrinhos. Para Rölke (*apud* MALTZAHN, 2011a) essa escolha é importante para os pomeranos, por acreditarem que as virtudes dos padrinhos se transferem para as crianças. Geralmente são escolhidos cinco padrinhos, entre familiares mais próximos aos pais, como os avós da criança e tios e também algum amigo e vizinho que em algum momento auxiliou a família.

Na cerimônia, segundo Maltzahn (2011a), enquanto o pastor pregava, costumava-se passar a criança de mão em mão entre seus padrinhos, acreditando que dessa forma absorveria as suas qualidades. Após a cerimônia, cada padrinho coloca sobre a criança uma lembrança de batismo, em pomerano *peetabrief* (Figuras 37 e 38), onde eram inseridos itens que expressavam onde o padrinho queria que o afilhado teria sucesso, como, por exemplo: sementes de alimentos (bom plantador); penas de galinha (bom criador de galinhas); botões e agulhas (boa costureira); lápis e borrachas (bom professor); dinheiro (bom guardador).

²⁹ Narrativa criada por Mairin Rutz, 20 de Agosto de 2020.



Figura 37 - Lembranças de batizados.
Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

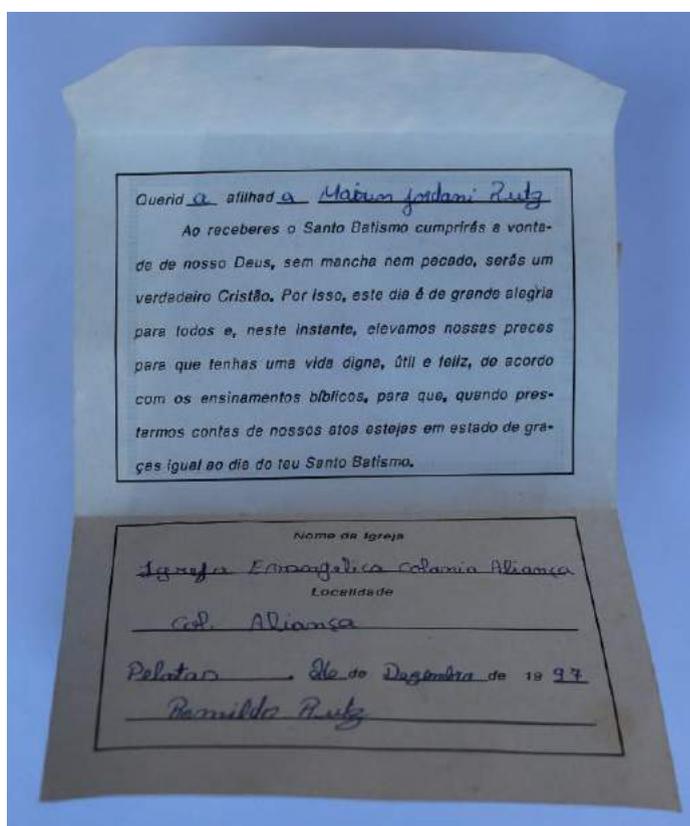


Figura 38 - Interior de lembrança de meu padrinho.
Fonte: Acervo da pesquisadora (2020).

Em relação aos ritos mencionados até então, em algumas igrejas eles ainda estão presentes nas cerimônias de batismo. Logo, em outras, eles não ocorrem mais. Outras crenças ainda são bem fortes, principalmente por pessoas mais velhas. Elas acreditam que as atitudes dos padrinhos, principalmente no dia do batismo, influenciam o futuro da criança. Por exemplo: se os padrinhos trocarem de roupa ou de sapato no dia do batismo a criança pode se tornar gastadeira com roupas; ou se

sujarem a calça e terem que trocar, a criança não irá ter sorte com calças, irá vestir algumas vezes e já vai rasgar (THUM, 2009).

As crenças ainda são frequentes na região onde moro, principalmente por pessoas mais idosas. Quanto a afirmação mencionada anteriormente sobre a crença de que as virtudes dos padrinhos se transferem para as crianças, essa com certeza é uma das mais frequentes. Ouve-se muitas vezes: “Ah, você é muito parecido com teu padrinho” ou “Isso você puxou da tua madrinha”.

Quanto a confirmação (Figura 39), ela é realizada quando o adolescente tem em torno de 13 e 14 anos, após aprender sobre a religião no ensino confirmatório³⁰. É realizado um culto, uma vez por ano, em que adolescentes confirmam sua fé perante a comunidade, ao lado dos seus pais e padrinhos. Pode também ser considerado um rito de passagem, quando o jovem passa a integrar a comunidade, a vida adulta, ter o direito de ser escolhido como padrinho ou madrinha e autonomia para frequentar bailes e festas na comunidade e namorar (MALTZAHN, 2011a; SCHMIDT, 2015; THUM, 2009).



Figura 39 - Fotografia de Confirmação de fé.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

³⁰ São reuniões entre os confirmandos/jovens que irão confirmar sua fé e o pastor da comunidade. Nessas reuniões as/os jovens aprendem sobre a igreja e sua religião.

No auge de seus 13 anos, Augusto se preparava para sua confirmação de fé. Toda a semana saía pela estrada de chão, acompanhado de amigos, em direção a igreja, compartilhando do mesmo desejo, fazerem parte da comunidade e confirmarem sua fé em Deus perante a comunidade. Lá, iriam estudar sobre as escrituras bíblicas. Augusto, já sabia de tudo que estava envolvido, sabia de seus compromissos e da autonomia que lhe era garantida, mas sabia também que isso não significava que não contaria mais com o apoio dos pais e que não lhes devesse considerações. Na primavera de 1979, já com 14 anos, aceitou o compromisso de confirmar sua fé ao lado de seus pais e padrinhos, passando assim a integrar a comunidade e a vida adulta. Pela primeira vez, pode participar da santa ceia. Como era uma ocasião especial e merecia ser registrado, após o culto, o fotógrafo da região contratado pelos pais dos confirmandos fez um registro para que fosse possível rememorar esse momento tão importante para a família. Posteriormente, já quase meio-dia, pais, avós, padrinhos e vizinhos dirigiram-se para a casa do confirmando para celebrarem, saboreando uma deliciosa sopa de galinha preparada pela vizinha, que prontamente se dispôs a ajudar enquanto os demais participavam da comunhão.

Primavera de 1979, Colônia Aliança³¹.

Além desses rituais, existem outros momentos e datas especiais que são muito importantes aos pomeranos, como a Páscoa, o Natal e o *Bustag*. A respeito dessas datas trago alguns registros do meu diário que refletem sobre essas e outras datas e tradições relacionadas a elas (Figura 40 e 41).

5 de Abril - Domingo de Ramos

Como há muito tempo não via, hoje as casas amanheceram enfeitadas com flores e ramos nas portas. Foram inúmeros os registros de portas enfeitadas encontradas nas redes sociais. Acreditava que essa tradição havia se perdido por completo. Perguntei à minha mãe por qual motivo essa tradição estava se perdendo. Segundo ela, passou-se a priorizar muito o trabalho, não reservando tempo para essas coisas. Acredito que de certa forma a pandemia contribuiu para a manutenção dessa tradição, estando mais conscientes onde depositamos nosso tempo e energia.

Domingo de Ramos – domingo que antecede a Páscoa. Nessa data celebra-se a entrada de Jesus em Jerusalém. Segundo as escrituras, a multidão recepcionou Jesus com muitos ramos. Da mesma forma, simbolicamente, ramos e flores são colocados na porta nessa data.³²

10 de Abril de 2020 - Sexta-Feira Santa.

Hoje o dia amanheceu um tanto estranho para uma Sexta-Feira Santa. Pela primeira vez não saímos para o culto. Esse ano, devido a pandemia, os cultos foram cancelados para evitar aglomerações e possíveis contaminações. [...] Essa data é considerada como sexta-feira do silêncio, *Stilefrijdag*, sendo que nesse dia procura-se recolhimento em memória de Jesus. Não costuma-se trabalhar, festejar, falar alto. [...]³³

³¹ Registro fictício criado a partir da fotografia, que procura trazer alguns aspectos importantes sobre a confirmação.

³² Escrita feita inicialmente no diário da pesquisadora, em 05 de abril de 2020.

³³ Escrita feita inicialmente no diário da pesquisadora, em 10 de abril de 2020.

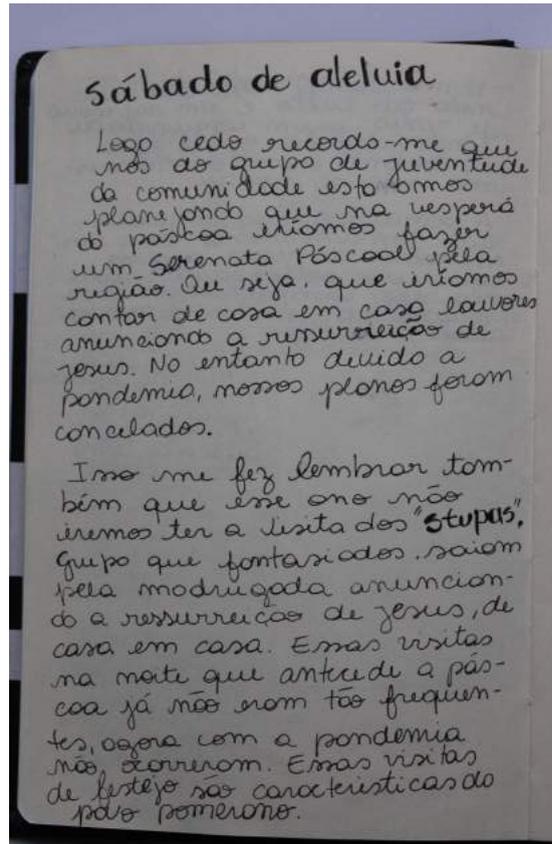


Figura 40 - Página do diário da pesquisadora. Sábado de Aleluia.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

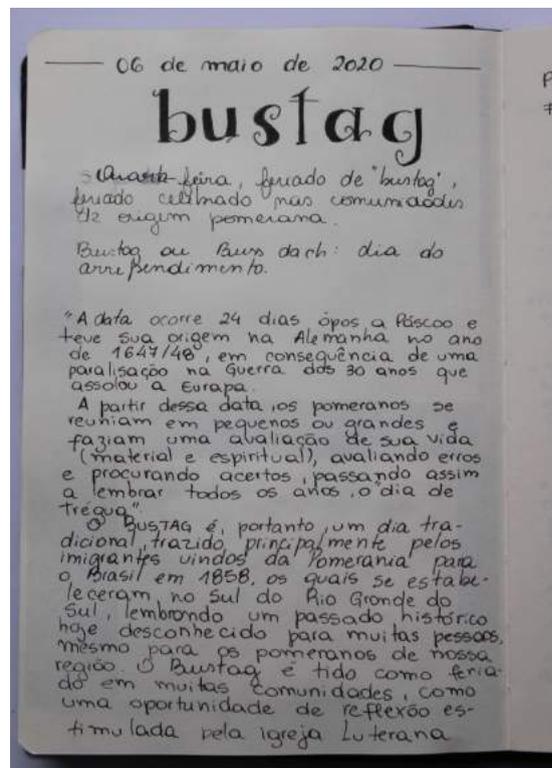


Figura 41 - Página diário da pesquisadora. Bustag.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Associado ao Natal e à Páscoa, também existe uma tradição característica dos pomeranos, que ainda observo na comunidade que é a produção de Bolachas caseiras (*doss*) (Figura 42). Nos dias que antecedem essas datas costuma-se assar uma grande quantidade de bolachas, que serão servidas durante as festividades e ao longo dos próximos meses, até acabar o estoque. Atualmente, essa tradição vem perdendo espaço, visto a facilidade de comprar biscoitos e outros alimentos industrializados, bem como em decorrência do tempo que necessita para a preparação, em que o trabalho toma a frente.



Figura 42 - Produção de dóss - bolachas.
Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Como já mencionado ao longo do estudo, o povo pomerano enfrentou diversas dificuldades, mas conseguiu manter muitos desses aspectos apresentados anteriormente. No momento em que foram proibidos de se comunicar no seu idioma, poderiam também ter deixado de praticar grande parte dos costumes e crenças com medo de repressões. No entanto, isso não aconteceu. Foi através desses rituais, práticas e saberes cotidianos que a memória do povo pomerano se perpetuou, pois não existe memória sem transmissão de conhecimentos (MALTZAHN, 2011a). Halbwachs (2006) afirma que as histórias do grupo são transmitidas de geração em geração através da memória coletiva de seus membros. Para ele, a memória é uma construção social, constituindo-se a partir das relações estabelecidas entre os indivíduos e grupos, elas se formam a partir das relações com os outros.

O principal ambiente que impediu que o idioma e muitos dos aspectos culturais se perdessem foi o ambiente doméstico, o lar de famílias pomeranas. A resistência doméstica impediu que essas manifestações desaparecessem. Essas

famílias procuraram manter suas origens e identidades vivas, mesmo em momentos difíceis e temerosos. Foi em pequenas e modestas casas que o idioma e os hábitos foram sendo preservados e propagados. As famílias, em seu dia a dia, seguiram utilizando sua língua materna durante a labuta nas pequenas lavouras e em casas durante momentos de comunhão e no decorrer das refeições. Na maioria das vezes era a mulher que tinha o papel de propagar e ensinar às gerações mais novas o idioma e também outros aspectos da cultura, como os hábitos e a gastronomia. Eram elas também que ensinavam para as moças manualidades como o crochê, o bordado, o tricô e a costura, além dos serviços domésticos.

Concluo esse capítulo com um escrito datado do dia 03 de outubro de 2019, no qual reflito sobre a questão das fotografias impressas.

03 de Outubro de 2019

Já é noite, e estou aqui escrevendo à luz de velas, visto que faltou luz na região. Hoje, como de costume, fui até a casa da minha Vó. Nesse dia, além das conversas sentadas à mesa, bebendo uma xícara de café, decidimos rever fotografias guardadas no armário. O clima chuvoso pedia um momento de afeto e compartilhamento de histórias. Revemos fotografias de família, algumas antigas, outras nem tanto. Fotografias de casamento, confirmação de fé. Na minha busca por fotografias mais antigas, minha avó relatou a dificuldade de fazer esses registros décadas atrás, sendo que poucas pessoas possuíam câmeras fotográficas. Hoje, as novas gerações já têm outras possibilidades, câmeras, celulares... No entanto, as relações estabelecidas com a fotografia são outras. Muitas vezes permanecem na memória interna do celular ou nas “nuvens” e não são concretizadas no papel.³⁴

Escolhi concluir com esse trecho por entender a grande importância das fotografias impressas na construção deste subcapítulo e do estudo em si. Foi a partir das fotografias que pude recordar, narrar histórias de aspectos culturais do pomerano e também encontrar uma possibilidade de levar essa problematização para o campo da educação, como será apresentado no próximo capítulo.

Assim, encaminho o final deste capítulo cuja intencionalidade foi apresentar a origem desta pesquisa e seus novos direcionamentos, como sobre o pomerano, sendo que julguei necessário embarcar numa viagem por algo que me parecia tão familiar. Essa busca se deu em meio a artigos, dissertações e outros textos, novas paisagens e lugares, conversas e fotografias, revelando aspectos culturais do pomerano que acabaram ficando esquecidos e reafirmam o interesse de ativar

³⁴ Diário da pesquisadora.

esses elementos, além de me auxiliar numa percepção quanto à minha prática e (auto)formação, indo ao acordo com o que afirma Abrahão (2003, p. 85), “o estudo autobiográfico é uma construção da qual participa o próprio investigador”.

No próximo capítulo me dedico a discorrer sobre como busquei inserir esses aspectos durante a ação com os estudantes, bem como discutir sobre a questão das viagens, dos diários e da esfera educacional que envolve a proposta.

2 Diários, viagens e ensino

A discussão até o momento foi pautada num viés mais histórico sobre o pomerano. A partir de agora, neste segundo capítulo, apresento uma discussão que envolve o assunto em sala de aula, por meio de diários de viagem, e menciono alguns exemplos que evidenciam a potencialidade dos diários. Exploro algumas possibilidades do viajar, apresentando exemplos de artistas que se relacionam com a temática, além de teóricos que pesquisam sobre o viajar.

Também realizo uma discussão voltada à educação, discorrendo sobre educação intercultural embasada em Richter (2000) e uma reflexão quanto aos desafios impostos pela pandemia. E, por fim, abordo sobre a ação pedagógica desenvolvida com alunos do ensino médio a fim de obter resultados para responder meus questionamentos.

Pode ser que você leitor esteja se perguntando por que diários de viagem mesmo? E sobre que tipo de viagens? Ou, ainda, por que não apenas “diários”? Eu mesma já me perguntei ao longo da pesquisa se empregava o termo diários de viagem ou apenas diários. Logo, a decisão foi seguir com o termo. Ao longo da escrita você poderá compreender o motivo.

Ao longo da pesquisa fui direcionada a outros caminhos e a novas abordagens para a prática em sala de aula, que até então não imaginava. Assim também, durante o estudo, surgiram alguns questionamentos, como: deixo de tratar as aulas como viagem?; os alunos irão conseguir desenvolver os diários com maior empenho?; a que ponto a pandemia interfere na minha pesquisa?; irei conseguir realizar a pesquisa de campo na escola?; encontrarei outra alternativa?; responderei os questionamentos lançados no início da pesquisa e durante? Dúvidas e inquietudes, muitas... pois são elas que moveram durante a exploração deste estudo.

Procurarei responder esses questionamentos ao longo dos próximos eixos, buscando possibilidades de soluções para essas e outras indagações. Dessa forma, divido este capítulo em quatro eixos. No primeiro, discorro sobre a esfera das viagens, trazendo uma discussão sobre viagens sedentárias e viagens nômades, além de artistas que relacionam sua prática com as viagens. No segundo eixo,

desenvolvo uma discussão sobre os diários de viagens e suas possibilidades tanto no campo artístico quanto no educacional, destacando alguns exemplos. No terceiro, trato sobre educação intercultural e estética do cotidiano, embasada em Ivone Richter (2000), e discuto questões impostas pela pandemia.

2.1 Viagens e viajantes: algumas possibilidades para pensar a prática em sala de aula

*Viagem como um movimento; através do espaço, do tempo, do
outro e de si.
Zygmunt Baum*

Início este subcapítulo a partir da epígrafe acima, por entender que ela traduz muito do que desejo e entendo sobre esta viagem, a pesquisa e a proposta desenvolvida com os alunos. Posso considerar a pesquisa em si como uma viagem, por explorar territórios desconhecidos e outros nem tanto, conheci pessoas e vivi novas experiências e me reconheci. Um movimento de pesquisa e reflexão. Coloquei-me como viajante no dia a dia da pesquisa, em busca de me espantar com detalhes do cotidiano (DIAS, 2011), considerando, segundo a percepção de Saramago (1997, p. 287), que “O viajante não é turista, é viajante. Há grande diferença. Viajar é descobrir, o resto é simples encontrar”.

[...] viajar ajuda a descobrir onde estamos e quem somos. A revelar-nos a partir das paisagens que se revelam a nós. As viagens seriam formas encontradas para revisitar nossas próprias paisagens subjetivas (paisagens receptivas, paisagens imaginárias, paisagens mentais, paisagens da memória) e redescobri-las com outros significados, atualizados pelas novas configurações que o deslocamento continuamente produz. (AMARO, 2014, p. 16).

Ao longo das próximas linhas discorro sobre o ato de viajar e de se deslocar por espaços, paisagens e territórios subjetivos. Trago exemplos de artistas cuja produção têm relação com o viajar. Reflito sobre as possibilidades do viajar nômade e das viagens sedentárias. Logo, primeiramente, trato sobre as viagens nômades, em movimento.

Ao longo da história da humanidade, muitas pessoas necessitam viajar, deslocar-se entre territórios. As primeiras civilizações, por exemplo, antes de

descobrirem que poderiam plantar seus próprios alimentos, eram nômades. Ou seja, deslocavam-se de uma região a outra, em busca de alimento para si e para seus animais.

Posteriormente, surgiram viagens com caráter de funcionalidade e serviço. O marinheiro, mercador, missionário, médico. Esses viajavam se deslocavam entre territórios a trabalho. Com o passar do tempo, as viagens tornaram-se momentos de lazer, pois pessoas saíam de sua localidade, cidade, estado ou país, em busca de conhecer novos lugares. Dessa forma, é possível mencionar a existência de uma grande variedade de viajantes:

o antigo mercador que embarcava em longas viagens para vender sua mercadoria; o exilado que deixa a sua pátria, geralmente obrigado por motivos políticos; o emigrante que realiza a viagem para se reinstalar num novo lugar; o andarilho que percorre um território sem expectativa, à procura de achados fortuitos. Há ainda: o turista que viaja buscando o prazer e a felicidade, acreditando erroneamente que vai encontrá-los debaixo de uma palmeira numa praia de areias brancas; o antropólogo que procura estudar o ser humano de forma integral; o explorador que busca reconhecer e registrar um novo lugar; e o aventureiro em busca de novas vivências que geralmente apresentam riscos e emoções. (TALA, 2011, p. 293-294).

Não me detenho na parte histórica das viagens. No entanto, destaco artistas que relacionam sua produção com o viajar. Início pelos artistas viajantes. Artistas cuja produção está diretamente relacionada com o viajar, ou seja, sua produção artística, desenhos e pinturas, surge de suas viagens e tem caráter documental. Eles utilizavam recursos como desenhos, pinturas e gravuras em sua produção. Os artistas viajantes eram enviados para expedições para catalogar espécies de plantas, animais, tipos humanos. A seguir, relato alguns.

Alexander Von Humboldt, conhecedor de biologia, geologia, química, física e história, dominou a arte de classificar espécies da fauna e da flora. Frans Janszoon Post, pintor, desenhista e gravador, era encarregado de documentar a topografia, a arquitetura militar e civil, cenas de batalhas navais e terrestres. Rugendas, pintor, desenhista, ilustrador e litógrafo, representava a natureza e costumes populares. E Debret era pintor, desenhista, gravador, professor, decorador e cenógrafo.



Figura 43 - Carro de Bois, 15.08.1638. Frans Post. Óleo sobre tela.
88,00 cm x 61,00 cm.
Fonte: Itaú Cultural.

Esses e outros mais produziram a partir de viagens. Muitos dos seus registros e estudos eram feitos primeiramente em seus diários de bordo, diários de viagem e depois em outros suportes. Esses artistas foram de grande importância para o registro documental de cenas e paisagens brasileiras.

Paulo Silveira (2008) menciona a existência de artistas viajantes à moda antiga no início do século XX, que utilizavam o desenho, pintura e gravura como recurso. Outros utilizavam recursos mais atuais em suas produções, como dispositivos fotográficos e audiovisuais, sendo que seus registros eram expostos em galerias de arte e alguns foram publicados em livros. Ele também questiona a existência de alguma coisa da natureza inédita que pudesse ser narrado, descrito ou dissertado pelas ferramentas dos artistas, como também qual região do mundo ainda não ficou próxima dos olhares dos satélites. Dessa forma, o interesse não seria meramente no registro e sim na experiência do deslocamento. Logo, a arte conceitual, de modo geral, o minimalismo e a *land art*, passaram a criar a partir do documento e do detalhe.

Quanto ao registro de ações, de deslocamentos geográficos ou do detalhamento da mínima porção de ambiente natural ou urbano, o universo dos assuntos se multiplicou num repertório amplo, ainda que com limites, mas com produção sem fim. Não há maiores dificuldades em se trocar de continente em poucas horas, num mundo que está acessível a todos que possam comprar as necessárias passagens. Então o que de ímpar

descrever? As opções, desta vez, se concentram no próprio país, na cidade, na casa, no pátio, no jardim. (SILVEIRA, 2008, p. 148).

As grandes viagens passaram a ser substituídas por excursões e caminhadas, e os registros foram feitos a partir de aparelhos fotográficos e de filmagem, além de croquis, diagramas, tabelas estatísticas, memoriais descritivos e todo tipo de documento. Esses registros eram expostos em galerias e museus, além de se transformarem em filmes e vídeos e diversas publicações (SILVEIRA, 2008).

Corroboro com o autor quando afirma que "Dentro do critério da proximidade ou semelhança com a arte dos viajantes, talvez a *land art* tenha mesmo proporcionado resultados mais evidentes, se bem que às vezes possam parecer anedóticos, dadas as diferenças de proporções e finalidades" (SILVEIRA, 2008, p. 149). De certo não são artistas viajantes, mas da mesma forma utilizam-se da ideia de viagem/deslocamento em sua produção, mesmo essas sejam apenas caminhadas e excursões e sua produção não tenha um carácter documental.

Acredito que o primeiro movimento que iniciou, mesmo que timidamente, com uma produção a partir de viagens/deslocamentos foram os dadaístas. Em 1921, em Paris, eles encontram-se em frente à igreja de Saint-Julien-le-Pauvre e convidaram a população para uma série de excursões urbanas aos lugares banais da cidade. Essa ação foi chamada de *Grande Saison Dada* e foi o primeiro passo para uma série de excursões, deambulações e derivas que atravessaram o século como forma de antiarte. Os dadaístas, com suas visitas a locais "sem graça", tinham a pretensão de dessacralizar a arte, como o objetivo de unir arte e vida, o sublime e o cotidiano (CARERI, 2013). Eles caminhavam em cidades escolhidas aleatoriamente em mapas e ao chegarem lá não interferiam no espaço.

O dadá não intervinha no lugar deixando ali um objeto nem o separando dos outros: levava o artista - melhor dito, o grupo de artistas- diretamente ao lugar a ser descoberto, sem realizar operação material alguma, sem deixar rastros físicos, a não ser a documentação ligada a operação-panfletos, as fotos, os artigos, as narrações - e em qualquer tipo de elaboração subsequente. (CARERI, 2013, p. 75).

Em Paris, na mesma época, já vagava o Flâneur, "[...] personagem efêmero que rebelando-se contra a modernidade, perdia o seu tempo deleitando-se com o insólito e com o absurdo, vagabundeando pela cidade" (CARERI, 2013, p. 74). Logo, o dadá se apropriou da *flânerie* e essa atividade se tornou estética.

Esse mesmo termo é apropriado pela artista e educadora Karina Dias (2011) em sua pesquisa e produção artística. Ela se considera uma flânerie contemporânea, que olha para a paisagem cotidiana e procura “*ajanelar*” o cotidiano para apresentá-lo de outra forma. Ela procura se posicionar como uma viajante que se espanta com o que vê, como se olhasse pela primeira vez, fascinado pelo que vê, pelo quase-nada, gestos, odores, barulhos. Essas experiências paisagísticas vividas se transformam posteriormente em intervenção urbana ou videoinstalação que provocam o espectador a (re)ver a sua própria paisagem, em detalhes que por vezes passam despercebidos.

Nada mais banal para os habitantes da cidade do que subir ou descer uma rua, nada mais rotineiro no corre-corre cotidiano que as várias vistas vislumbradas dos carros, ônibus ou metrô. No entanto, é nessa absoluta banalidade que residiriam os instantes de paisagem. Capturá-los e mostrá-los como trabalhos artísticos seria como (re)ver, ver uma vez mais o que já teria sido tantas vezes (re)visto [...]. Trabalhar poeticamente os fenômenos da realidade, amplificando-os e atribuindo-lhes um novo contexto, é, talvez, acolher o mundo e as situações banais da vida. (DIAS, 2011, p. 3772).

Outro grupo cuja produção possui relação com o viajar é o surrealismo. Esse movimento artístico nomeia sua prática como deambulações. Logo, Aragon, Breton, Morise e Vitrac organizaram uma deambulação por Paris. O destino foi escolhido ao acaso no mapa, uma pequena cidade que se chamava Blois. Segundo Careri (2013), Breton recorda esse deambular em grupo, conversando e caminhando por vários dias como uma exploração entre a vida consciente e o sonho. Após o regresso, Breton escreveu a introdução de *Poisson soluble*, que se tornaria o primeiro manifesto surrealista.

A viagem, empreendida sem escopo e sem meta, tinha-se transformado na experimentação de uma forma de escrita automática no espaço real, uma errância literário-campestre impressa diretamente no mapa de um território mental. (CARERI, 2013, p. 78).

O termo deambulação, empregado para nomear suas ações, relaciona-se com desorientação e do abandono do inconsciente (CARERI, 2013).

O percurso surrealista coloca-se fora do tempo, atravessa a infância do mundo e toma as formas arquetípicas da errância nos territórios empáticos do universo primitivo. O espaço se apresenta como um sujeito ativo e pulsante, um produtor autônomo de afetos e relações. É um organismo vivente, com um carácter próprio, um interlocutor que tem repentes de

humor e que pode ser frequentado para instaurar um intercâmbio recíproco. (CARERI, 2013, p. 78-80).

Foi com os surrealistas que surgiram as primeiras cartografias, onde, através das primeiras deambulações, surgiu a ideia de formalizar a impressão do espaço sob a forma de *mapas influenciadores* (CARERI, 2013 - grifo do autor).

Após as visitas dadá e as deambulações surrealistas surgiu um novo termo: a *dérive*. Esse termo foi empregado pelos situacionistas, grupo que surgiu em 1957 e que procurava subverter o sistema capitalista do pós-guerra. O grupo era formado por poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais.

A *dérive* é a construção e a experimentação de novos comportamentos na vida real, a realização de um modo alternativo de habitar a cidade, um estilo de vida que se situa fora e contra as regras da sociedade burguesa e que pretende ser a superação da deambulação surrealista [...] era uma ação que dificilmente podia ser empregada no sistema da arte, [...] Era uma ação fugaz, um instante imediato a ser vivido no momento presente, sem a preocupação com a sua representação e com a sua conservação no tempo. (CARERI, 2013, p. 85-86).

Essas derivas resultaram em guias turísticos e formulários de uso da cidade. Os situacionistas descobriram, também, um meio lúdico de reapropriação do território da cidade. “A cidade é um jogo a ser utilizado para o próprio aprazimento, um espaço a ser vivido coletivamente e onde experimentar comportamentos alternativos, onde perder o tempo útil para transformá-lo em tempo lúdico-constructivo” (CARERI, 2013, p. 98).

Retomo aqui a discussão sobre a *land art* - arte da terra, em que os artistas utilizam o meio ambiente como base no processo criativo e como experiência do espectador. Logo, dessa forma, alguns artistas usavam/empregavam as caminhadas e viagens em suas produções de diferentes formas. Carl Andre, por exemplo, fez objetos onde o espectador era convidado a caminhar. Ele afirma que a escultura ideal para ele é a estrada (CARERI, 2013).

Diferentemente de Andre, Richard Long considera que sua arte está no ato de caminhar, se faz caminhando. Um exemplo é a obra *A line made by Walking* (Figura 44), que se refere a uma linha reta esculpida através do pisotear no território. Com o passar do tempo, o resultado dessa ação desaparecerá e somente ficará registrado em fotografias (CARERI, 2013).



Figura 44 - Richard Long. *A line Made by Walking*, 1967.
Fonte: CARERI (2013).

Já para Hamish Fulton, a obra é a própria caminhada e seus registros: “A minha forma de arte é a viagem feita a pé na paisagem... A única coisa que temos de tomar de uma paisagem são fotografias. Única coisa que temos de deixar nela é o rasto dos passos” (CARERI, 2013, p. 110).

Outro trabalho que se relaciona com o viajar na arte, tem o objetivo de propor pequenas viagens aos espectadores. O trabalho em questão é o artigo *The monument of Passaic* de Robert Smithson e a exposição de um negativo de um mapa (*Negative map Showing Region of Monuments along the Passaic River*) (Figura 45) e 24 fotografias em preto e branco que retratam os monumentos de Passaic.



Figura 45 - Robert Smithson. *Negative map Showing Region of Monuments along the Passaic River, 1967.*
 Fonte: CARERI (2013).

Os monumentos retratados são objetos estranhos de uma paisagem industrial de periferia e a mostra não é de fotografias. A intenção do artista era suscitar que o público se deslocasse até lá e conhecesse esse local. Logo, a obra é uma série de elementos, o lugar, o percurso, o artigo, as fotos, o mapa, o convite e os escritos que resultaram (CARERI, 2013).

Os artistas e movimentos mencionados nas linhas anteriores mantêm aproximações com a questão da viagem. Alguns, com a ideia de anti-art, acabaram desenvolvendo outra percepção quanto à experiência do caminhar, contribuindo e inspirando posteriormente outros artistas e desenvolvendo o lado estético das caminhadas. Os destinos dessas viagens/caminhadas também se divergem. Alguns preferiram as cidades, os locais banais, outros o ambiente natural. A obra que surgia a partir de cada caminhada/viagem era diferente. Para alguns, o importante era a ação, para outros era o registro da ação.

Outro artista, mais contemporâneo, com o qual estabeleço relação, é Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro nascido em 1944, em Minas Gerais. Inicialmente era economista, mas optou pela fotografia após uma viagem à África.

Começou sua carreira como fotojornalista. Ele passou a viajar para fotografar acontecimentos como guerras, perseguições. Suas viagens resultaram em diversos livros e exposições com suas fotografias e relatos (ALBORNOZ, 2005).

Suas fotografias em preto e branco são impactantes e procuram destacar a dor e o sofrimento de quem está sendo fotografado. Um trabalho que menciono aqui é Êxodos, resultado de uma viagem por cerca de 40 países, onde durante 6 anos ele registrou a realidade humana, condições de vida, miséria e deslocamento de pessoas em busca de melhores condições. Nesse trabalho ele procurou mostrar a humanidade em trânsito, provocando reflexões sobre questões políticas, sociais e econômicas dessas pessoas que saíram de sua terra natal (ALBORNOZ, 2005).

Segundo Carla Albornoz (2005), Sebastião demonstra interesse em conhecer a humanidade que existe nas pessoas que retrata, logo, ele não faz apenas o registro, mas procura conhecer e conviver com essa realidade. Ele só retrata quem permite ser fotografado. Logo, isso estabelece uma relação de empatia e confiança e suas fotografias mostram respeitar a dignidade das pessoas em condições decadentes.

Sebastião Salgado tem percorrido uma grande parte do terceiro mundo retratando o sofrimento, a fome e a morte de pessoas na periferia da nossa sociedade contemporânea, viajando em terceira classe, cortando o seu próprio filme e fazendo as suas próprias ampliações. À diferença da prática comum dos jornalistas que chegam ao local de interesse, congelam na imagem o material necessário para logo se retirarem rapidamente, Salgado passa várias semanas conhecendo as pessoas e as suas circunstâncias. É assim que a comunicação que Salgado estabelece com as pessoas vivendo em condições extremas se traduz numa imagem que parece capturar a alma dos retratados, nos transmitindo, ao mesmo tempo, um sentimento de eternidade desse momento. (ALBORNOZ, 2005, p. 96).

Suas fotografias retratam pessoas que fogem da pobreza, guerras e repressões, migrantes, exilados e refugiados. É para essas pessoas que deixam suas histórias em busca de uma vida nova em outro lugar que o artista direciona o seu olhar, é para a dor física e psicológica que essas pessoas carregam.



Figura 46 - Sebastião Salgado.
Fonte: Cultura Genial³⁵.

O trabalho *Êxodo*, publicado no ano de 2020, demonstra uma realidade que mesmo 20 anos após ainda é constante e faz parte da realidade atual no cenário mundial, assim como também se aproxima da realidade dos primeiros imigrantes pomeranos que discuto na pesquisa. Os fatores de pressão e de atração podem até ter mudado com o tempo, assim como as zonas de conflito, os locais de saída e destinos, mas as dificuldades, o desejo e a esperança de melhores condições em novas terras se aproximam.

Jorge Machi é outro exemplo cuja produção está relacionada com o viajar. Em *Buenos Aires Tour* (2003) (Figura 47), o artista dispôs uma placa de vidro sobre um mapa da cidade e quebrou o vidro, as linhas desenhadas quando quebrou indicavam os caminhos que percorreria na tour, linguagem do acaso que se aproxima dos surrealistas mencionados anteriormente. Essa tour está acompanhada de registros escritos, fotografias e sonoros. O livro, publicado em 2004, contém uma série de postais e fotografias de elementos e objetos encontrados durante a tour. O artista procura estimular a visitação desses locais (Figura 48).

³⁵ Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/fotos-sebastiao-salgado/>>

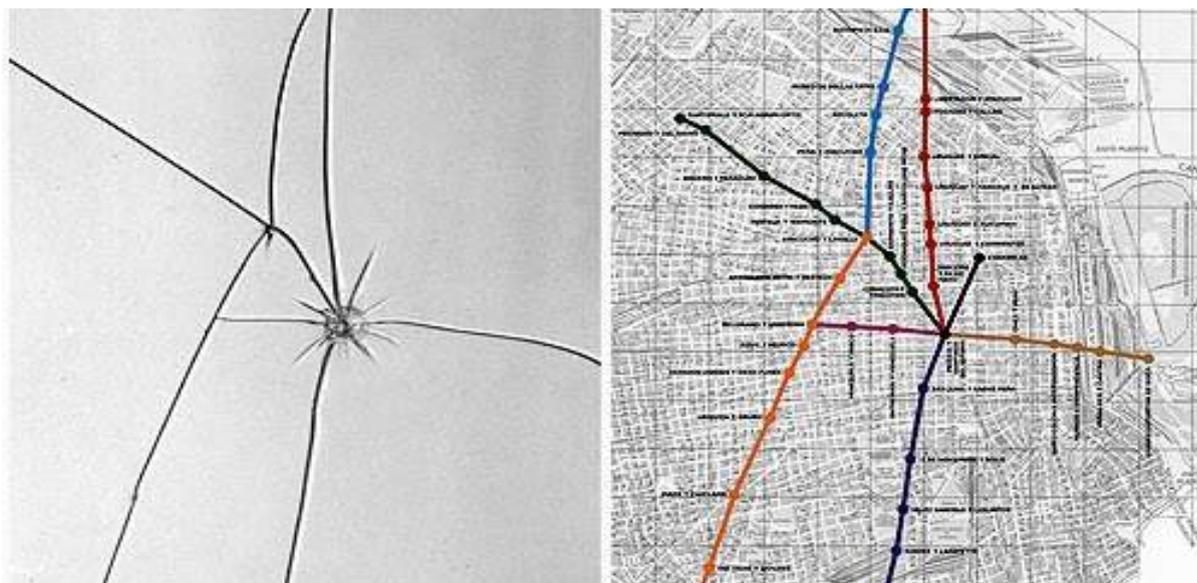


Figura 47 - Jorge Machi. *Buenos Aires Tour*, 2003.
Fonte: Artistas e experiências³⁶.



Figura 48 - Jorge Machi. *Buenos Aires Tour*, 2004.
Fonte: Artistas e experiências.

Além de artistas, alguns poetas e escritores também produziram a partir de viagens, como José Saramago, escritor português. O livro *Viagem a Portugal* (1995), publicado primeiramente em 1981, é resultado de uma viagem feita pelo escritor entre outubro de 1979 e julho de 1980, a convite de uma editora. Ao longo do livro, Saramago se coloca como viajante e não turista, e disposto a descobrir Portugal,

³⁶ Disponível em:

<<http://artesyprocedimientos-imagenes.blogspot.com/2012/05/buenos-aires-tour-2003-jorge-macchi.html>> Acesso em: 05 nov. de 2021.

seu país. Os seus escritos demonstraram uma preocupação com as pessoas e uma busca pelos traços de identidade e pela diversidade que ali existe.

Ao longo do seu texto, somos postos a descobrir cidades e vilas e suas igrejas, castelos, museus e os monumentos que as compõem, mas não como um guia turístico. Ele intencionou guiar viajantes, aqueles que procuram vivenciar os locais, as paisagens e as histórias dos habitantes, e não turistas, que resumem o estar ali apenas com registro fotográficos. Saramago descreveu seus deslocamentos, paisagens, belezas, suas histórias, costumes e impressões. Ele escreveu sobre as delícias servidas nos restaurantes, os vinhos, licores, sobre as canções e obras de arte.

Todos esses exemplos citados anteriormente relacionam-se com viagens nômades ou errantes, ou seja, onde existe a ação de se deslocar entre lugares, mesmo que em pequenas distâncias. Percebo que cada artista procurou aproximações com a errância a explorou de forma diferente, mas o ponto de aproximação que visualizo se refere a experiência, tanto do artista quanto em relação ao espectador, em busca de desenvolver alguns sentidos e percepções sobre as paisagens, algumas já cotidianas. Logo, tal relação se aproxima do pensamento de Onfray, que considera que

A viagem, de fato, é uma ocasião para ampliar os cinco sentidos: sentir e ouvir mais vivamente, olhar e ver com mais intensidade, degustar, ou tocar com mais atenção - o corpo abalado, tenso e disposto a novas experiências, registra mais dados do que de costume. (ONFRAY, 2009, p. 49).

Em relação ao registro, Onfray (2009) enxerga algumas possibilidades, como fotografias, aquarelas, cartas, cartões postais, poemas e croquis, que podem ser suportes para memórias das viagens. “Pouco importa o suporte, desde que a memória produza lembranças, extraia quintessências, elabore referências com as quais organizar mais tarde o conjunto da viagem” (ONFRAY, 2009, p. 52). Logo, ele também questiona um exagero desses registros, uma abundância de fotografias, como “[...] histeria contemporânea e turística que consiste em registrar tudo com seus aparelhos digitais e se arrisca a reduzir sua presença no mundo a mera atividade de filmar [...]” (ONFRAY, 2009, p. 52). Segundo ele ainda, essa quantidade imensa torna impossível o trabalho da memória, e que apenas um poema, uma foto

expressiva e uma página que fica seria o suficiente para reativar a recordação da viagem.

Nas próximas linhas aponto outra forma de viagem, a que nomeio de sedentária. Então, o que são viagens sedentárias? Para mim, são viagens que realizamos sem sair de casa, de onde estamos, não requerem um deslocamento físico. São viagens que envolvem o nosso imaginário, nossas lembranças e o pensamento. São viagens a partir da leitura de um livro, a partir de uma música, obra de arte e ou fotografia.

O livro *A viagem ao redor do meu quarto*, de Xavier de Maistre, publicado pela primeira vez em 1795 me ajudou a desenvolver essa ideia de viagens sedentárias. O livro apresenta algumas narrativas escritas durante o período de quarentena em que o autor foi submetido. Xavier de Maistre, um oficial francês de 27 anos que, em 1790, ficou preso num quarto por 42 dias por ter se envolvido num duelo.

Durante o período que ficou isolado, o autor inventou uma nova modalidade de viagem, a viagem ao redor do quarto. Essa, mais prática, não precisava de coragem e nem de grandes fortunas, e nem sair por aí. Esse modo de viajar é recomendado principalmente para os pobres, enfermos e os que temem tempestades e penhascos altos. “Milhares de pessoas que, antes de mim, não haviam ousado, outras que não podiam, outras mais que nem sequer cogitavam viajar – todas hão de seguir meu exemplo” (MAISTRE, 2020, p. 10).

Acredito que o que foi necessário foi um modo viajante ou, segundo Alain Botton (2012), um espírito viajante, onde a receptividade é a principal característica. Corroboro com Alain Botton quando ao falar sobre o livro de Maistre afirma que “o prazer que extraímos das viagens talvez dependa mais do estado de espírito em que viajamos do que do destino” (BOTTON, 2012, p. 231). Ou seja, a nossa receptividade e abertura para coisas novas faz toda diferença.

Nesse pequeno livro, o autor demonstrou que mesmo com pouco espaço é possível viajar livremente com a imaginação. Em 42 capítulos, um para cada dia, ele descreve seus livros, sua cama, as gavetas e quadros. Vestindo um pijama de algodão cor de rosa e azul, sem precisar de bagagem, ele viajava entre seus móveis, contemplava-os com novos olhares e redescobria algumas qualidades.

Falava sobre sua relação com sua cachorra e seu criado, refletia sobre a vida e relembrava acontecimentos passados.

Ele, durante esse tempo, viajou sem sair do seu quarto. Algo que para muitos parece loucura. Segundo Botton (2012, p. 231), “estamos convencidos de ter descoberto tudo o que é interessante numa vizinhança basicamente por ter vivido ali durante muito tempo. Parece inimaginável que haja algo novo a ser descoberto”. Logo, o autor nos ensina a notar aquilo que já não vimos, ou seja, a olhar ao nosso redor como se ainda não o conhecêssemos.

Assim como o autor, todos nós fomos submetidos a um período de quarentena ao longo do ano de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia da Covid-19. As circunstâncias são outras, o motivo é outro e a realidade é outra. No entanto, cada um, de sua forma, foi submetido a um período de isolamento. Alguns em família, outros sozinhos, sem seus familiares, alguns em grandes casas, outros em casas minúsculas e precárias, alguns em apartamentos e outros na zona rural.

A pandemia que ainda estamos enfrentando acabou impedindo deslocamentos, viagens e simples saídas de casa. Fronteiras e aeroportos foram fechados. Isso devido às restrições para evitar o contágio do vírus. Nesse período, presos em casa, as pessoas passaram a sentir falta desses momentos.

Acredito que, assim como o autor, muitas pessoas, algumas sem perceber, acabaram viajando no interior de seus quartos e casas durante a quarentena e/ou durante o período da pandemia. Alguns possivelmente a partir de lembranças, objetos, fotografias, alguma conversa, filmes, séries, livros... E que tipo de viagens sedentárias foram essas? Podem ser viagens no tempo, na imaginação, nas memórias e lembranças pelo pensamento.

Visualizo algumas possibilidades dessa viagem pela casa, como, a partir do mobiliário, é possível lembrar de momentos e de pessoas que têm alguma relação com ele ou, ainda, a partir de receitas de família, como algum bolo ou doce, que costumava ser preparado por algum familiar, o que comeu em determinada data.

Da mesma forma com as fotografias e demais objetos, que podem suscitar viagens no tempo e nas memórias. Sabe-se que não é possível se teletransportar para épocas passadas e nem para o futuro. Entretanto, justamente essa seria uma viagem sedentária e mental, para recordar momentos, pessoas, locais,

acontecimentos que foram importantes e marcantes, e imaginar novas realidades e cenários.

As fotografias e os objetos podem novamente suscitar essas viagens por lembranças. Como já apresentado anteriormente, as fotografias são capazes de carregar muitas histórias e memórias e eternizá-las, “são elos documentais e afetivos que perpetuam a memória” (KOSSOY, 2002, p. 139), e a partir do olhar a fotografia realiza-se contribuindo para a manutenção da memória (DUBOIS, 1993).

Nora (1993) considera que a memória está nos espaços, nos gestos e objetos. Para o autor, podem ser lugares de memória, monumentos, personagens importantes, museus, arquivos, símbolos, marcas e acontecimentos. São lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos, são lugares com a função de consolidar memórias coletivas e são lugares representativos onde a memória coletiva se manifesta.

Além do livro mencionado anteriormente, outra produção que me inspirou a pensar sobre uma viagem sedentária é o trabalho “Gabinete Poético Urbano” (2011) de Helene Sacco, exposto na Casa M, junto a 8º Bienal do Mercosul. Esse trabalho refere-se a um gabinete criado pela artista, que ocupa o espaço de uma vitrine de uma antiga fábrica de chapéus de Porto Alegre. Esse Gabinete foi criado por ela utilizando alguns objetos que pertenciam a moradores da casa, encontrados em um antiquário, como quadros de mapas, um pequeno tapete, uma luminária, um porta-chapéus e uma coleção de pássaros, além de objetos da própria artista, como livros. Somaram-se também alguns materiais produzidos no local, como fotografias, desenhos, bilhetes e presentes de pessoas que visitavam o trabalho.



Figura 49 - Helene Sacco. Vista externa da vitrine com o gabinete. 2011.

Fonte: site da artista³⁷.

A artista também tinha a intenção de que esse gabinete instalado na vitrine também pudesse ser deslocado para a rua, como uma ação poética, de forma a descobrir o que forma uma rua. Ela pretendia redescobrir o local, conhecer as pessoas, descobrir o que tecia aquele lugar, usando como instrumento a escrita e o desenho. Isso foi possível a partir da Mala-escrivainha, que é um dispositivo inventado para esse trabalho, que integra o gabinete na vitrine. Então, a partir dessa mala-escrivainha, ela se desloca ao exterior da casa. Segundo Sacco (2014, p. 158), a mala “[...] carrega a essência de duas formas de viagem: uma ‘extensiva’, através da mala, e outra ‘intensiva’ através da escrivainha. Na intensiva, faço alusão às viagens do pensamento, sem que para isso seja preciso sair do lugar”. Logo, a partir da mala-escrivainha (Figura 50), a artista propõe um viajar ao ler, escrever, desenhar, esse viajar seria pelo pensamento.

Esse trabalho da Helene, como o livro de Xavier de Maistre, ajudou-me a pensar nas viagens intensivas/pelo pensamento que fazemos e podemos fazer, a partir de uma conversa, escrita ou desenho, do simples ato de parar, observar e

³⁷ Disponível em: <<https://helenesacco.wordpress.com/>> Acesso em: 02 set 2021.

refletir. Essas ações podem suscitar e ampliar o nosso olhar para coisas ao redor, além de desenvolver a criatividade e a imaginação.



Figura 50 - Helene Sacco. Desenho da mala-escrivadinha fechada e pronta para a viagem extensiva. 2011.
Fonte: Sacco (2014, p. 157).

Ao longo deste subcapítulo discorri sobre viagens, classificando-as entre nômades e sedentárias. Fiz uma pequena seleção de artistas que de alguma forma se relacionam com a viagem/deslocamento. Através deles pude perceber que cada um à sua maneira se relaciona com a viagem e produz a partir dela. Percebi, também, a potencialidade da viagem no que se refere ao estado de viajante, um estado de atenção, abertura ao desconhecido. Em relação às viagens sedentárias ou, como empregado por Helene Sacco, intensivas, essas sem sair do lugar, necessitam da mesma forma de um espírito viajante (BOTTON, 2012) e carregam da mesma forma um potencial revelador.

No próximo subcapítulo discorro sobre o diário e suas possibilidades, tanto no campo da arte quanto da educação.

2.2 Por outros diários

Ao longo deste subcapítulo trato sobre diários, diários de viagens e outros escritos que se aproximam com esta pesquisa e que, de alguma forma, me inspiraram neste estudo. A discussão está pautada tanto no campo artístico quanto pedagógico, procurando evidenciar a potencialidade dos mesmos.

Retomo, primeiramente, o questionamento do início do capítulo referente ao emprego do termo diário de viagem. Como apresentado no início do texto, emprego o termo diário de viagem a partir de uma pesquisa desenvolvida anteriormente, que tratava da proposição de viagens em sala de aula utilizando alguns objetos. No entanto, agora, a temática das aulas é outra e, além do mais, não serão utilizados os demais objetos, concentrando apenas na produção dos diários. Por mais que eu não use os objetos relacionados com o universo do viajar, interessou-me seguir utilizando a ideia de viagem nas aulas, ainda mais verificando as possibilidades do viajar apontadas no subcapítulo anterior.

Logo, outro questionamento surgiu: “como propor as viagens sem utilizar os objetos”? Na procura por respostas, encontrei-as justamente nos diários, ou seja, as viagens seriam propostas a partir do diário em que o próprio escritor aponta coordenadas para a viagem e suscita os registros. Detenho-me nessa discussão no próximo eixo. Agora, disserto sobre exemplos que ajudaram a refletir sobre os diários e exemplos que me inspiraram na produção do material disponibilizado aos alunos.

Início pelos diários dos artistas viajantes. Como apresentado anteriormente, os artistas viajantes faziam uso de diários em suas viagens, eles faziam registros, rascunhos, estudos, anotações sobre seus deslocamentos e suas descobertas. Isso produz um importante acervo documental sobre as expedições. Ao longo da História da Arte, outros artistas fizeram e fazem uso dos diários em seu processo de criação, como Frida Kahlo (1907-1954) e Paul Klee (1878-1940). Segundo Silva e Lampert (2015), o diário de Frida é formado de anotações poéticas de pinturas, desenhos e poemas, escritas sobre seus pensamentos e reflexões (Figura 51). Já no de Paul Klee, observa-se que contém reflexões detalhadas e de maneira didática sobre o estudo da cor (Figura 52) que permeia a perspectiva de artista/professor, além de escritos sobre o seu cotidiano e suas impressões.

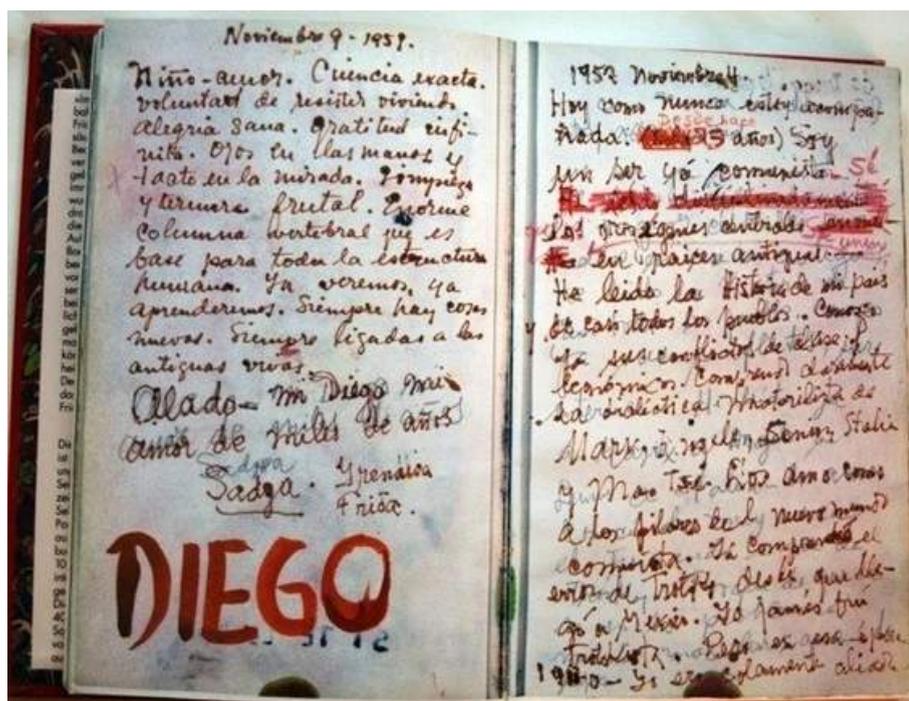


Figura 51 - Imagem do interior de um dos Diários de Frida Kahlo.
Fonte: Cultura Colectiva³⁸.

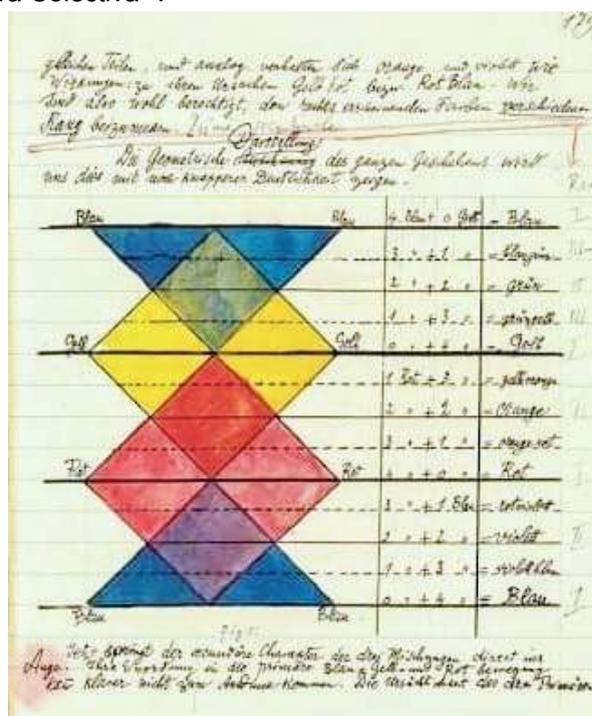


Figura 52 - Fotografia de um registro do diário de Paul Klee. Estudo da cor.
Fonte: Arte e artistas³⁹.

³⁸ Disponível em: <<https://culturacolectiva.com/arte/diario-de-frida-kahlo>> Acesso: 05 nov. 2021.

³⁹ Disponível em: <<https://arteartistas.com.br/biografia-de-paul-klee-e-obra-comentada/>> Acesso em: 05 nov. 2021.

Silva e Lampert (2015) também mencionam a artista Louise Bourgeois, que da mesma forma desenvolveu diários, no formato de livro/cadernos, mas também em papéis soltos, com descrições e pensamentos que provocam a construção de imagens mentais. Seus escritos eram sobre momentos que viveu, ideias sobre arte e ser artista, sobre o desenvolvimento de seu trabalho e seu processo.

Louise Bourgeois começou a escrever seu diário com doze anos, e desde então nunca parou. Suas prateleiras estão repletas de dezenas e dezenas de diários íntimos, em blocos de anotações e exercícios, em folhas soltas de papel e em agenda. Os diários mapeiam seus dias, encontros e compromissos, e transcrevem as emoções e o desfile de seus pensamentos. Às vezes também servem de laboratório de escrita, de ponto de partida para o trabalho com a palavra escrita. (BERNADAC *apud* SILVA; LAMPERT, 2000, p. 1100).

Segundo Silva e Lampert (2015), os diários carregam a essência de cada artista. Logo, não existe uma receita para essa prática poética, sendo que a subjetividade, a maneira de pensar e organizar é o que persiste e difere cada um. Acrescento que os diários, além compreendidos como um caderno ou livro com histórias e processos pessoais do autor, podem também se desdobrar em “[...] cartas contando vivências, relatando procedimentos de trabalhos e anotações frequentes relacionadas aos desenvolvimentos artísticos” (SILVA; LAMPERT, 2015, p. 1101) e podem expandir o conceito abrangente de diário. Assim sendo, o diário pode ser pensado como um documento que carrega um caráter de arquivo, algo que reverbera em estudos posteriores. Arquivo não só no sentido de recolha de documentos, mas como um documento de caráter inerente à pesquisa.

Da mesma forma, o diário do artista e do artista/professor pode ser compreendido como um arquivo pessoal para aquele que cria, sendo também considerado como um objeto de pesquisa e reflexão e, também, autoavaliação. Nele é possível “[...] reler, rever, refazer, repensar, intervir, mudar de lugar e posição o que se escreveu/poetizou, de maneira a produzir significações pessoais a quem escreve, assim como para quem lê” (SILVA; LAMPERT, 2015, p. 1102) e, dessa forma, procurar responder nossas inquietações.

Muitas podem ser as nomeações que os diários recebem ao serem utilizados no contexto da sala de aula, tanto por docentes quanto por discentes. Diário de bordo, diário de aula, diário de pesquisa, diário poético, diário da prática pedagógica,

diários visuais, entre outras. Muitos também são os profissionais que utilizam esse recurso em sala de aula, para registro sobre sua prática, ideias, reflexões, angústias, avaliações e autoavaliações, situações vividas em sala de aula e autodesenvolvimento profissional. Da mesma forma, alguns professores também propõem a utilização de diários em sala de aula, tanto na educação básica quanto no ensino superior, principalmente em cursos de formação de professores, visando justamente uma reflexão sobre sua prática. Em relação a utilização de diários em sala de aula no ensino básico, poucas são as experiências que se tem registro.

Os exemplos que irei mencionar foram encontrados durante o estado da arte, sendo as pesquisas de: Adriana Kovalski (2019), intitulada *Produção de Vídeo e Etnomatemática: representações de geometria no cotidiano do aluno*; Cristine Schussler Vasconcelos (2019), intitulada *'entre' multiplicidades de um coletivo: sobre a produção de diários da prática pedagógica*; e Luciana Cozza Rodrigues (2018), intitulada *Produção de sentido e visualidades: Possibilidades da Artes no cotidiano escolar*.

Todas as pesquisas apontam a utilização de diário em sala de aula, mas em contexto e propostas diferentes. Adriana propôs a utilização de diários com alunos da educação básica, no interior de São Lourenço do Sul. Luciana, no entanto, com alunos de uma escola da cidade do Rio Grande. Cristiane, por sua vez, desenvolveu a utilização com estudantes do Curso de licenciatura em Artes Visuais. O que aproxima as pesquisas é a validade e efetividade de suas propostas em diferentes contextos.

Outro exemplo sobre a utilização desse recurso é, possivelmente, bastante conhecido, sendo retratado em um filme lançado no ano de 2007. O filme *Escritores da Liberdade* (2007), dirigido por Richard LaGravenese, baseado em uma história real, é um exemplo que evidencia a potencialidade da escrita de diários. Na trama, uma professora, Erin Gruwell, se vê diante do desafio de lecionar língua e a literatura inglesa em uma escola de um bairro pobre, onde a violência predomina. A turma é formada por alunos brancos, negros, hispânicos e asiáticos, que são obrigados a conviver juntos e acabam se dividindo em gangues, contribuindo assim para a indisciplina no espaço acadêmico.

Os alunos não demonstravam interesse em aprender. No entanto, a professora procurou novos métodos de ensino para estimular que os alunos aprendessem e falassem sobre a sua realidade. A docente buscou que os alunos se identificassem e tivessem maior entusiasmo nas aulas, levando assuntos que os atraíam e que os estudantes já tivessem um conhecimento prévio, uma aproximação. Utilizou-se de jogos, passeios e músicas que faziam parte do repertório dos alunos.

A docente indicou a leitura de diferentes livros que contam episódios cruciais da humanidade, um deles foi o Diário de Anne Frank. A partir desse livro, ela propôs que cada um escrevesse um diário contando sobre suas experiências de vida e anseios, sentimentos, pensamentos, o que já havia se passado na sua vida e o que sonhavam. Os estudantes também escreveram cartas para Miep Gies, mulher que ajudou Anne Frank a se esconder dos nazistas durante o Holocausto e que guardou o diário dela. Com o tempo, os alunos foram compartilhando e trocando experiências entre si e também passaram a conviver de forma mais tolerante e unida e, conseqüentemente, o desempenho da turma melhorou. Além disso, publicaram um livro em 1999, intitulado “O diário dos escritores da liberdade” (COSTA; FIGUEIREDO, 2015).

Esse filme demonstra a potencialidade do diário como estratégia de ensino, onde os estudantes foram capazes de refletir sobre suas vidas. Além disso, o filme também demonstra a importância de trazer assuntos do contexto dos alunos, que desperte seus interesses e façam parte do seu cotidiano e sua realidade. Logo, a soma do diário e uma abordagem a partir da realidade dos alunos foi capaz de transformar a realidade social e cultural dos alunos.

O diário de Anne Frank mencionado/discutido no filme é outro exemplo que julgo importante trazer para a pesquisa, pois se trata de um diário que narra o cotidiano no período em que Anne e sua família ficaram escondidos durante o Holocausto, e se trata de um comvente testemunho de um tempo de terror e perseguição. O diário foi escrito por Anne, entre 12 de junho de 1942 e 1 de agosto de 1944, e publicado posteriormente por seu pai, que sobreviveu ao holocausto. Em seu diário, Anne se dirige a Kitty, sua amiga imaginária a quem escreve sobre viver

escondida e o medo de o esconderijo ser descoberto, os bombardeios que aterrorizavam a família e o sofrimento da guerra.

Outra produção que se relaciona com o exemplo mencionado é a produção artística de Leila Danziger, que tem sua produção relacionada com a memória e o esquecimento. Uma das suas produções que trago aqui é intitulada *Ao sul do futuro* (2018), que problematiza questões voltadas ao holocausto e ao processo de imigração de seus familiares e milhares de judeus-alemães da Alemanha em direção ao Brasil. Alguns de seus familiares saíram da Alemanha fugindo de um regime nacionalista radical e aqui se confrontaram com ondas de repressão nacionalista impostas pela ditadura. Além disso, a artista, em sua produção, utiliza livros e agendas trazidos por seus avós, que nos fazem refletir sobre a esfera afetiva que um dia puderam ter (Figura 53).

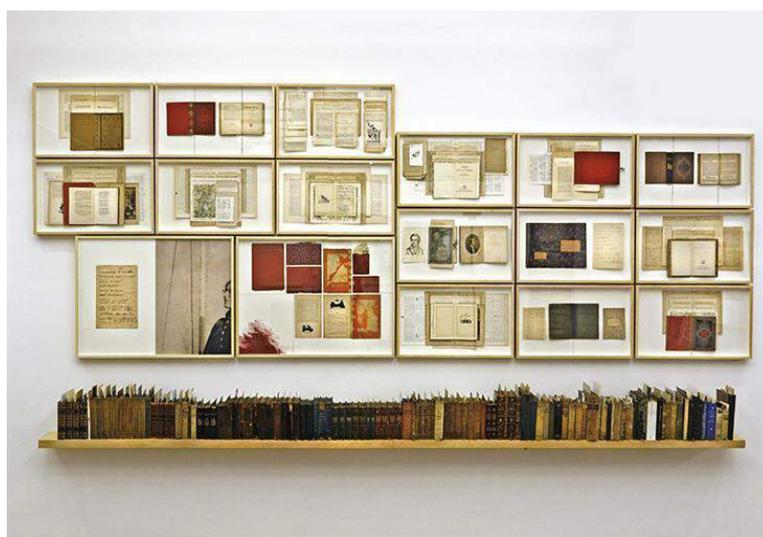


Figura 53 - Leila Danziger. *BILDUNG* [2014 - 2018]. In: exposição *Ao sul do futuro* Capas e páginas de livros costuradas sobre cartão, estante de madeira, livros, fotografias e documentos diversos. 360 x 500 x 18 cm. Fotografia de Wilton Montenegro.

Fonte: Site da artista Leila Danziger⁴⁰.

Nesse caso, a artista não utilizou diretamente do conteúdo dos diários, livros e agendas, mas deles como condutores e problematizadores das dificuldades que enfrentaram, almejando aqui no Brasil melhores condições de vida. Ela acrescentou livros didáticos sobre a História do Brasil, que pertenceram a sua mãe e avó, ambas professoras. A artista utilizou, também, agendas em branco, fazendo referência a um silenciamento (FONSECA, 2018).

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.leiladanziger.net/ao-sul-do-futuro-mls>> Acesso em: 05 nov. 2021.

A escrita de diários também foi utilizada por Carolina Maria de Jesus, escritora, compositora e poetisa brasileira. Ela, durante sua vida, escreveu em 35 cadernos e algumas folhas. Alguns desses escritos foram publicados, sendo o mais conhecido *O quarto de despejo: diário de uma favelada*, que refere-se a um diário íntimo da escritora e é resultado da união de diversos escritos feitos entre 1955 e 1960 e publicado em 1960 pelo jornalista Audálio Dantas⁴¹, que encontra Carolina durante uma matéria sobre a favela (TOLEDO, 2011).

O título faz referência a um quarto onde se abriga coisas sem utilidade, coisas velhas e imprestáveis e sem valor, e cabe como uma crítica ao espaço que os favelados ocupam. “[...] E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1960, p. 33).

Carolina, nascida em Sacramento, Minas Gerais, foi uma mulher negra, mãe solteira, catadora, pouco instruída – estudou apenas até o segundo ano em uma escola primária – e moradora da favela do Canindé (em São Paulo). Em seu diário, ela conta sobre o seu cotidiano, as dificuldades que enfrentou, por vezes passando fome e sem ter com o que alimentar seus filhos. E encontrou nele uma forma de fuga da dura realidade (TOLEDO, 2011).

Seus escritos são de grande relevância enquanto relatos e registros da vida na miséria urbana. O quarto de despejo é uma obra atual, mesmo algumas décadas depois e o lugar onde foi escrito deu lugar à Marginal Tietê. Muitos outros quartos de despejo surgiram, tanto em São Paulo quanto em outras regiões do Brasil, “os quartos de despejo, multiplicados, estão transbordando” (DANTAS *apud* JESUS, 1960, p. 5).

23 de julho... Liguei o rádio para ouvir o drama. Fiz o almoço e deitei. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça. Mas, eu já conhecia a peça. Comecei a fazer o meu diário. De vez em quando parava para reprender os meus filhos. Bateram na porta. Mande o João José abrir e mandar entrar. Era o seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batata para sua filha buchechar um dente. Eu disse na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse o meu diário.

- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.

Todos tem ideal. O meu é gostar de ler. O seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos.

Ninguém tem me aborrecido. Graças a Deus. (JESUS, 1960, p. 23).

21 DE MAIO. Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar

⁴¹ Dantas procurou não alterar a escrita de Carolina, por isso existem alguns erros de gramática.

o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 1960, p. 35).

Além de *Quarto de despejo*, Carolina também teve outros diários publicados, como “*Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada*” (1961), “*Pedaços da Fome*” (1963), “*Provérbios*” (1965) e *Bitita* (1982) publicado após a sua morte. *Quarto de despejo* foi seu grande sucesso, tanto que deixa a favela, mas a notoriedade acaba e ela volta à miséria. Um pouco antes de morrer, ela entregou alguns cadernos para alguns jornalistas. Esse material refere-se a escritos do Bitita – seu apelido de infância –, onde a autora escreveu sobre sua infância, sua luta contra a miséria e preconceito racial, contou sobre sua peregrinação entre pequenas cidades e o campo em busca de trabalho (TOLEDO, 2011).

As minhas ideias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso.

Um dia perguntei a minha mãe: - Mamãe, eu sou gente ou bicho?

- Você é gente, minha filha!

- O que é ser gente?

A minha mãe não respondeu. À noite eu olhava o céu. Mirava as estrelas e pensava: “Será que as estrelas falam? Será que elas dançam aos sábados? Sábado hei de olhar para ver se elas estão dançando. No céu deve ter estrela mulher e estrela homem. Será que as estrelas mulheres brigam por causa dos homens? Será que o céu é só onde estou vendo?” (JESUS, 1986, n.p.).

Os diários de Maria Carolina de Jesus são escritos sensíveis sobre seu cotidiano, sua realidade, momentos de dificuldade, fome e angústias que enfrentou com seus filhos, encontrando na escrita um escape das dificuldades. De forma geral, carregados de revolta, dor e desgosto, fazem abrir os olhos para uma realidade que ainda está tão presente na sociedade brasileira nos tempos atuais. Os seus diários se colocam como importantes registros de uma dura realidade e como estratégia para dar voz a essas pessoas. O diário *Quarto de despejo* me ajudou a pensar nas potencialidades dos diários, enquanto registro e reflexão da sua realidade e cotidiano por quem escreve, como da mesma forma para quem lê esse material, podendo tomar consciência de outra realidade que não é a sua.

Todos esses materiais mencionados contribuem para uma reflexão sobre os diários, em relação às possibilidades, potencialidades e as contribuições que podem suscitar. E cada um, à sua maneira, inspirou-me na construção e nas questões por trás dos diários. Como mencionado, o diário enviado aos estudantes era formado por uma série de pequenas proposições, com o objetivo de suscitar a escrita e a produção dos alunos. Logo, para a confecção desse material, tomei como referência os livros *1 página de cada vez*, de Adam J. Kurtz (2020), e *Roube como um artista - o diário*, de Austin Kleon (2015).

Ambos os livros contêm pequenas proposições que provocam o leitor a preencher o livro. Tarefas simples como: “convide alguém para um café. Depois escreva aqui tudo que você lembra sobre a conversa” (KLEON, 2015); e “o que você já colecionou? Figurinhas? Cartas? Meias? Liste e desenhe abaixo” (KURTZ, 2020). Essas proposições têm o objetivo de propor a criação e exercitar a criatividade.

Ao longo deste subcapítulo me dediquei em apresentar alguns exemplos de uso do diário. Pode-se perceber diferentes finalidades e usos do mesmo recurso, mas todos com potencialidade. Logo, considero que o diário é uma estratégia que se mostra potente em sala de aula, podendo contribuir no autoconhecimento e reflexão, no desenvolvimento de habilidades como a escrita, a criatividade e a criação artística.

Até o momento, neste segundo capítulo, discorri sobre viagens e diários, ambas temáticas que movem esta pesquisa. No próximo subcapítulo, dedico-me a discorrer sobre a instância educativa que pauta o estudo e a análise dos resultados da pesquisa no que se refere a uma abordagem a partir do contexto dos estudantes, uma educação intercultural e também uma reflexão sobre os desafios impostos pela pandemia da Covid-19 no campo da Educação.

2.3 Abordagem de ensino a partir do contexto dos estudantes

Como busquei apontar ao longo desta escrita até o momento, procurei seguir um aprofundamento sobre uma pesquisa desenvolvida na graduação, sobre uma proposta lúdica de ensino da arte, utilizando a ideia de viagem e objetos desse meio. Logo, em busca de uma alternativa para um maior desenvolvimento do uso dos

diários de viagem, fui sendo direcionada a uma abordagem em sala de aula que parte do contexto e cotidiano dos estudantes. Sendo assim, devido ao contexto da escola e identificação pessoal, iniciei uma prática que insere o pomerano nas discussões em sala de aula.

O estado da arte, onde busquei verificar pesquisas desenvolvidas nos últimos anos sobre a temática em sala de aula, especificamente no campo das Artes, apontou a ausência de trabalhos que seguem nessa linha⁴², mas trouxe pesquisas que se relacionam com o meu estudo. Como exemplo, estão os estudos de Altenburg (2017), Kovalski (2019) e Gehrke (2020), nos quais os autores fazem uma discussão sobre uma prática em sala de aula que parte do contexto e da realidade dos estudantes, para assim ensinar matemática. Esses estudos revelam que a partir de receitas típicas, da arquitetura e de imagens do cotidiano, é possível aprender o conteúdo da matemática e também contribuir na valorização da cultura e da localidade desses estudantes. Estas pesquisas partem de uma Etnomatemática, que visa relacionar a matemática e a realidade dos estudantes. Isso não cabe ao presente estudo, mas a partir desses exemplos e por esse desejo que me foi despertado ao longo da leitura, proponho-me agora a discutir sobre essa abordagem, mas no campo da Arte.

Uma pesquisa que se apresenta, inicialmente, é a pesquisa de Ivone Mendes Richter (2000), que realizou um estudo sobre ensino intercultural das artes visuais na escola, dividindo o estudo em dois eixos, o da multiculturalidade e o da estética feminina do cotidiano. Ela considera que para trabalhar com a estética do cotidiano necessita-se a inserção de “artes menores”, como o tricô, o crochê, o bordado, a tecelagem, em sala de aula, para ampliar o conceito de arte.

O interesse de Richter era a compreensão sobre a estética do cotidiano que está presente nas famílias dos estudantes e o possível relacionamento dessa estética com o ensino de Artes Visuais na escola. Logo, ela entendeu a necessidade de uma abordagem multicultural para o ensino de artes visuais. Dessa forma, seu estudo se constitui nesses dois eixos, estética do cotidiano e multiculturalismo.

⁴² Acrescento aqui que, além dos periódicos mencionados anteriormente, realizei uma busca em revistas da Universidade Federal do Espírito Santo, tendo como pressuposto que por ser um estado com grande número de pomeranos iria encontrar pesquisas relacionadas. No entanto, não obtive sucesso nessa busca, não encontrando nenhuma pesquisa sobre o pomerano nas aulas de Artes.

O estudo esteve pautado em uma investigação sobre o contexto familiar dos estudantes de uma escola do município de Santa Maria-RS, onde ela selecionou cinco familiares dos estudantes, que eram pertencentes a diferentes etnias e seus “fazeres especiais”. A partir dessa investigação, ela realizou uma experiência de educação intercultural, na qual desenvolveu uma série de oficinas e demais estudos a partir desses fazeres. Em relação ao termo “*fazeres especiais*” utilizado por Richter (2000), ele é empregado a partir da pesquisa de Ellen Dissanayake⁴³ (1991) e se refere a um fazer carregado de sentido. Segundo Richter (2000, p. 9):

O “fazer especial” requer intenção ou deliberação. Ao dar forma ou expressão artística a uma ideia, ao embelezar um objeto, ao reconhecer uma ideia ou objeto como artístico, confere-se ou reconhece-se uma “especialidade” que coloca o objeto ou a atitude em uma esfera diferente daquela dos objetos comuns.

No entanto, não se pode reduzir todo comportamento artístico em um fazer especial. Richter nos apresenta que para Dissanayake,

A noção de “fazer especial” pode parecer simples em demasia, deixando de lado muitos aspectos significativos de nossa moderna noção de arte. No entanto, usar o “fazer especial” como ponto de partida para a compreensão da arte amplia os horizontes sobre o que é ou não é arte, e nos permite incluir artefatos produzidos por 10 outras culturas, que foram feitos sem uma motivação estética consciente, nos moldes ocidentais, na mesma categoria de arte. (DISSANAYAKE, apud RICHTER, 2000, p. 9-10).

A investigação sobre as mulheres de etnias diferentes e seus “fazeres especiais” demonstra uma riqueza cultural presente nas famílias dos estudantes e na comunidade onde a escola está localizada. Enfatiza-se que os fazeres especiais, como o crochê, a tecelagem e o origami, são heranças de avôs e avós, que foram ensinados para as novas gerações.

Como mencionado, as atividades desenvolvidas durante a oficina partiram desses fazeres especiais das famílias dos estudantes. Contaram com a participação das mães dos alunos, onde cada uma ensinou uma técnica que se relaciona com sua cultura. A de origem Japonesa levou o origami, a alemã trabalhou com o bordado e a pintura em tecido, a descendente africana levou o crochê, a

⁴³ Esta autora define “fazer especial” como “uma tendência característica do ser humano que busca dar forma ou embelezar a realidade, de tal maneira que esta adquire um caráter de ‘especialidade’” (RICHTER, 2000, p. 106).

portuguesa/espanhola trabalhou com a tecelagem e a indígena trabalhou com a manipulação de ervas.

A partir dessas oficinas fez-se o estudo sobre a arte contemporânea. Associou-se o trabalho desenvolvido pelas mães, esses fazeres especiais, com o trabalho de artistas contemporâneas, entendendo que ambas as produções estão relacionadas pela mesma linha estética. Dessa forma, Richter (2000) possibilitou que os alunos levassem seus conhecimentos pré-existentes, suas experiências e relações com esses fazeres para a sala de aula. Essa aproximação do cotidiano dos estudantes com o campo da arte leva mais sentido aos estudantes na aprendizagem da arte. Segundo ela, “quando a experiência estética vem a nós nesses exemplos familiares da vida diária, não precisa explanação ou justificativa, não precisa razões. Ela é simplesmente boa, como respirar ar puro” (RICHTER, 2000, p. 10).

Através dessa prática, ela espera que as diferenças e o contexto dos alunos sejam um caminho para a aprendizagem dos conteúdos, além de diminuir a distância entre arte e vida dos estudantes e assim romper com as barreiras entre arte popular e erudita. Para a autora, a arte está no nosso cotidiano e não apenas nas obras de arte, segundo ela “[...] é preciso pensar que a arte é uma necessidade primeira do ser humano, e como tal, presente desde sempre na humanidade, expressa por uma infinidade de manifestações, mas sempre presente” (RICHTER, 2000, p. 122).

Diferentes autores escrevem sobre uma prática que incorpora a discussão sobre diversidade cultural em sala de aula. Logo, Richter (2000) considera que um termo mais adequado para um ensino-aprendizado que almeje estabelecer inter-relações entre códigos culturais de diferentes grupos seria *Interculturalidade*. Ana Mae Barbosa divide a mesma opinião:

[...] para definir diversidade cultural, nós temos que navegar novamente através de uma complexa rede de termos. Alguns falam sobre multiculturalismo, outros sobre pluriculturalidade, e temos ainda o termo mais apropriado - Interculturalidade. Enquanto os termos "Multicultural" e "Pluricultural" significam a coexistência e mútuo entendimento de diferentes culturas na mesma sociedade, o termo "Intercultural" significa a interação entre as diferentes culturas. (BARBOSA, 1995, p. 11).

Apoio-me na pesquisa de Richter (2000) em relação à discussão sobre a multiculturalidade, mas principalmente sobre a estética do cotidiano no ensino de

artes visuais, de modo que procurei trazer aspectos do cotidiano e fazeres especiais para o estudo com os estudantes. Ana Mae Barbosa (1995) também fundamenta essa prática, sendo que defende o reconhecimento e a apreciação da cultura local como maneira de estimular a consciência cultural do indivíduo, e que a arte é um caminho mais eficiente para que isso aconteça.

Na questão da cultura do estudante e seu contexto, outra referência importante que defende a inserção dos saberes e experiências na sala de aula é Paulo Freire (1996). Para ele, o trabalho do professor deve ser fundamentado na realidade dos estudantes e de modo algum ser reduzido ao simples conhecer letras e frases vazias de significado. Segundo ele, “ensinar exige escutar” (FREIRE, 1996, p. 70), ou seja, se atentar ao aluno, suas vivências, opiniões, seu contexto e conhecimento pré-estabelecidos, para assim desenvolver uma prática que se relacione com os estudantes.

Como mencionado, durante a pesquisa nos deparamos com uma pandemia e junto com ela muitas dúvidas, inseguranças e desafios, como, por exemplo, como seguir desenvolvendo a pesquisa que necessitava de uma ação na escola? De início, esperava-se que o cenário se alterasse o mais breve possível, no entanto, isso não aconteceu. Foi somente no início do ano de 2021 que iniciei a ação com os estudantes, sendo viável de forma remota. Esse momento foi de grandes desafios, dúvidas, angústias e também novos aprendizados, tanto como pesquisadora e no papel de professora quanto aluna do Mestrado. O ensino remoto, online, não era algo para o qual estava me preparando, mas não tinha outra escolha. Aliás, acredito que muitos professores, alunos e também pesquisadores não estavam preparados para esse cenário e se sentiram da mesma forma.

Várias questões estão atreladas ao ensino remoto, como: a conectividade dos estudantes, sendo que muitos ainda não têm acesso a celulares e a internet; o interesse dos estudantes, pois sabemos que eles precisam de certa motivação; o acompanhamento das aulas, visto que muitos alunos, durante esse período, devido à dificuldades financeiras, tiveram que auxiliar sua família; a preparação dos professores, sendo que muitos não têm experiência e conhecimentos tecnológicos; e a sobrecarga dos docentes, que precisam se adaptar a novas ferramentas, além do excesso de tarefas e mensagens de alunos em redes sociais.

Muitos desses pontos são mencionados por Maristani Zamperetti (2021), que traz alguns apontamentos sobre a pandemia e o ensino de Artes. A autora apresentou alguns comentários de professores que vivenciaram/vivenciam esse cenário. Na sua escrita, ela descreveu alguns dos desafios em que muitos se reinventaram ao longo desse processo, buscando inovar em sua prática e contribuir no aprendizado dos estudantes, que acabam se desmotivando nesse período.

Quanto ao Ensino de Artes Visuais remoto é possível observar que se encontra no entremeio desta problemática anunciada, compactuando com as dificuldades e desafios da maioria dos professores, porém com especificidades – as materialidades são reduzidas, as propostas são enxutas, os acessos são limitados, as interações distantes – desta forma, muito do outrora desenvolvido pelos professores, hoje se torna verdadeiramente remoto. Ainda assim, é sempre interessante lembrar de que os professores de Artes Visuais encontravam em seu ambiente escolar reduzidas condições para desenvolverem suas propostas, porém, com o isolamento social, tudo se tornou mais agudo, o paroxismo, este momento intenso de dor que nos atravessa, produz e nos constitui em outros, compartilhando [não tão à distância], as faltas e carências pelas quais a população brasileira passa. (ZAMPERETTI, 2021, p. 50-51).

Zamperetti (2021) também evidenciou a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TICs)⁴⁴ nas aulas, enfatizando que poderiam ter sido utilizadas anteriormente a esse cenário, visto suas possibilidades, e hoje se mostram como importante recurso em sala de aula, mas problematizou que nem todos têm acesso a elas. A autora apontou a utilização de recursos como o *Google Meet*, *Classroom* e o *WhatsApp* por muitos professores, pois são as alternativas que se cabem ao cenário, que possibilitam um contato entre os docentes e discentes. Logo, ela defendeu que a educação necessita de interação sociais e relações humanas e apontou que os meios digitais, por mais avançados, “não são suficientes para o desencadeamento dos processos educativos, nem mesmo o podem substituir, pois a presença humana e em relação é fundamental para nossas vidas” (ZAMPERETTI, 2021, p. 51).

Corroboro com a afirmação de Zamperetti (2021), pois, assim como ela, considero fundamentais as relações entre professor e aluno em sala de aula. Logo, enquanto assumi meu papel de professora durante a ação na escola, senti muita falta de estabelecer um relacionamento com os estudantes e ter um contato com

⁴⁴ Tecnologias de Informação e comunicação.

eles. No início da pesquisa, havia estipulado que uma das formas para verificar a relação dos estudantes com a proposta seria através de comentários em sala de aula, das expressões físicas e do envolvimento com as atividades. No entanto, visto o cenário imposto pela pandemia, isso não foi possível.

Objetivei, também, que os estudantes estabelecessem uma interação entre si e compartilhassem suas descobertas com os colegas, de forma que o processo de ensino fosse algo coletivo. Da mesma forma, isso não aconteceu como planejado. No entanto, em relação ao exposto, no próximo subcapítulo, onde descrevo a ação na escola, procuro apresentar alternativas que encontrei para sanar tal ponto.

Concluo este subcapítulo apontando a importância das reflexões de Richter (2000) para esta pesquisa, pois ela defendeu que a educação deve proporcionar um conhecimento sobre a cultura local, assim como de outras. A partir do estudo dela, é possível trabalhar assuntos do contexto da comunidade escolar, como os fazeres especiais, em sala de aula, mais especificamente nas aulas de artes. Dessa forma, trabalha-se a diversidade cultural ali existente, relaciona-se esses fazeres com outros conteúdos, como a arte contemporânea, possibilitando aos alunos a compreensão de que a arte está no seu cotidiano e não apenas nas galerias.

Acredito que a prática dela também contribuiu na questão da valorização da cultura dos estudantes, por se sentirem representados ao estarem em contato em sala de aula com técnicas com as quais estão habituados a verem ser desenvolvidas por sua mãe ou avó. Da mesma maneira, isso gera uma identificação com o conteúdo que está sendo relacionado com esse “fazer”, contribuindo no seu aprendizado.

A seguir, no próximo capítulo, descrevo a ação na escola, que é pautada na criação dos diários e no desenvolvimento de algumas atividades que procuram relacionar o conteúdo da arte com o contexto dos estudantes.

3 Produção de dados de pesquisa

Ao longo das próximas linhas me dedico a discorrer sobre a ação desenvolvida na escola, durante os primeiros meses do ano de 2021, realizada com o objetivo de obter dados para responder aos questionamentos desta pesquisa. A intervenção pedagógica foi realizada com uma turma do terceiro ano do Ensino Médio, de uma escola Estadual de Ensino Médio do município de Arroio do Padre. A turma era formada por 32 alunos, com idade entre 16 e 18 anos.⁴⁵

Foram utilizados como dados de pesquisa o material produzido pelos alunos, os diários dos estudantes, as anotações do diário da pesquisadora, os comentários feitos durante as aulas e em grupos de mensagem, a exposição virtual da produção dos estudantes, bem como os comentários em redes sociais sobre a exposição. Objetivava-se, também, observar as expressões dos alunos em relação às atividades, a interação e os comentários entre os alunos em sala de aula, no entanto, em decorrência das aulas serem remotas, isso não foi possível.

Durante o percurso de pesquisa, o planejamento das ações na escola sofreu algumas alterações. Almejava de início realizá-la presencialmente e tinha todo um planejamento das atividades que seriam desenvolvidas, o que não foi possível devido ao fechamento de escolas por causa da pandemia e outras limitações, como conexão e indisponibilidade de materiais por parte dos alunos.

A alternativa foi se adaptar ao novo cenário, pois as aulas estavam sendo realizadas de forma remota, através de plataformas digitais como *Google Classroom*, *Meet* e *WhatsApp*. Na escola onde as atividades foram desenvolvidas, o mais utilizado, durante o período que presenciei, foi o grupo de *Whatsapp*. Dessa forma, as atividades de cada aula eram enviadas no grupo da turma. Foi feito também um planejamento pela coordenação, estabelecendo dias e horários para encontros síncronos pelo *Meet*.

⁴⁵ Apenas uma aluna tem 22 anos. Segundo foi repassado pela escola, essa aluna (Aluna 32) foi diagnosticada com atraso do desenvolvimento com Déficit Intelectual Moderado, agitações psicomotoras e sintomas psicóticos. Logo, as atividades foram ser adaptadas para ela, considerando que ela não sabe ler e escrever, possui dificuldade para falar e caminhar. No entanto, segundo a diretora, ela demonstra vontade de aprender e gosta de interagir com os colegas.

Como mencionado, as aulas que estavam sendo planejadas também sofreram alterações. Elas estavam sendo pensadas a partir da pesquisa de Richter (2000) que, como visto, defende que elementos culturais e estéticos da comunidade e da família sejam inseridos em sala de aula. Logo, inicialmente, pretendia levar fazeres como o crochê, o bordado e também a estrela pomerana para a sala de aula, onde alguém da comunidade ensinaria esses fazeres. Contudo, devido a várias circunstâncias⁴⁶, isso não foi possível de realizar online. No entanto, procurei inserir esses elementos em sala de aula, mas de outras formas.

O material das aulas era enviado aos alunos às sextas-feiras no período da tarde, em formato PDF. As atividades/respostas dos alunos deveriam ser enviadas para o e-mail da pesquisadora até a próxima aula. Em relação às aulas síncronas, elas aconteciam uma vez por mês, como planejado pela coordenação, no entanto, havia a liberdade de, caso considerado necessário, realizar mais um encontro com os estudantes. No total, foram nove encontros com os alunos, dos quais quatro foram síncronos.

A partir do planejamento das aulas síncronas fui ajustando o cronograma, levando em conta quais conteúdos seriam mais interessantes para serem desenvolvidos com a possibilidade de maior interação com os estudantes. A seguir descrevo brevemente as atividades e conteúdos propostos ao longo dos encontros, trazendo alguns apontamentos sobre as aulas e alguns comentários dos estudantes, que foram identificados com a numeração de 1 a 32, buscando preservar o seu anonimato. A grande maioria dos estudantes entregou um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)⁴⁷ assinado por algum responsável autorizando o uso de suas produções. Dessa maneira, faz-se o uso apenas do material autorizado. A escrita também conta, por vezes, com alguns questionamentos realizados pela pesquisadora enquanto no papel de professora.

3.1 Encontros virtuais com os estudantes

⁴⁶ Circunstâncias como, falta de materiais por parte dos estudantes; baixa conexão dos estudantes; limitação de conhecimento em relação aos meios tecnológicos por parte das Oficineiras.

⁴⁷ Em apêndice.

Como mencionado anteriormente, as aulas com os estudantes foram realizadas de forma remota, logo sem a possibilidade de ter contato presencial com os estudantes, que se esperava. O contato ficou limitado em pequenas trocas de materiais e mensagens nas redes sociais. O primeiro encontro, mesmo que virtual e sem interação propriamente dita, foi um momento para apresentação, quando procurei introduzir aos alunos como seriam desenvolvidas as aulas. Solicitei aos alunos que eles também se apresentassem, enviando um material (podendo ser vídeo, texto, poema, apresentação) contando um pouco sobre eles, o que gostam, suas origens e cultura, o que esperam do ano letivo, o que fizeram durante a pandemia e o que sentem falta. Eles também deveriam responder se conheciam alguma obra de arte que se relacionasse com sua cultura/cotidiano ou que se identificassem e, caso não conhecessem, se gostariam de conhecer. Almejava, nesse primeiro momento, conhecer os estudantes, observar a escrita dos mesmos, os seus desejos para o ano letivo, de forma a possibilitar uma experiência agradável.

22 de março, segunda-feira

A data da primeira aula com os estudantes se aproxima. Por tanto tempo esse momento foi aguardado, no entanto, fico pensando, aqui, agora, onde está minha empolgação para preparar a aula? Será que a pandemia está apagando essa vontade que em mim habita/habitava? Será que irei conseguir realizar o que estava me propondo no início da pesquisa, lá em 2019?

25 de março, sexta-feira

Primeiro “momento” com os estudantes. Misto de sentimentos. Grata pela experiência que terei com os estudantes mesmo, ainda mais nesse cenário atípico. Alegre pela oportunidade de aprender com eles. Descontente por não poder interagir com os alunos como gostaria. Esperançosa por eles desenvolverem alguma identificação com o conteúdo e minha prática.⁴⁸

Dessa primeira atividade, constatei, a partir das 28 respostas dos estudantes, que 71,875% dos alunos se consideram pomeranos; 9,375% tem dúvida entre pomerano ou alemão; 6,25% afirmam ser alemães, mas mencionam o idioma pomerano – o que demonstra que podem não saber diferenciá-las; 3,125% pomerano e afro; 3,125% pomerano e italiano; 3,125% pomerano, português, francês e italiano; e 3,125% brasileiro.

Pode-se observar também que a grande maioria dos estudantes não conhecem nenhuma obra que se relacione com o seu contexto. Apenas um aluno

⁴⁸ Diário da pesquisadora.

mencionou a obra *Agricultores* de Vincent Van Gogh. Todos os estudantes afirmaram que têm interesse em conhecer obras que se relacionem com o seu contexto. Quanto a isso, surgiram algumas afirmações interessantes, como: “[...] *muitos não apreciam a arte, por não se identificarem*” (Aluna 1), “*conhecer essas obras faz com que haja uma identificação nestas obras, onde se cria um valor sentimental por apresentar aquilo que somos e o lugar que vivemos*” (Aluna 20). Esses comentários trazem um indicativo sobre a importância de oportunizar aos alunos um contato com obras com as quais se identificam e assim estabelecem relações sentimentais e identificação. Outros comentários foram sobre a percepção da sua cultura, como “*acho importante para conhecer para saber como foi a vida e as coisas que enfrentaram os ancestrais*” (Aluna 2); “[...] *ajuda na identificação da nossa cultura*” (Aluno 3); “*ajuda na valorização da cultura*” (Aluno 4); e “*seria muito bom, pois uma cultura tão rara e preservada como a do nosso povo merece ter o seu cotidiano representado em obras*” (Aluna 5).

Em relação a essa última afirmação, feita por uma aluna que se considera de origem pomerana, ela demonstra uma percepção em relação a sua cultura, considerando-a rara e preservada, e também uma concepção de que sua cultura é digna de ser registrada em obras, tendo essas o papel de propiciar a preservação de elementos culturais.

No geral, as afirmações giraram em torno de *conhecer para valorizar, se identificar, ser registro de nossa cultura, conhecer a cultura e descobrir como os artistas representaram*. Isso traduz uma visão positiva para sua cultura e de certo modo aponta que existe uma valorização da cultura por parte deles, um desejo de conhecê-la e que seja preservada.

Em relação ao que esperavam do ano letivo, a grande maioria afirmou que desejavam que a pandemia acabasse e que as aulas voltassem a ser presenciais. No mais, surgiram afirmações como: seja menos cansativo; mais produtivo; tenhamos interação com os colegas; atividades para fazer no computador; desenvolver novas habilidades; sem sobrecarga; aulas divertidas. Essas afirmações, no geral, relacionam-se com possíveis experiências do último ano letivo, que foi a primeira vivência deles no ensino remoto.

Destaco, também, o comentário de uma estudante (aluna 6), pomerana, em que ela complementa a resposta sobre o ano letivo, desejando também uma boa venda do fumo e do leite, que são fonte de renda de sua família. A menção à colheita de tais produtos reforça a ideia apontada ao longo do texto sobre a importância do trabalho na vida dos pomeranos e a preocupação da estudante com o comércio destes produtos, certamente por estar bem envolvida com os familiares na produção.

Na segunda aula, apresentei um panorama de obras de artistas como Pedro Weingartner e Leopoldo Gotuzzo, ambos nascidos no Rio Grande do Sul, e também de artistas viajantes. Esses artistas foram escolhidos porque retrataram cenas e paisagens do cotidiano do sul do Brasil. Objetivei, com essa aula, oferecer aos alunos uma exposição de produções que caracterizam cenas do sul do país e que se relacionassem com o contexto rural onde habitam.

Propus, também, algumas questões em relação às obras. Por exemplo, referente a obra *Tempora mutantur* (1898) de Pedro Weingartner, impulsionei os alunos a identificarem quem são os personagens retratados, o que estariam fazendo, e procurarem a tradução do título, fazendo suposições sobre o que o artista estaria se referindo com o título. Perguntei aos estudantes sobre quais obras mais se relacionam com o seu contexto e cultura.

No que se refere à obra *Tempora Mutantur*, de Weingartner, a grande maioria dos estudantes identificou o casal na obra como agricultores, outros, poucos, identificaram como imigrantes. Já em relação ao significado do título – *os tempos estão mudando* – parte dos alunos acreditavam que se relacionasse com os avanços que aconteceriam em relação ao preparo da terra, outros a novos começos e novas lavouras. Muitos dos estudantes referiram essa obra como sendo uma das que mais se relaciona com sua cultura e contexto.

Outros mencionaram a obra *Kerb*, também de Weingartner, e afirmaram que as pessoas de sua cultura gostam de festas. Alguns estudantes indicaram obras como *Pousada* (1913) e *Peões lançando gado* (1908) do mesmo artista. No entanto, acredito que essas não traduzem muito da realidade da região, visto que as obras retratam pessoas vestidas com indumentária gaúcha – o que não é tão comum –, na

lida com o gado, apenas se assemelha na questão da presença de animais em propriedades pomeranas, mas em número bem reduzido.

Como última questão, propus que os estudantes criassem desenhos, pinturas, ou fotografias sobre o seu contexto e paisagens da região. Almejava nessa aula demonstrar que alguns artistas retrataram cenas e paisagens que se relacionam com as que estão habituados, bem como promover uma reflexão sobre a obra *Tempora Mutantur*, além de propor a criação artística de obras sobre sua cultura, cotidiano e realidade, de forma a se colocarem com mais atenção, como viajantes, diante de aspectos da cultura e do contexto.

A terceira aula foi o primeiro encontro síncrono, pelo *Google Meet*, com duração de 1 hora, como estipulado pela coordenação. Cerca de 20 estudantes entraram na sala online. Essa aula foi dedicada à proposição do diário dos estudantes, por entender que esse momento síncrono com os alunos facilitaria a proposição dos diários, pois caso houvesse dúvidas por parte dos estudantes seria mais fácil de saná-las. Inicialmente, procurei novamente realizar uma apresentação, em seguida fiz uma contextualização sobre os diários, apresentando um panorama de produções, como os diários mencionados no Item 2.2 e diários produzidos pela pesquisadora, e algumas possibilidades de encadernação, além de um passo a passo de uma encadernação simples.

Em seguida, fiz a proposição da confecção dos diários por parte dos alunos, apresentando o material que havia confeccionado para eles⁴⁹, sendo esse enviado para eles em formato PDF. Salientei que teriam o prazo de 1 mês e meio⁵⁰ para fazerem e que o diário deles poderia ser digital ou físico, a depender do interesse e possibilidades de cada um. Nesse diário, os estudantes deveriam responder cada uma das proposições elaboradas, além de ser uma possibilidade de suporte para as demais atividades de aula e escritos pessoais e reflexões. Retomarei a discussão sobre esse material, ao fim deste subcapítulo.

⁴⁹ No início da pesquisa, almejava confeccionar um material e entregá-lo aos estudantes para que o preenchessem. No entanto, isso foi dificultado devido à pandemia e a suspensão das aulas presenciais. Planejava entregar o material nas casas dos estudantes, igualmente não foi possível, visto o grande número de alunos da turma e por eles residirem em locais afastados, além do fato de estarmos em meio a uma pandemia.

⁵⁰ Esse prazo se estendeu para 2 meses, devido a pedidos dos alunos, para terem mais tempo para trabalhar neles.

Dia 16 de Abril

Primeiro encontro síncrono com os estudantes. Que experiência singular. Já haviam me alertado da pouca interação dos estudantes, mas não esperava que seria a esse nível. Ninguém abriu as câmeras e apenas 1 aluno o microfone, mas somente no início da aula, enquanto os colegas ainda não chegavam. Pouca interação no chat também. Até que grande parte da turma conseguiu acompanhar. Foi uma experiência muito diferente dar uma aula e não saber se os alunos realmente estão acompanhando. Muito estranho ficar falando sozinha, olhando apenas para a apresentação, ou aos ícones de identificação dos estudantes. Esperava um pouco mais de interação com os estudantes e, da mesma forma, esperava que fosse um momento que pudessem esclarecer dúvidas sobre a proposição, no entanto, isso não aconteceu. Ao encerrar a chamada, logo nos primeiros minutos, meu WhatsApp estava repleto de mensagens dos alunos, buscando sanar suas dúvidas, de certo estavam com medo ou vergonha de perguntar na frente dos colegas.

Na quarta aula, enviei um material sobre o fotógrafo Sebastião Salgado, apresentando e mostrando um pouco de sua produção fotográfica, principalmente sobre o trabalho *Êxodo*. O material também continha algumas questões para que respondessem, relacionadas ao trabalho do artista e sobre imigrantes, refugiados e exilados. Uma das questões era que identificassem algum grupo, próximo a eles, que realizou algum desses processos. As respostas surpreenderam. Muitos alunos afirmaram não conhecerem nenhum povo ou grupo que migrou, se exilou ou se refugiou na região. Apenas alguns mencionaram os pomeranos enquanto grupo que migrou para a região, o que demonstra que muitos estudantes não conhecem a história de seu povo. Outros alunos mencionaram os açorianos, os senegaleses e os italianos. Almejava, nessa aula, apresentar a obra de Sebastião Salgado, onde ele, a partir de suas fotografias fortes, retratou a dura realidade de muitas pessoas que deixam suas casas em busca de melhores condições, bem como identificar se tinham consciência de que tanto o povo pomerano quanto o italiano, que compõem a região, fazem parte dessa realidade. Os escritos dos alunos sobre o trabalho de Salgado evidenciaram manifestações de empatia, compaixão e solidariedade em relação à realidade registrada.

No quinto encontro, o tema da aula foi Cartografia. Enviei um material com a apresentação de algumas obras de artistas que produzem mapas e o contexto no qual são produzidas – obras de artistas como Jorge Macchi, Vik Muniz, Joaquim Torres Garcia e Stephen Lund. Novamente propus algumas questões. Devido a alguns pedidos por parte dos alunos para que as atividades fossem reduzidas,

sendo que eles estavam sobrecarregados, decidi reduzir as proposições. Dessa maneira, solicitei que elaborassem apenas um comentário sobre as obras, mencionando se já conheciam e quais consideravam mais interessantes. Durante os dias que antecederam essa aula, percebi nos alunos um interesse por conteúdos e questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), somando-se o desejo de alterar um pouco a forma como as atividades estavam sendo propostas e uma alternativa onde os alunos pudessem interagir entre si, ou saber que os colegas estão participando das aulas.

Dessa maneira, visando responder essas questões, busquei uma alternativa digital que pudesse aplicar em sala de aula. Assim, encontrei o *Kahoot*⁵¹ - uma plataforma de aprendizado com testes para os estudantes resolverem. Dessa maneira, elaborei um teste com algumas questões do ENEM que se relacionavam com o conteúdo até então estudado. Enviei o link do teste, para o qual os alunos teriam um tempo estipulado para responder cada questão e ao final, a partir do tempo e das respostas corretas, revelava-se um pódio com a classificação de cada estudante. Esse teste teve grande participação dos estudantes e a grande maioria respondeu as questões corretamente.

Na sexta aula, discuti técnicas como bordado, crochê e a costura na arte. Nesse momento, fiz o processo inverso do que Richter (2000), quando trata da estética do cotidiano. Inicialmente, apresentei algumas obras contemporâneas que utilizam essas técnicas, o contexto em que são produzidas e as discussões que permeiam essas obras. Foram abordadas obras de artistas como Pedro Luis, Teresa Lim, Clarice Borian, Laura Dalla Vecchia, Victoria Villasana e Karen Dolorez. Em seguida, evidenciei que se trata de técnicas muitas vezes aplicadas por avós, tias e mães no ambiente familiar, assim questionei os estudantes sobre o conhecimento da utilização dessas técnicas por seus familiares, com quem aprenderam, quais as técnicas. Solicitei, também, que registrassem esse material.

Uma das artistas estudadas nessa aula foi Rosana Paulino, pois algumas de suas produções são feitas em costura e bordado, como as obras *Bastidores* (1997) e *Parede de Memórias* (1994). Rosana Paulino produz obras que abordam questões decorrentes do racismo e outros tipos de violência sofridas pelos negros. A partir

⁵¹ Disponível em: <<https://kahoot.com>>. Acesso em: 05 out. 2021.

dessa artista, procurei desenvolver uma reflexão sobre o racismo e outras violências, onde os alunos refletiram sobre a produção da artista e seu papel na luta contra a discriminação racial. A partir das respostas, evidenciei um olhar crítico dos alunos em relação à produção da artista e ao racismo.

Na sétima aula, tivemos novamente um momento síncrono, onde 14 estudantes participaram. Inicialmente, fiz uma recapitulação das aulas anteriores e reservei um momento para que os alunos pudessem sanar dúvidas que ficaram sobre os conteúdos e expor opiniões sobre as aulas anteriores. Os estudantes não apontaram nenhuma dúvida, mas expressaram que gostaram do teste que foi aplicado (Kahoot), sendo uma atividade que nenhum outro professor havia aplicado até então.

Em seguida, apresentei o material elaborado a partir de um deslocamento, mencionado no capítulo 1.4.2., onde busquei ativar a história da imigração pomerana. Com base nesse material, introduziu-se brevemente uma discussão sobre a imigração pomerana e italiana na região. Questionei os estudantes se sabiam os motivos que levaram ambos os povos a migrarem para a região e a grande maioria respondeu que não sabiam. Apenas alguns apontaram ser por busca de melhores condições e por estarem fugindo de guerras. Em relação a Jacob Rheingantz, apenas uma aluna afirmou que já havia ouvido falar dele e de seu papel na região de São Lourenço do Sul, sendo essa aluna também moradora da região. Logo, observei que a grande maioria dos estudantes não conhece a história da imigração dos pomeranos. A partir da recapitulação do percurso das aulas e dos conteúdos abordados e com o material apresentado aos estudantes, propus que elaborassem um trabalho coletivo, pensado também para promover a interação entre eles.

Esse trabalho seria uma cartografia que traria elementos da sua região e cultura, enfatizando a diversidade da região, paisagens, arquitetura, religiões, manifestações artísticas e culturais e lugares. Para essa atividade, apresentei também outros exemplos para ampliar o repertório dos estudantes e visualizar as possibilidades existentes. Ressaltei que para a realização do trabalho poderiam realizar entrevistas, saídas de campo e conversas com familiares. Salientei que seria importante que as ideias, esboços e a organização fossem documentadas no diário,

e que o processo do trabalho seria avaliado. Os estudantes tiveram duas semanas para a realização do trabalho e no intervalo entre uma semana e outra, disponibilizei um momento em que os alunos poderiam tirar dúvidas sobre o trabalho e também sobre o diário.

Dessa proposta coletiva, resultaram 7 trabalhos, sendo 2 vídeos, 2 mapas com elementos característicos da região, 1 montagem sobre o grupo de danças e 2 mapas com alguns pontos turísticos e empreendimentos. No próximo capítulo, irei retomar esses trabalhos.

Visando oportunizar que mais pessoas da comunidade tivessem contato com esses e outros trabalhos produzidos pelos estudantes, decidi criar uma exposição virtual para integrar o material elaborado pelos alunos. Visualizei a exposição como uma oportunidade de divulgar as criações dos estudantes e assim valorizá-las, bem como para oportunizar que a comunidade e outras pessoas tivessem contato com manifestações culturais que fossem da comunidade. Discorro um pouco mais sobre essa exposição no próximo capítulo.

A aula 8 foi o momento em que manifestei para a turma sobre a criação da exposição, explicando como ela seria realizada e solicitando que escolhessem o material que gostariam que fosse inserido, no entanto, preferiram que eu escolhesse. Nessa aula também entreguei um material sobre arte postal e propus como último trabalho que criassem um postal para compor a exposição. Esse postal deveria estar relacionado com algum lugar, elemento ou manifestação cultural da região que considerassem importante que outras pessoas conhecessem ou, caso já conheçam, valorizassem-nas.

A última aula foi um momento de conclusão dessa trajetória com os estudantes. Nessa aula, de forma síncrona, foi lançada a exposição dos trabalhos produzidos por eles. Criei um site que comporta os trabalhos coletivos, os postais, trechos dos diários dos estudantes e demais produções. O título da exposição foi *Registros de uma viagem: pela cultura, região e histórias*. Abaixo, segue o convite da exposição que foi divulgado nas redes sociais e grupos da escola (Figura 54).



Figura 54 - Convite da Exposição Virtual Registros de uma Viagem.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

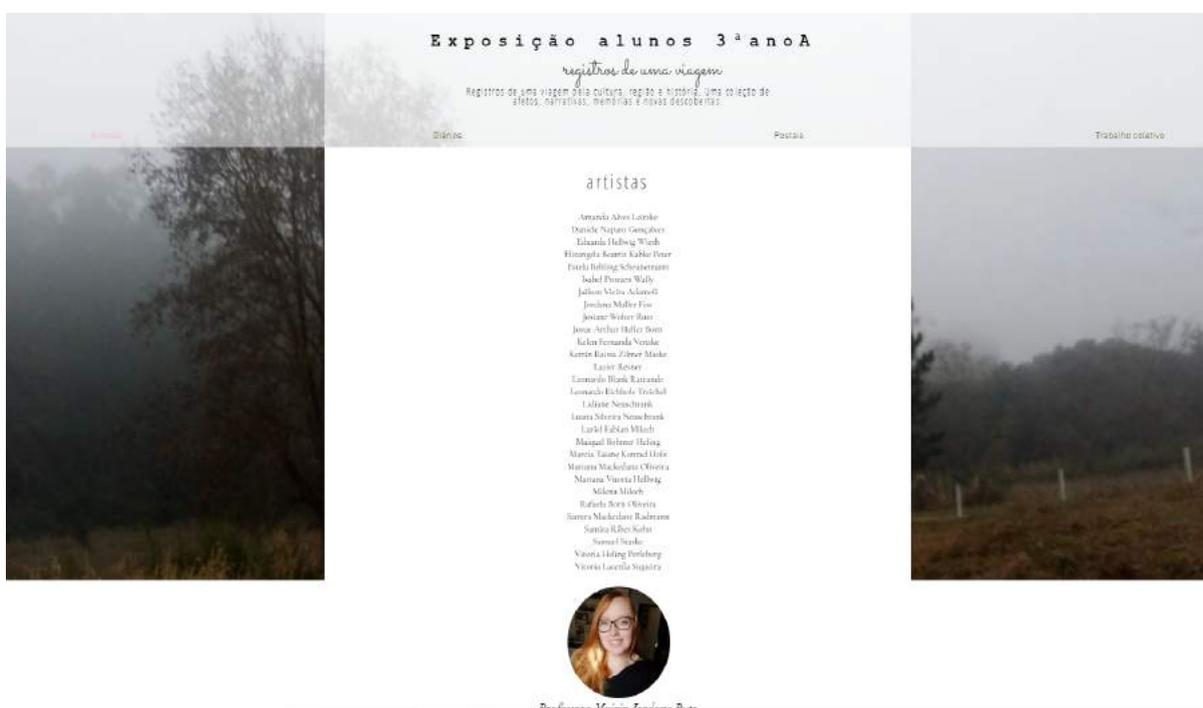


Figura 55 - Exposição alunos 3º ano A - artistas.
Fonte: Acervo da pesquisadora

Esperava maior interação com os estudantes durante essa aula, por ser a última. No entanto, não foi o que aconteceu. Os alunos seguiram sem abrir as câmeras e os microfones, interagindo apenas pelo chat. Contudo, as mensagens no chat demonstraram a alegria e satisfação em ver a exposição pronta e que a comunidade teria contato com a produção deles, além de ser a primeira oportunidade de terem seus trabalhos expostos dessa forma. Nesse momento, também compartilharam que gostaram das atividades e dos conteúdos abordados, afirmando que não tinham conhecimento até então sobre eles.

Até o momento, procurei descrever o percurso junto aos estudantes durante a ação. No próximo eixo, dissertarei sobre o diário enviado aos estudantes.

3.2 Proposições poéticas: Diários de viagens

A partir de agora, retomo a discussão sobre os diários de viagem enviados aos estudantes. Preparei esse material para os estudantes de forma a suscitar a produção artística e a escrita e o resgate de narrativas de familiares, proporcionando a participação da família durante o processo e valorizando esses conhecimentos e histórias. Também busquei verificar a relação deles com esse material e se essa abordagem propiciou um maior desenvolvimento dos diários.

Devido a pandemia, logo, a impossibilidade de entregar um material físico para os estudantes, visualizei a possibilidade de propor diários digitais, a partir de programas como *Word Express* e *Powerpoint*. Soma-se o também o fato de os estudantes estarem rodeados de tecnologias, redes sociais, smartphones e outros dispositivos móveis e, desse modo, familiarizados e utilizando esses recursos diariamente.

Acrescento, também, que atualmente as pessoas em suas viagens não escrevem mais em diários físicos, com algumas exceções. Muitas utilizam suas redes sociais, como Instagram, Youtube, Facebook, *blogs*, para registrarem suas viagens e descobertas, através de fotografias, vídeos e *stories*, sendo que os registros escritos se resumem em pequenas legendas. A partir dessas reflexões, tem-se que a tecnologia e os programas podem ser meios para a elaboração dos diários dos estudantes. Desse modo, coloquei aos estudantes que os diários poderiam ser tanto físicos quanto digitais.

Esse material foi elaborado a partir de algumas referências mencionadas anteriormente e a partir delas pensei em criar pequenas proposições e que fossem atrativas aos estudantes. Nas primeiras páginas, tem-se um local para inserção dos dados dos estudantes e depois algumas instruções para facilitar o preenchimento do mesmo.

Cada proposição inicia com um espaço para colocarem a data de preenchimento, remetendo a ideia de diário, além de remeter a ideia de ser um

processo e não um material para ser concluído em um dia. O diário completo está em apêndice neste trabalho. Essas proposições foram pensadas para suscitar nos estudantes uma nova percepção e relação com fotografias antigas, objetos de família e com as histórias de sua família.

Além disso, o uso dos diários instiga os estudantes a conversarem com seus familiares, principalmente com os mais velhos, por entender que eles têm muito o que ensinar e carregam muitas memórias para compartilhar. Benjamin nos leva a entender que “ninguém morre tão pobre que não deixe alguma coisa atrás de si. Em todo caso, ele deixa reminiscência, embora nem sempre elas encontrem um herdeiro” (BENJAMIN, 1987, p. 212).

Planejei esse diário como coordenadas para propor experiências de viagens, tanto sedentárias quanto nômades. Digo viagens no plural, por visualizar a possibilidade de os estudantes viajarem pela imaginação, pelo pensamento, pela história da sua comunidade, no tempo (recordando e ouvindo histórias de familiares) e deslocamentos físicos. Logo, objetivei posicionar os estudantes como viajantes, de forma a instigar um olhar mais atento ao seu contexto e também uma escuta mais cuidadosa ao conversarem com seus familiares.

Uma das proposições partiu de objetos dos alunos, onde eram instigados a criarem uma história sobre ele. Outra a partir de objetos, ferramentas, máquinas ou utensílio doméstico, onde se propunha que criassem um desenho sobre e outra história sobre o mesmo, contando sobre sua utilidade e o local onde se encontra, por exemplo. Em seguida, propus que conversassem com familiares sobre esse objeto. Vi nessa proposta a possibilidade de explorarem a imaginação e a criatividade, desenvolverem a escrita e se aproximarem e possibilitarem que os familiares participassem do processo, como também olharem atentamente objetos que têm significado para eles e que por vezes se encontram perdidos nos galpões.

Outra proposição que se assemelha com a exposta anteriormente, tanto no propósito quanto no fazer, parte de charadas. Indaga-se *O que podem nos tirar antes de termos?* e *O que é o que é, que parece muito com qualquer pessoa e não é ela?* Ambas possuem a mesma resposta: a fotografia. Dessa forma, em seguida propus que os alunos criassem uma narrativa a partir de uma fotografia antiga, inventando personagens e uma continuação do momento registrado. Da mesma

forma, solicitei que posteriormente conversassem com seus familiares sobre esse registro, a época e local, quem eram as pessoas, o que faziam. Nessa proposição, almejei que os estudantes desenvolvessem a escrita a partir de registro fotográfico e, assim, resgatassem histórias com seus familiares, de forma a valorizar e ativar essas narrativas. Isso se aproxima da pesquisa de Sandra Nunes (2018), abordada no estado da arte.

Outra proposição referia-se a um convite para conversarem com familiares sobre suas origens, sobre o processo de colonização, o que sabiam e se existem registros, e anotarem algo sobre essa conversa. Em seguida, propus que os estudantes escrevessem uma carta a algum antepassado, contando sobre a cultura, os aspectos que se mantêm ou não, sobre o idioma e sobre a atual realidade. Com essa proposta, objetivei que os estudantes refletissem e olhassem com mais atenção a realidade deles, e percebessem que muitos dos aspectos da cultura trazida por seus antepassados ainda se mantêm, no entanto, é necessário buscar preservá-la.

Esperava que esse diário fosse composto também pelas demais discussões em sala de aula e outros escritos. No entanto, apenas uma parte dos estudantes seguiu essas recomendações, como demonstro no próximo eixo.

3.3 Análise dos dados

Retoma-se agora a produção dos estudantes, resultado das atividades em sala de aula e das proposições do diário de viagem, procurando analisar esse material de forma a responder os questionamentos desta pesquisa. Primeiramente, analiso os dados provenientes dos trabalhos propostos ao longo das aulas e em seguida os diários dos estudantes. Uma das tarefas solicitadas aos alunos, aula 2, dizia respeito a uma produção sobre sua região, como paisagens, cotidiano, trabalho. Nessa atividade, os estudantes teriam que criar três produções, utilizando técnicas como desenho, fotografia, pintura e colagem, ficando a seu critério, no entanto, deveriam usar ao menos de duas diferentes.

Os discentes produziram ricos trabalhos a partir dessa proposição, resultando em produções fotográficas e desenhos que retratam aspectos do cotidiano, como o

trabalho, paisagens rurais e aspectos culturais, como podemos ver nas produções a seguir (Figuras 56 e 57). O cultivo do Fumo foi um dos elementos que mais apareceu nas criações dos alunos. A partir de técnicas diferentes, desenho, fotografia ou colagem, representaram fases do cultivo diferentes, como o cultivo de mudas, na lavoura, o processo de colheita, a secagem e fumo seco sendo preparado para a comercialização.



Figura 56 - Aluno. 12. Etapas do fumo.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nesse trabalho, o aluno 12 trouxe três recortes de revistas, sendo possível observar diferentes etapas do cultivo do fumo: no canto superior esquerdo a planta nas piscinas para depois ser plantado, abaixo uma estufa elétrica para secar a folha e ao lado o fumo já seco para ser preparado para a venda.



Figura 57 - Fotografia da aluna 8. Título: dinheiro da colônia.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A estudante 8 trouxe um registro da lavoura de fumo da família (Figura 57). Ela intitulou a sua fotografia como *Dinheiro da colônia*. Para ela, essa imagem caracteriza a sua região, por apresentar o cultivo do fumo, que é muito produzido na região, logo, representa o “dinheiro da colônia”, ou seja, o sustento de muitas famílias da região. O aluno 11 trouxe um registro do processo de preparo do fumo para a comercialização.



Figura 58 - Aluno 11. sem título.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Esse mesmo aluno, em seu diário, ao escrever sobre essa atividade, trouxe a seguinte afirmação,

Algo que não sai da nossa cultura é o trabalho, certo? E na minha localidade não é diferente. Portanto, um dos trabalhos que representa a nossa cultura é o ‘Tabaco’ ou mais conhecido como ‘plantação de fumo’. Nos últimos anos, essa prática tem diminuído muito pela mão de obra e principalmente pelas novas gerações que não querem mais continuar com esse trabalho, que requer muita disposição e é muito judiado.

Essa afirmação de fato relaciona-se muito com a atual realidade na região. Nota-se que muitos dos adolescentes não veem expectativas em seguir trabalhando com o fumo e nem com outros cultivos. Por serem trabalhos que demandam muito esforço físico, os jovens procuram se deslocar o mais rápido possível para a zona urbana, em busca de outras ocupações.

Além da produção de fumo, os estudantes destacaram também o cultivo da soja e de hortaliças. A criação de gado também é evidenciada, assim como a produção de leite (Figura 59).

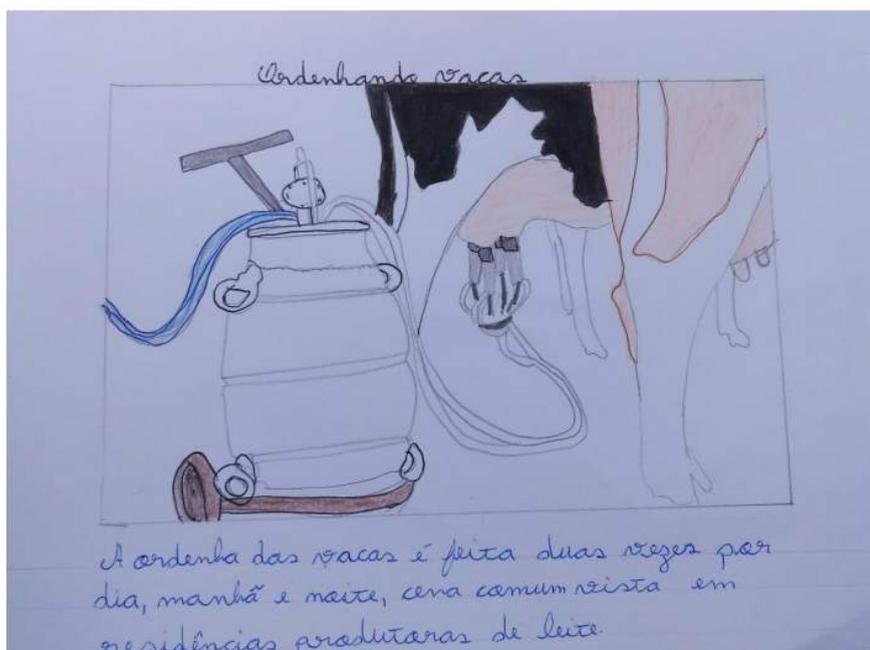


Figura 59 - Desenho da aluna 6. Ordenhando vacas.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Para o estudante 11, de origem pomerana, outra imagem bem característica da sua cultura é a Figura 60, que apresenta uma manifestação característica de seu povo, as festividades, onde se tem música, danças, comidas típicas e grande número de pessoas.



Figura 60 - Fotografia do Aluno 7. Festa.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Outro tema encontrado é o cultivo de frutas, como o pêsego, o caqui e a maçã, sendo os últimos característicos do município de Arroio do Padre, tanto que junto a festa da emancipação do município, comemora-se a Festa do Caqui e da Maçã.



Figura 61 - Aluna 15. Frutos.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

A estudante 16 destacou outro elemento, relacionado a gastronomia. Para ela, o pão caseiro feito em forno de rua, servido com *schmier*, é muito característico da região (Figura 62).

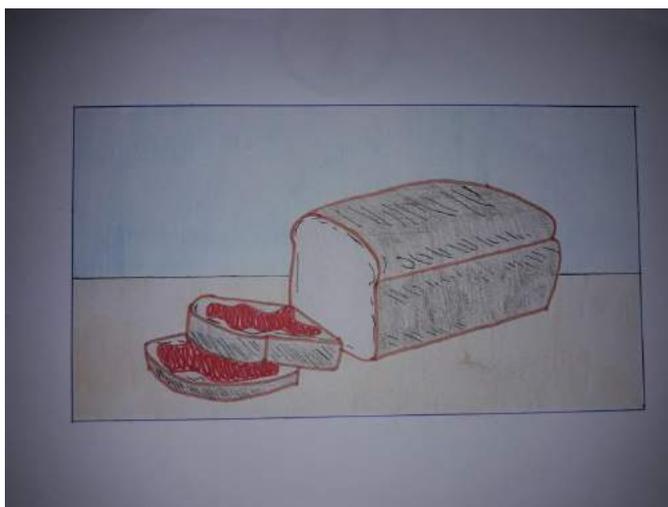


Figura 62 - Aluna 16. Pão caseiro.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Almejei com essa atividade que os alunos olhassem com mais atenção o seu contexto. A partir de um escrito no diário da aula 18, sobre as obras apresentadas e sua produção, verifiquei que a aluna 16 passou a olhar o seu cotidiano com outros olhos, percebendo elementos que não via. Os trabalhos recém-expostos procuraram retratar o contexto dos estudantes. Notei, com essa proposição e a partir dos trabalhos dos estudantes, que para muitos alunos a questão do trabalho, especificamente o fumo, é o que mais traduz e caracteriza sua região, deixando de fora outros aspectos. Logo, de antemão, afirmo que nos próximos trabalhos outras características serão evidenciadas.

Uma das características que procurei que os estudantes identificassem foi a questão dos trabalhos manuais, como o crochê, o bordado e o tricô, muito presentes nas famílias pomeranas. Para isso, parti de algumas obras de artistas contemporâneos que utilizassem essas técnicas em suas produções, para assim questionar os alunos sobre a presença desses elementos em suas casas.

Como resposta a essas questões, tem-se que na grande maioria das casas dos estudantes alguma pessoa, principalmente mães e avós, desenvolve, ou aprendeu, algumas dessas técnicas. Constatei que até algumas alunas têm conhecimento sobre e as praticam em seu tempo livre. A grande maioria dos estudantes afirmaram que esses ensinamentos das técnicas foram passados entre as gerações na família, somente alguns alunos afirmaram que elas teriam aprendido a partir de algum curso.

Alguns comentários sobre a diferença da utilização das técnicas por avós e pelas artistas também surgiram, como também sobre uma percepção que foi despertada, onde passaram a ver com outros olhos uma técnica que faz parte do seu cotidiano e que é explorada por artistas de forma criativa e crítica, além de estabelecerem uma relação de proximidade com as obras que utilizam essas técnicas.

Achei eles bem interessantes, uma nova forma de apresentar as artes, utilizando desde bordados ao crochê. O que me chamou mais atenção pela técnica foi o da Karen Dolorez, seus trabalhos são lindos e inovadores, o que surpreende aos nossos olhos, estamos acostumados com o crochê “de vó”. O que me chamou a atenção através da mensagem foi o de Rosana Paulino, ao fazer denúncias da violência contra a mulher através da arte e denunciar o racismo enfrentado na sociedade. (Aluna 17).

A partir do trabalho coletivo, retomo outros pontos evidenciados pelos estudantes, que elencam aspectos da sua região e cultura. O Grupo de Danças Folclóricas *KornBlume*, é mencionado por alguns grupos, como algo característico e importante para a região. Esse trabalho objetivava que os estudantes criassem uma cartografia artística demonstrando a diversidade existente na região, destacando, por exemplo, elementos de sua e de outras culturas. Como mencionado, essa atividade resultou em 7 produções, sendo 6 coletivas e 1 individual, e estão apresentadas abaixo⁵².



Figura 63 - Mapa do Grupo 1. Título: Mapa de Arroio do Padre.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Nesse trabalho (Figura 63), as alunas destacaram alguns locais importantes na região, como Parque aquático Rua 15, Moinho das Pedras, Cachoeira do Camboatá, Centro de Eventos Dorotea Coswig Buss, Lancheria e Cervejaria Bonow

⁵² Essas produções também são encontradas na exposição virtual, disponível em: <<https://rutzmairin.wixsite.com/my-site>>.

e Cachoeira dos Três Cerros. Destacaram, também, a questão da religiosidade que é predominante na região, o Grupo de Danças Folclóricas *KornBlume* (Figura 64) e, também, o idioma pomerano.



Figura 64 - Grupo 2. Grupo de Danças *KornBlume*.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Um estudante (Aluno 17) optou por realizar o trabalho individual e elaborou um material sobre o Grupo de Danças, do qual ele participa, e sua avó, tia avó e mãe participaram do processo de costura dos trajes. Ele também escreve:

Eu participo do grupo desde pequeno, sempre incentivado pela minha vó, tia avó e mãe. Pra mim, como integrante do grupo, é muito emocionante ver o brilho nos olhos das pessoas quando nos assistem. O grupo hoje é formado por uns 30 integrantes novos ou que estão desde o início. O grupo já participou de inúmeras festas por todos os lugares [...] O intuito do grupo é levar a tradição pomerana por onde passa através das músicas e cantos.

estudantes destacaram outros elementos, como o futebol, a agricultura familiar, a festa do município e o túnel ferroviário, ponto turístico⁵³.

O grupo 5 resolveu produzir um vídeo onde elas, em pomerano, contaram um pouco sobre seus familiares que migraram para o Brasil. Elas mencionaram o nome dos seus antepassados e as profissões que aqui exerceram, sendo a maioria agricultores e alguns pastores e professores. Elas também mencionaram que são a sexta geração da família. As alunas afirmaram que foi necessário conversar com seus familiares para buscar informações sobre os familiares que migraram para a região, sendo que não tinham conhecimento dessas informações até então.

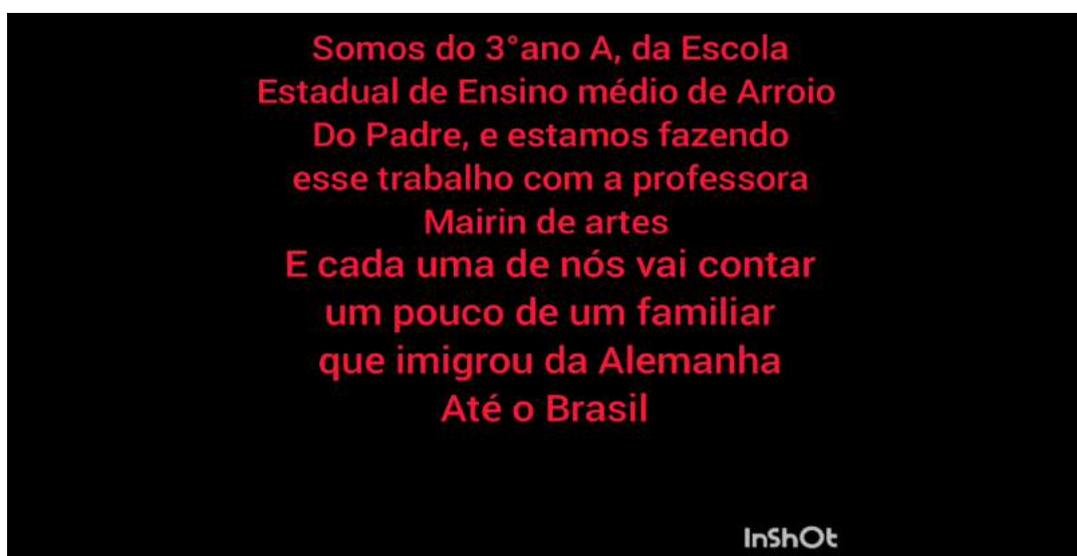


Figura 67 - Frame vídeo do grupo 5.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

O grupo 6, da mesma forma, produziu um vídeo sobre o cotidiano dos moradores da região que estão envolvidos com a agricultura familiar. Eles apontaram que o interesse da temática se deu pela aproximação com o tema, sendo que todos os integrantes se inserem nessa realidade e auxiliam nessas atividades. Ao longo do vídeo, apresentaram diferentes cultivos realizados na região, como fumo, milho, soja, feijão, batata, batata doce, morango, verduras e, também, a criação de gados e cultivo de mel. Esses produtos produzidos na região geralmente são para consumo próprio ou para comercialização na comunidade. Somente o fumo e a soja são vendidos para outras regiões.

⁵³ Localizado no município de Pelotas.

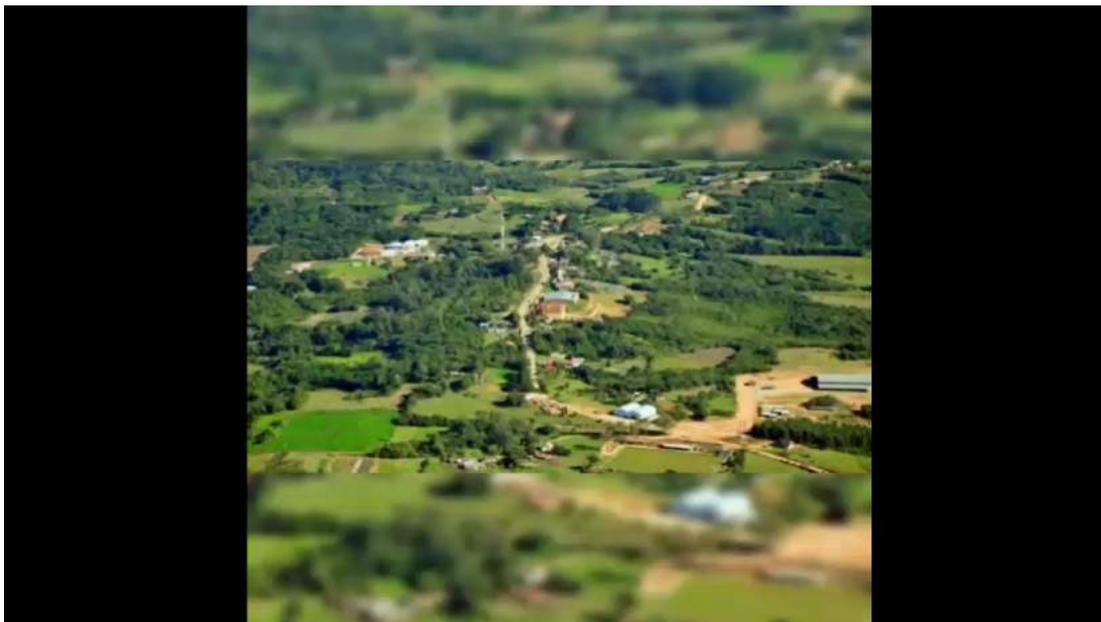


Figura 68 - Grupo 6. Frame do vídeo Diversidade de cultivos.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O grupo 7 elaborou um material utilizando como referência o mapa de Arroio do Padre, onde os estudantes marcaram alguns pontos, sendo eles o Centro de Eventos de Arroio do Padre, o camping Moinhos das Pedras e a ponte que deu origem ao nome do município.

Mapa de Arroio do Padre

- ♥ Centro de Eventos Dorothea Coswig Buss
- Camping Moinho das Pedras
- ✦ Ponte do Arroio do Padre

Centro de Eventos Dorothea Coswig Buss

O centro de eventos foi construído em 2007 pelo prefeito Gilnei Fischer e o nome do centro de eventos veio através de uma homenagem a mulher do primeiro prefeito de Arroio do Padre: Alimiro Buss. O centro de eventos foi construído para a realização de festas locais, como formaturas, torneios de futsal, principalmente para as festas do município e do caqui e da maçã. Para a melhoria de todos os moradores do arroio do padre com o passar do tempo obteve algumas melhorias, foram construindo uma área, nos últimos anos aumentaram para fazer banheiros nos fundos e também a construção de um palco para a melhoria das apresentações de bandas e grupos nas festas.

Camping Moinho das Pedras

Antigamente era local de moinho, frequentado por nossos antepassados e por ter muitas pedras, o local foi nomeado de Moinho das Pedras. Já à muitos anos tornou-se um camping, é um lugar muito conhecido na região por suas belezas naturais, muitas pedras, sombras fresquinhas, água corrente e também conta com uma represa tornando a água mais funda

Ponte do Arroio do Padre

História: Conta-se que um padre (pastor luterano) tinha terras em Arroio do Padre e nessas terras havia um arroio. Esse padre atendia os fiéis de suas comunidades, certo dia saiu à cavalo (sempre levava uma capa escura para se proteger do frio e da chuva) atravessou o arroio para chegar na casa da família solicitante. Neste meio tempo, desabou forte chuva sobre a região enchendo o arroio. Ao retornar para a casa, atravessando o arroio à cavalo, num descuido se atrapalhou com a capa que usava, caiu do cavalo e foi levado pela correnteza, conseguindo se salvar graças a um galho de árvore que pendia sobre o arroio. Daí esse arroio ficou conhecido como Arroio do Padre.

Fonte:
Imagens: Google
Textos: História de moradores da região.

Figura 69 - Trabalho grupo 7.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Esses trabalhos produzidos pelos estudantes apontam a diversidade cultural existente no município. Indicam elementos da cultura pomerana, gaúcha, italiana e

afrodescendente. Destacam locais importantes para eles na região, como pontos turísticos e empreendimentos. A questão do trabalho novamente foi mencionada, onde os estudantes destacaram os diferentes cultivos e produções na região.

A questão dos imigrantes também veio à tona neste trabalho a partir do vídeo criado pelo grupo 5, no qual as alunas contam um pouco sobre os antepassados que vieram para a região. A partir desse material, tem-se o nome dos antepassados, os descendentes e as profissões que desempenharam. Esse trabalho, de certo modo, não evidencia a diversidade da região como os demais trabalhos. No entanto, constitui-se um material onde encontro um pouco sobre alguns imigrantes que vieram à região. A diversidade desse material refere-se a uma diversidade mais relacionada ao humano, uma pluralidade de pessoas e histórias que integraram a região.

Outro trabalho que propus para os alunos e que evidencia a percepção dos estudantes quanto a sua cultura é a atividade de criação de postais. Essa produção girou em torno de alguns aspectos da cultura dos estudantes, como grupo de danças do município de Arroio do Padre, o *stúpas* (Figura 70), a *schmier* (Figura 71), paisagens da região, agricultura, comidas, a festa do município e pontos turísticos da região de Pelotas e Arroio do Padre. Isso aponta que desejam que esses elementos e locais sejam valorizados e reconhecidos.

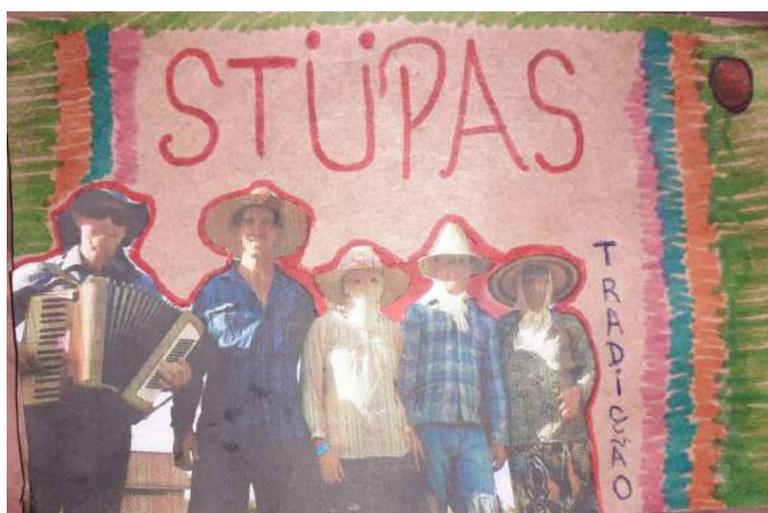


Figura 70 - Postal da aluna 10. *Stúpas*.
Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 71 - Postal Aluna 15.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Os trabalhos produzidos pelos estudantes ao longo das aulas evidenciaram a percepção dos estudantes quanto ao seu contexto, sendo uma produção que ativou e resgatou esses elementos. Nas próximas linhas, analiso os dados obtidos a partir das proposições do diário dos estudantes. Da mesma forma, esse material produzido pelos estudantes consistiu em importantes registros de narrativas, afetos, percepções, descobertas, resgates e ativamentos.

Um das proposições do diário, até então não mencionada, e que se encontra nas primeiras páginas do material, referia-se a um questionamento sobre o que é ser descendente de pomerano, italiano, alemão ou afrodescendente, sendo que cada aluno respondia a partir de sua origem. Atenta-se que muitos alunos não responderam essa questão, logo trago apenas alguns registros. Um aluno afirmou que “ser pomerano é não falar o pomerano” (aluno 17). Essa resposta, para mim, tem um tom quase irônico, pois a partir dessa afirmativa entendo que ser pomerano para ele pode se resumir em falar o idioma ou não, no entanto, não se resume a isso.

Outra aluna compartilhou de uma opinião diferente. Para ela, “ser pomerana é basicamente saber falar pomerano, além de morar na colônia”. Assim como o aluno 17, a aluna 6 associou o ser pomerano com o falar ou não o idioma. A partir do seu diário é possível perceber que essa questão do ser pomerano se expande além do idioma. Ela, em seu diário, trouxe um material com outros elementos que identificam e caracterizam os pomeranos, como a questão do trabalho, a culinária e as festas.

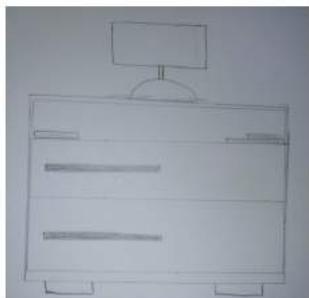
Assim como esses alunos, outros afirmaram que ser pomerano se resume ao idioma. Um deles acrescentou que ser pomerano é ser um povo alegre.

Para a aluna 12, ser descendente de pomerano significa “ter relação de parentesco com alguém vindo da Pomerânia, no caso das pessoas daqui, os bisavós. Ser descendente de determinada cultura significa muito além de identidade, mas sim, ser criado conforme seus costumes”. Outra estudante (aluna 2) afirmou que “ser descendente é ser herdeiro de uma cultura ou mais culturas, vindas na bagagem dos nossos antepassados”. De forma geral, os alunos que responderam, relacionaram o ser descendente com a origem de seus antepassados, aos costumes e idioma trazido por eles.

Ao propor no diário que os estudantes escrevessem sobre sua localidade, muitos estudantes se referiram à sua comunidade como um local calmo, tranquilo, bonito. Dois alunos destacaram, entre os costumes dos habitantes da região, que a população gosta de se reunir e visitar amigos e vizinhos. Em umas das afirmações, a aluna 6 comentou que esse costume estava se perdendo, no entanto, devido a pandemia, por não acontecerem mais festas de comunidade, esse costume acabou retornando, pois as pessoas passaram a se encontrar para conversar e jogar cartas. De fato, enquanto pessoa inserida nessa realidade, observei que as pessoas passaram a retornar com esse costume, mesmo que não fosse o recomendado para o cenário. Acredito que as pessoas, no geral, passaram a valorizar esses momentos.

A partir da proposição de criação de uma narrativa a partir de um objeto, os alunos elaboraram pequenas histórias sobre esses objetos. Alguns limitaram essa produção em pequenos escritos (Figura 72) e comentários e não embarcaram de fato na proposta, sendo que esperava-se que criassem narrativas mais poéticas, assim como De Maistre em Viagem ao redor do meu quarto. Outros alunos compreenderam a proposta e criaram textos mais poéticos, como da Aluna 20 (Figura 73), onde percebo que a estudante se envolveu com a proposição, viajando pela imaginação.

Pense em um objeto que se encontra no seu quarto e que você vê todos os dias. Desenhe ele e crie uma história sobre:



Em meu quarto ao lado de minha cama encontro um criado mudo, onde guardo livros e pijamas, é um lugar perfeito para parar o abajur que me guia até a cama na hora de dormir.

Dia: 26/04/2021

Figura 72 - Registro do diário da aluna 6.
Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 73 - Registro do diário da aluna 20.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

A proposição de criação de desenhos e narrativas sobre objetos antigos resultou em um material onde os estudantes apontaram diferentes objetos que fazem parte do seu cotidiano ou que estão em desuso. Eles representaram objetos como: ferro de passar (Figura 74), máquina de produzir manteiga (Figura 75) Máquinas de costuras e tachos para preparo de *schimier*.



Figura 74 - Aluna 15. Conversa com avó sobre objeto antigo.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Recordo-me que durante as tardes de verão que passava na casa de meus avós, na infância, era sempre um momento divertido quando podia acompanhar meu avó no processo de debulhar milho e tratar os animais.”



O objeto antigo que desenhei é uma máquina manual de fazer manteiga, ela foi usada pelos meus bisavós, avós, e meu pai quando pequeno. Lembro dela pois meus avós falavam para mim, “**isso a gente usava para fazer manteiga quando o teu pai era pequeno**” ou meu pai falava “**com isso a gente fazia manteiga quando eu era pequeno**”.

No momento ela não é mais utilizado, pois agora todos compramos a manteiga já pronta.
Ela está guardada no galpão.

Figura 75 - Diário aluna 21.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

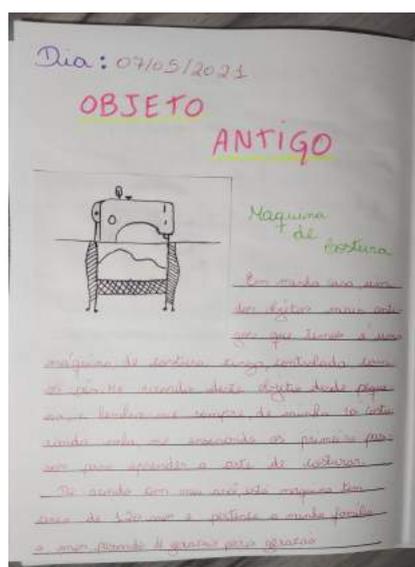


Figura 76 - Diário da Aluna 8.
Objeto antigo.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

É possível constatar, a partir dos escritos dos estudantes e dos objetos escolhidos – por estarem em desuso e muitos serem encontrados nos galpões das propriedades –, que os estudantes tiveram que se deslocar até esses locais em busca dos mesmos. Do mesmo modo, imagino que os estudantes, ao escreverem sobre eles, viajaram na imaginação, em suas memórias em busca de alguma lembrança sobre ele. Acredito que essa proposição possibilitou aos estudantes uma espécie de viagem no tempo, resgatando objetos que possivelmente não estão habituados a ter contato no cotidiano, por não serem utilizados há muito tempo.

Outro movimento que esperava com essa proposição era justamente a troca com familiares. A partir da escrita dos estudantes, observo que alguns apenas perguntaram sobre e outros realmente conversaram, o que possibilitou uma troca mais consistente e valiosa. Essas trocas e momentos de escuta também eram esperados na proposição de criação de narrativas a partir de fotografias, proposta semelhante à recém-citada.

Acredito que a partir dessa proposta os estudantes, ao pegarem os álbuns de fotografia ou as caixas de guardados, já embarcaram em uma viagem, por arquivos repletos de informações, lembranças, memórias e histórias de familiares, alguns que não estão mais entre nós. Ao olhar essas fotografias, realiza-se uma manutenção da memória (DUBOIS, 1993). A ação de escrever, criar algo a partir de uma fotografia, refere-se a outra viagem, pela imaginação, podendo também ativar lembranças e memórias para compor essas narrativas, onde viaja tanto o estudante quanto o familiar.

Ao propor a escuta de história de seus familiares a partir das fotografias e dos objetos, recomenda-se a compreensão da importância da reminiscências.

A reminiscência funda a cadeia da tradição. Que transmite o acontecimento de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. [...] Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. (BENJAMIN, 1987, p. 211).

As fotografias escolhidas pelos estudantes se assemelham por serem registros de momentos em grupo, amigos ou familiares. Reitera-se que, geralmente

pelo custo elevado para se fazer os registros, esses eram feitos apenas de momentos importantes, como ritos – casamentos, confirmações e celebrações (GEHRKE, 2018).



Figura 77 - Fotografia encontrada no diário da aluna 21.
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Essa fotografia foi registrada na residência da noiva. Os personagens são Silmar e Loni, Ana e Ervindo, Iolanda e Laudemir, Sara e Afonso, Selma e Edmundo, Alida e Edvin, Adela e Guido, Paula e Francisco. Esses seis pares são os padrinhos e no centro estão os noivos, Evani e Nelson, eles estavam muito felizes pois estavam reunidos com amigos. Depois da fotografia, foram aproveitar a festa, comeram, dançaram e se divertiram. Quando a festa acabou cada um voltou para suas casas, alguns tinham comido demais, e outros estavam meio bêbados, mas chegaram bem em casa e assim continuaram vivendo suas vidas, se fazendo visitas.⁵⁴

Conversei com a minha avó. Ela contou que os personagens são Loni e Silmar, Alaidi e Fermindo, Ana e Emilio, Alida e Edvin, Adela e Guido, Marlene e Arci, que são os padrinhos, e os noivos são Neldino e Elga. A fotografia foi realizada em Cerrito, na residência da noiva, foi aproximadamente uns 40 anos atrás.

⁵⁴ Narrativa criada pela aluna 21, no seu diário.



Figura 78 - Diário aluna 8. Foto de casamento.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A foto apresenta um retrato de casamento realizado há muito tempo atrás. Nela aparecem meus avós (Bruno e Hilma) e seus familiares. No momento da foto estavam celebrando de Alice e Fernando, um momento muito especial para todos e o registro [era] mais especial ainda, pois naquela época fotos eram uma coisa rara e por isso uma das únicas lembranças.⁵⁵

A foto é de uma casamento realizado há cerca de 65 anos atrás, onde amigos da família estavam realizando o desejo de se casar. A foto ainda é em preto e branco e foi tirada em uma residência no interior de São Lourenço do Sul, local onde se realizou a cerimônia de casamento. Algo muito legal que descobri sobre a foto é que as noivas de antigamente não se casavam de branco.⁵⁶

Evidencio que possivelmente a conversa da Aluna 8 foi mais produtiva, sendo que ela apontou em sua escrita curiosidades que descobriu a partir dessa e de outras fotografias e da conversa com familiares. A mesma aluna, na proposição onde questiono os alunos a pensarem sobre o que essas fotografias encontradas transmitem, afirmou: “Essas fotografias me transmitem uma sensação de curiosidade, pois ao ver todas aquelas cenas tenho vontade de saber como cada acontecimento ocorreu, o local, como foi, as pessoas, as pessoas que participaram, os detalhes” (aluna 8).

Acerca da proposição mencionada acima, constatei que alguns alunos partilhavam dessa mesma opinião. Outros afirmaram que essas fotografias possibilitaram rememorar momentos e pessoas que já partiram. O aluno 25, ao escrever sobre o ato de olhar essas fotografias, relatou que “parece uma viagem no

⁵⁵ Narrativa sobre a fotografia.

⁵⁶ Descobertas a partir de conversa com avó.

passado”. A Aluna 6 mencionou que essas fotografias possibilitaram a ela ver como eram as roupas, os casamentos, as confirmações e batizados em épocas anteriores. Alguns alunos comentaram que se sentiram tristes por não terem tido a oportunidade de conhecer algumas pessoas que foram fotografadas, mas ao mesmo tempo alegres por visualizarem nos registros que pareciam felizes.

Ainda sobre a questão da fotografia, uma problematização que fiz aos estudantes no diário dizia respeito à existência de fotografias impressas feitas nos últimos anos ou se essas encontravam-se apenas armazenadas em computadores e celulares. Grande parte dos estudantes afirmaram que em sua família as fotografias impressas são principalmente fotos mais antigas, e que os registros mais recentes ficam apenas nos celulares.

Notou-se que os estudantes têm consciência quanto a potencialidade da fotografia impressa, por ela possibilitar a rememoração de momentos e pessoas. Segundo a aluna 6, “é tão bom rever essas fotos num domingo à tarde, lembrar como eram as coisas, lembrar de pessoas importantes que não estão mais entre nós e também lembrar de momentos aleatórios, engraçados e rir pelo que aconteceu naquele dia” – o que geralmente não acontece com fotografias do celular. Grande parte dos alunos também mencionaram a facilidade da perda dessas imagens digitais, logo, a perda da possibilidade de rever esses momentos.

As proposições até agora mencionadas foram pensadas de forma a instigar os alunos a respeito de suas histórias, memórias de familiares e objetos de família. Logo, a proposta que posterior a essas referia-se a um convite a conversarem com familiares sobre suas origens, como o processo de imigração dos pomeranos e italianos por exemplo.

Analisando os diários recebidos, pude constatar que a grande maioria das famílias não sabiam muito sobre suas origens e sobre a imigração propriamente dita. As afirmações ficaram limitadas em “vieram fugindo da guerra” (Aluno 17) e “quando chegaram aqui era tudo mato, tiveram que abrir trilhas e aos poucos começaram a construir casas, não tinha estrada, nem nada. Já chegaram trabalhando com a agricultura, abriram lavouras e começaram plantações” (Aluna 15).

Uma aluna trouxe a afirmação que acredito que, como já apontado por mim, pode ser o motivo da falta de conhecimento a respeito. “De acordo com meus

familiares não se tem muita informação da imigração por parte paterna da minha família, pois eles não costumavam falar sobre, talvez por ter sido algo difícil na vida deles”. Isso vai ao encontro da afirmação de Benjamin (1987, p. 198):

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.

Apenas alguns alunos trouxeram escritos mais aprofundados sobre o processo de imigração, com afirmações como “meu tataravô veio da Pomerânia” ou uma explicação mais aprofundada, como a aluna 6, que reside na região de São Lourenço. Acredito que isso se deu por ela morar em um município que foi um dos primeiros a receber os imigrantes e que possui algumas políticas públicas que procuram valorizar a história e a cultura pomerana. Logo, isso reforça a necessidade de desenvolver ações em outras regiões.

A última proposição do diário referia-se à escrita de uma carta a algum antepassado, real ou imaginado, ou alguém que viveu em épocas passadas. Propus que os alunos simulassem uma viagem no tempo. Nessa carta, o aluno era convidado a relatar a atual realidade, se os aspectos culturais trazidos por essas pessoas ainda permanecem e, se sim, quais são eles.

Essa proposta resultou em um material onde os alunos apresentaram características que ainda fazem parte da sua cultura, como o idioma, a culinária, as danças e a música. Eles revelaram algumas mudanças que perceberam com o passar do tempo, como os casamentos e as ferramentas de trabalhos.

Carta

De: Aluna 20

Para: Paulo Shumann

Olá meu nome é [...] sou sua tataraneta, a gente não chegou a se conhecer mais minha mãe fala muito sobre você, dès do dia que você partiu muita coisa mudou, hoje a tecnologia avançou bastante, é possível viajar para qualquer lugar em poucas horas, e falar com pessoas de toda parte. Porém nem tudo está perfeito, ainda vivemos muita desigualdade, nosso país está em crise, e estamos vivendo em meio a uma pandemia. A medicina evoluiu também, hoje já é possível fazer tratamento para muitas doenças. Você vai querer saber o que permaneceu até os dias atuais graças ao senhor e muitas outras pessoas, hoje muitos falam pomerano que é uma linguagem adaptada do alemão, eu não consegui aprender ainda kkk, tem muitas festas alemãs dedicada a cultura com muita música, chope e dança, ainda

se mistura muito doce com salgado e continuamos a fazer chimia. Espero que tenha gostado de saber como estão as coisas por aqui, um beijo.

DESTINATÁRIO: Edvin Dummer
REMETENTE:

23 . 05 DE 2021

Oiii bisavó, com está o senhor?
Mesmo não te conhecendo pessoalmente sempre ouvi falar muito bem de você. Muitas coisas mudaram desde que o senhor partiu, em nossa família e no munda em geral tudo ficou mais tecnológico, mais fácil e mais complicado ao mesmo tempo.

Nossa família está bem, a casa que o senhor comprou foi reformada agora todos temos os nossos quartos, de resto tudo continuou igual, só estamos mais tecnológicos, vivemos na internet, o senhor não vai saber oque é, mas é uma rede que permite olhar e falar com pessoas que estão distantes de nós algumas do outro lado do mundo.



Atualmente vivemos um ano bem perturbado, pois veio uma pandemia, um vírus que está perturbando nós, nós trancou dentro de casa, cancelou as festas, todos os eventos por maior e mais famoso que fosse, tem sintomas alguns muito graves, eu o pai e a mãe e a Elin tivemos na última semana mas, não passamos por sintomas graves, graças a Deus e estamos bem. Já fizeram uma vacina que é dividida em duas doses, e estão aplicando para controlar a pandemia os avós e a bisa já estão vacinados. O que mais posso te falar dos dias de hoje? Tem tantas mudanças que para nós parece normal mas se o senhor vivesse nós tempos de hoje ia estranhar bastante.

Muitos costumes foram afetados, alguns mudados e alguns esquecidos totalmente. O que ficou foi as festas de comunidade os casamentos mas hoje em dia os casamentos são em grandes salões e não mais na casa da noiva, a nossa bandinha continua, as comidas típicas ficaram mas, são bem restritas, cafés coloniais quase não se vê e se tem poucas pessoas vão, mas nada melhor que um pão com schimia e com uma linguiça e uma cuca novinha né? Isso continuou, hoje em dia muitos não se visitam mais os que se visitam ou são parentes ou bem conhecidos, mas com vizinhos distantes sem algum parentesco a ida na casa ficou fora de costume

Aqui na volta muitos ainda falam pomerano, é a língua que predomina, mas quase todo mundo entende o português, mas entre vizinhos e amigos o pomerano continua, mas em algumas regiões distantes foi esquecido totalmente, deixaram de lado o pomerano e passaram a falar somente o português.



Figura 79 - Carta Aluna 21.
Fonte: Acervo da pesquisadora.



Figura 80 - Carta Aluna 15.

Fonte: Acervo da pesquisadora.

As cartas dos estudantes, em sua grande maioria, apresentaram relatos sobre a preservação de alguns elementos da sua cultura. Alguns alunos, como podemos ver nas figuras anteriores, relataram sobre a atual realidade que estamos enfrentando, devido à pandemia. A questão da tecnologia também foi um tema recorrente nas escritas dos estudantes. Observei nos estudantes, a partir das suas escritas, um grande envolvimento com a proposta.

Acredito que a escrita da carta foi uma das propostas que os estudantes mais gostaram, o que foi demonstrado a partir das escritas e de comentários nos diários de viagem. Esses escritos, de forma geral, indicam a potencialidade da utilização dos diários, como: “O diário me proporcionou conhecer muito mais sobre a minha família e o que eu mais gostei foi fazer a carta e descobrir de onde vieram meus descendentes. As atividades foram muito divertidas e fizeram eu me descobrir de forma dinâmica” (Aluna 20).

Ao longo da elaboração deste diário pude descobrir várias coisas novas sobre minhas origens, sobre a colonização pomerana. Achei esta ideia de criar um diário muito legal, pois é um trabalho divertido, interessante e ao mesmo tempo muito organizado, já que havia proposições que precisávamos usar de base do trabalho. (Aluna 8).

O que mais gostei de descobrir foi mais da minha descendência. Gostei de rever algumas fotografias antigas, gostei também dos assuntos das aulas, pois trabalhamos com vários artistas e conheci diferentes formas de arte,

seja na fotografia, bordado, entre outros. Sobre as proposições das aulas achei que, às vezes foram muito trabalhosas, apesar de termos tido bastante tempo para fazer o diário, ele me tirou bastante tempo, porque eu tinha o diário e ainda alguns exercícios da aula de artes e de outras matérias, mas gostei de fazer, é um trabalho diferente, que exige bastante tempo e calma, eu espero que eu tenha conseguido fazer um bom trabalho. (Aluna 21).

Eu gostei bastante das aulas, com elas pude descobrir coisas sobre minha família, município que vivo, cultura, artistas e artes incríveis. Foram trabalhos legais de serem feitos e respondidos, infelizmente não consegui fazer tudo com antecedência, é algo que ainda estou tentando melhorar, comecei a fazer esse diário somente no dia 25/05, desculpa por isso, mas acho que fiz um bom trabalho. (Aluna 15).

Objetivei que esse diário fosse elaborado como um processo, no entanto, a afirmação acima demonstrou que apesar de o material ter sido enviado nas primeiras aulas, para que os alunos pudessem elaborar o diário aos poucos, adicionando as atividades desenvolvidas conforme acontecesse a aula, isso não aconteceu. Outros alunos relataram o mesmo, tanto que alguns não conseguiram entregar o material a tempo.

No que diz respeito à forma com a qual os diários foram criados pelos estudantes, tem-se que a grande maioria dos alunos criaram seus diários a partir do Powerpoint e do Word. Poucos foram os alunos que fizeram ele manualmente. O que demonstra que o diário digital é uma possibilidade para os estudantes que estão envolvidos com essas ferramentas.

Concluo aqui este capítulo, onde procurei discorrer sobre diários, viagens e sobre o âmbito educacional da proposta, como também expor a ação desenvolvida na escola que teve como finalidade obter dados de pesquisa para verificar a validade da proposta e analisar essa produção. A seguir, trago as considerações finais sobre este trabalho.

Considerações Finais

Nós mesmos, eis a grande questão da viagem. Nós mesmos e nada mais. Ou pouco a mais. Certamente a muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos.

ONFRAY (2009).

Parto da epígrafe acima para iniciar as considerações finais sobre este estudo. Tenho consciência de que essa viagem, a pesquisa, deu-se a partir de um desejo de me encontrar enquanto professora com uma prática relacionada com a viagem e por perceber quanto o meu contexto cultural está relacionado com a minha práticas e interesses. A metodologia autobiográfica oportunizou compreender minha prática a partir de experiências anteriores.

Esta dissertação foi construída a partir de um desejo de contribuir em questões voltadas a uma proposta de ensino desenvolvida pela pesquisadora em 2018, que evidenciou uma lacuna em relação a utilização dos diários de viagem. Logo, a partir de uma hipótese, e do desejo de uma aproximação pessoal, a pesquisa foi direcionada para uma abordagem de ensino de Arte que se relacione com o contexto dos estudantes, sendo esse uma comunidade caracterizada pela cultura pomerana.

O problema de pesquisa que moveu a pesquisa foi: *“como potencializar a utilização/criação dos diários de viagem no ensino de arte em uma escola de comunidade caracterizada pela colonização pomerana? O que poderá surgir dessa produção histórica e poética para a resignificação cultural da referida comunidade escolar?”*.

Para encontrar uma possível resposta para esse questionamento, embarquei em busca de alternativas. Visualizei na questão da inserção de elementos do cotidiano dos alunos a possibilidade de potencializar o uso dos diários nas aulas de artes. E que elementos seriam esses? Levando em consideração o contexto cultural da escola, pensei em aspectos que caracterizam a região e a cultura.

Por estar inserida nessa realidade cultural e observar que algumas manifestações culturais estão perdendo espaço na vida dos pomeranos, considerei que essa abordagem poderia resgatar e ativar outros elementos e narrativas. Soma-se, também, a compreensão de que muitas pessoas, principalmente as gerações mais novas, não têm conhecimento sobre o contexto histórico que envolve a imigração pomerana na região, como era o meu caso ao iniciar a pesquisa.

Dessa forma, julguei necessário ir em busca de mais informações sobre o processo de imigração e outros aspectos relacionados ao pomerano, de modo a compreender, por exemplo, como o pomerano pode e está sendo abordado em sala de aula. Logo, o capítulo 1 constituiu-se dessa busca, que se desenrolou a partir de um estado da arte, por outras experiências de professores e pesquisadores, por deslocamentos pela região e a partir de conversas com familiares. Somou-se a essa escrita alguns registros do diário da pesquisadora.

Esse diário é formado por escritos a partir de conversas com familiares, acontecimentos cotidianos, fotografias, leitura de algum material, pensamentos, angústias e questionamentos. Esse material compõe-se como um acervo de narrativas, memórias, afetos e ensinamentos, de forma a valorizar esses elementos e manifestações da cultura.

Tomando esse material como exemplo, percebendo suas possibilidades de escrita a partir de conversas e fotografias, pensei em confeccionar um material que pudesse direcionar os alunos a criarem sobre sua cultura. Intencionava que esse material fornecesse coordenadas para algumas viagens. Para isso, criei pequenas proposições para conduzir e instigar os alunos a criarem.

As intencionalidades desse material, assim como as possibilidades de viajar e dos diários, e o âmbito educacional que envolvia a proposta em sala de aula foram apresentadas ao longo do capítulo 2. Nesse, realizei a relação entre viajantes nômades e sedentários e apresentei a discussão sobre os diários, indicando alguns exemplos que se relacionam e inspiram o diário proposto aos estudantes.

No capítulo 3 descrevi os procedimentos aplicados na pretensão de obter dados de pesquisa, expondo as atividades desenvolvidas com os estudantes e as proposições poéticas criadas e, por fim, analisei esse material. Dessa análise, considero que os estudantes produziram um material visual e escrito, que revelaram

características da sua região e cultura, como o trabalho, a culinária, os costumes, os ritos e as festividades.

Importantes narrativas foram criadas a partir de objetos, fotografias e de conversas com familiares, apresentando elementos e curiosidades, bem como saberes relacionados a sua cultura. Esses momentos de trocas entre os estudantes e seus familiares proporcionaram que a família participasse na vida escolar dos alunos. Do mesmo modo, possibilitaram que os mais velhos se sentissem importantes por poderem contribuir nas atividades escolares, compartilhando seus saberes locais. Igualmente, no momento em que os mais velhos narram as histórias e “revivem” esses momentos, existe uma manutenção dessas memórias e possibilita que essas lembranças não se percam facilmente.

As fotografias, os postais e os trabalhos coletivos são um importante material sobre a cultura dos estudantes. Nessas produções, encontram-se costumes, tradições, objetos, ferramentas e manifestações culturais. Essa produção possibilitou que os estudantes estabelecessem relações com seus familiares, com sua cultura e história. Da mesma forma, ativaram esses elementos que fazem parte do seu cotidiano.

A proposição de escrita de carta apresentou resultados muito satisfatórios. Nessas cartas, os alunos evidenciaram um pouco do que aprenderam e perceberam sobre sua realidade, a partir das aulas, proposições e conversas com familiares. Alguns discentes inseriram, também, fotografias para tornar visualmente mais compreensível. Acredito que as cartas constituem um material que diz muito sobre os pomeranos a partir da visão dos estudantes. Esse material também é carregado de subjetividades, emoções e afetos.

A análise dos dados permitiu afirmar que a proposta do diário e da abordagem a partir do cotidiano dos estudantes possuem potencialidades para contribuir no fortalecimento da comunidade através da valorização da sua gente, cultura e história. Do mesmo modo, essa inserção de elementos do cotidiano dos estudantes contribuiu para a representação e identificação do estudante com o conteúdo.

A utilização do diário se deu como uma estratégia para ser utilizada em sala de aula, de modo que possibilitou exercitar uma escrita mais particular, mesmo que isso não tenha sido tão evidenciado, e um espaço para a criação. A incorporação de

algumas proposições aos estudantes se mostrou como dispositivo para propor viagens e um estímulo à utilização do diário nas aulas, bem como uma estratégia para a criação de histórias, ativar memórias, possibilitar encontros e trocas com familiares, de forma a valorizar a cultura dos estudantes.

Acredito que o processo de aprendizado deva ser considerado como uma viagem onde o aluno embarca em busca do conhecimento, de modo que exista um olhar mais atento e curioso para os conteúdos que estão sendo abordados. A curiosidade, como nos ensina Freire (1996), é algo fundamental durante o processo de aprendizagem, logo, é importante que ela seja aguçada. Dessa forma, entendo que a curiosidade pode ser sinônimo de viagem.

A inserção de elementos do cotidiano nas aulas se mostrou capaz de gerar a identificação dos alunos com o conteúdo e diminuir o distanciamento entre arte e vida (RICHTER, 2000). Isso ressalta a importância de os professores conhecerem a realidade dos estudantes. O Brasil é um país multicultural, logo, não podemos negar as especificidades dos grupos que o compõem.

No geral, acredito que os estudantes conseguiram desenvolver bem os diários de viagem, com exceção de alguns estudantes que não participaram das aulas e das demais, como foi relatado pelos outros professores.

Acredito que a pandemia e as possibilidades de ensino que se estabeleceram, influenciaram significativamente os resultados da pesquisa. O desinteresse e a desmotivação são sentimentos que muitas vezes dominam os estudantes. As relações entre colegas, entre aluno e professor e, também, entre aluno e conteúdo se alteraram. Senti falta dos momentos de trocas com os estudantes, do brilho do olhar dos alunos surpresos com o que descobriram, das conversas e das discussões sobre o conteúdo.

Acrescento que a questão do trabalho, principalmente do fumo, tantas vezes presente na produção dos estudantes, prejudicou também o desenvolvimento dos diários e das demais atividades. Digo isso por ter percebido que no período que desenvolvi as atividades com estudantes e principalmente no período da devolução

dos diários, muitos dos alunos estavam envolvidos com a preparação do fumo para venda.⁵⁷

Essa questão me preocupa. Por estar inserida nesse contexto, reconheço o quão prejudicial é esse cenário. Sabe-se que a economia da região é fortemente baseada na produção do tabaco e é visível a melhoria da condição de vida dos colonos. No entanto, a produção de fumo está atrelada a utilização de defensivos agrícolas, o que é prejudicial à saúde. Acrescento, também, o grande esforço físico necessário durante a produção, o que ocasiona muitos problemas durante a vida dos produtores.

Percebo que o número de produtores na região já reduziu bastante, isso decorrente principalmente das dificuldades enfrentadas durante a produção. Eles passaram a produzir alimentos como, batata, feijão, verduras e legumes. No entanto, queixam-se da falta de incentivo e valorização desses produtos, sendo que são mal pagos. Acredito que a substituição do plantio do fumo por algum alimento seria o ideal, beneficiando os produtores e também os estudantes, porém, é necessário que haja um incentivo a esses produtores.

A partir da análise dos dados, retomo o problema de pesquisa. Baseada nos resultados satisfatórios da experiência da utilização dos diários de escrita ao longo do capítulo 3, compreendo que associar elementos do contexto dos alunos e criar proposições que os instiguem e direcionam a criar pode potencializar a utilização/criação dos diários de viagem no ensino de arte em uma escola caracterizada pela colonização pomerana.

Como resultado dessa experiência, surgiu um importante material com escritos e registros fotográficos que procuraram contribuir na manutenção, na preservação e na valorização de características, histórias, memórias e aspectos culturais desse povo. Reconhecendo a potencialidade desse material, criei uma exposição virtual, de forma que a comunidade em geral pudesse também ter contato com essa produção, valorizando os elementos apresentados pelos estudantes e resgatando outros.

⁵⁷ Os alunos estavam muito envolvidos nesse período com essa preparação, pois as firmas de fumo estavam pagando altos valores pelo produto. Dessa forma, procurando auxiliar sua família, os alunos deixaram de lado as tarefas estudantis.

Analisando os resultados do estudo, considero que fui capaz de encontrar uma alternativa para potencializar a utilização dos diários de viagem nas aulas de artes, indo ao encontro da hipótese estabelecida no início deste trabalho. Da mesma forma, alcancei os objetivos propostos na origem da pesquisa.

Para tal, busquei e encontrei estratégias para estimular os alunos no desenvolvimento dos diários, referindo-me a abordagem e as proposições; analisei o interesse dos estudantes quanto à temática da cultura e dos aspectos da sua realidade e constatei que a partir do envolvimento, empenho e das afirmações dos estudantes existiu um interesse, por grande parte deles; verifiquei, a partir das aulas e das proposições dos diários, que os alunos produziram novas subjetividades, como solidariedade, empatia, respeito às diversidades e compaixão, assim como desenvolveram aptidões e competências, como a escuta mais atenta, a curiosidade e resolver problemas – refiro-me aqui à questão do diário e a forma como iriam realizá-lo.

No entanto, acredito que existem algumas questões sobre a cultura e a história que ainda podem ser trabalhadas e pesquisadas. Fica em aberto o desejo de seguir na busca por novas viagens.

Ao longo da pesquisa no geral, coloquei-me como viajante, assim como Saramago (1997) e Karina Dias (2011), viajando pelo meu contexto e cotidiano, espantando-me e olhando com atenção aspectos não percebidos. A partir deste estudo despertei lembranças e histórias que estavam perdidas, exercitei uma escuta mais atenta nas conversas com minha vó, assim como também conheci lugares que fazem parte da história dos imigrantes pomeranos e que preservam essas histórias.

O diário que me acompanhou durante a viagem também me possibilitou viagens para dentro de mim, de modo a refletir, imaginar e me reconhecer. Ele foi um importante dispositivo ao longo desta jornada, sendo que me possibilitou escrever sobre anseios, inseguranças, objetivos e ideais.

Durante a pesquisa, esperava conseguir separar a pesquisadora, a professora e o lado pessoal e cultural. No entanto, acredito que isso não foi possível, por entender que o trabalho aqui apresentado é justamente a inter-relação desses papéis. Considero que essa experiência da pesquisa tem grande importância e

possibilitou muitos aprendizados. De certo, contribuiu tanto como pesquisadora quanto professora e pessoa.

Como apresenta Saramago (1997), “o fim de uma viagem é apenas o começo de outra”, logo, acredito que ao fim desta, coloco-me disposta a desbravar novas paisagens e territórios, que podem ser tanto na sala de aula quanto em outra pesquisa. O que sei é que desejo permanecer ou aprimorar este espírito viajante que Alain Botton (2012) julga necessário para se viajar.

Referências

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003.
- ALBORNOZ, C. V. Sebastião Salgado: o problema da ética e da estética na Fotografia Humanista. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 3, n. 1, p. 93-103, 2005.
- ALTENBURG, G. S. **Contextualizando cultura e tecnologias**: um estudo etnomatemático articulado ao ensino de geometria. 2017. 102f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- AMARO, F. R. *et al.* **Escritos de viagem e a construção do espaço vivido em meio ao deslocamento**. 2014. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte, educação e cultura. **Revista Textos do Brasil: educação para um desenvolvimento humano e social no Brasil, Itamaraty, Departamento Cultural**, v. 7, 2004.
- BEIERSDORF, C. R.; WEIDUSCHADT, P. Arroio do Padre/RS e sua identidade luterana: Práticas de educação e cultura de uma comunidade (1950-1960). **Revista Latino-Americana de História**, UNISINOS, v. 2, n. 7, p. 1-17, 2013.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BOHNS, N. M. F. Realidades simultâneas: Contextualização histórica da obra de Pedro Weingärtner. **19&20**, Rio de Janeiro, v. III, n. 2, abr. 2008. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_nb_weingartner.htm>. Acesso em: 28 jan. 2020.
- BOTTON, A. de **A arte de viajar**. Lisboa: Leya, 2012.
- CARERI, F. **Walkspaces**: o caminhar como prática estética. São Paulo: G Gili, 2013.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- COSTA, E. P. S.; FIGUEIREDO, Y. C. Reflexões do filme Escritores da Liberdade a partir da prática pedagógica. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12, 2015. **Anais...** Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17177_7781.pdf> Acesso em: 28 jan. 2020.

DANTAS, A. Prefácio. In: JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

DIAS, K. A prática do banal, uma aspiração paisagística. In: GERALDO, S. C.; COSTA, L. C. (orgs.). **Anais do encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. p. 3771.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. São Paulo: Papirus, 1993.

FOERSTE, E. Cultura e Língua Pomeranas: Diálogos Interculturais sobre Ensino Bilíngue. In: GARCIA, M. V. C. G. *et al.* (orgs.). **Anais do Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística**. Brasília: Iphan, 2016.

FOERSTE, E. **Povo tradicional Pomerano: um diálogo sobre interculturalidade**. Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade. Livro 3. Itaperi: EdUECE 2014. Disponível em:
<<http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/401%20POVO%20TRADICIONAL%20POMERANO%20UM%20DI%20C3%81LOGO%20SOBRE%20INTERCULTURALIDAE.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

FONSECA, R. Ao sul do futuro. Texto de apresentação da mostra individual. **Museu Lasar Segall**, São Paulo, 2018. Disponível em:
<https://972389fb-ab05-4536-ae79-b440b14da5d0.filesusr.com/ugd/22d7b6_4d75e5143cc7470a88b0e66b4736589a.pdf> Acesso em: 09 jul. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEHRKE, C. **Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses, italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes/RS**: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa. 2018. 666f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

GEHRKE, T. H. **Receitas Culinárias Pomeranas: integrando saberes e sabores em uma escola multisseriada do município de São Lourenço do Sul**. 2020. 134f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2020

GUIMARÃES, L. Arte, design e cultura visual do povo: uma conversa entre mulheres. **Revista GEARTE**, v. 5, n. 1, 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HACKENHAAR, D. **Vida e trajetória do povo pomerano: a imigração pomerana para o Brasil**. 2018. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

HOLLOWATE, I. JANZ JUNIOR. D. C. A questão racial e as representações sobre o branqueamento no jornal Diário dos Campos, 1907-1921. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6, 2016. **Anais...** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/6o-encontro-2016/historiografia-da-midia/a-questao-racial-e-as-representacoes-sobre-o-branqueamento-no-jornal-diario-dos-campos-1907-1921/view>> Acesso em: 10 de jun. de 2020.

HOFSTAETTER, A. Criação de material didático em artes visuais: dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem, *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 26, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da ANPAP**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 2077-2092.

IEPSEN, E. **Jacob Rheingantz e a colônia São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/1854/jacob+rheingantz.pdf?sequence=1>> Acesso em: 10 dez. 2019.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, C. M. de; DANTAS, A.; TEIXEIRA, A. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1960.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KLEON, A. **Roube como um artista - o Diário**: um caderno de anotações para cleptonmaniacos. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

KOELER, E. **Uma professora pomerana e sua comunidade**. 2016. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

KOLLING, N. B. **Educação e escolas em contexto de imigração pomerana no sul do Rio Grande do Sul – Brasil**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2000.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 2002

KOVALSCKI, A. N. **Produção de vídeo e etnomatemática**: representações de geometria no cotidiano do aluno. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

KURTZ, A. J. **1 Página de cada vez**. Um diário diferente. São Paulo: Editora Paralela, 2020.

LEITE, C.; PACHECO, N. Os dispositivos pedagógicos na educação inter/multicultural. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, v. 14, n.27, p. 102-111, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/publs/actas/CL_NP_SPCE2.pdf> Acesso em: 15 abr. 2020.

MAISTRE, X. de. **Viagem ao redor do meu quarto**. São Paulo: Editora 34, 2020.

MALTZAHN, G. M. **Família, ritual e ciclos de vida**: estudo etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS). 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011a.

MALTZAHN, G. M. Memórias Míticas: uma proposta de análise sobre as narrativas orais dos descendentes pomeranos da Serra dos Tapes/RS. *In*: CERQUEIRA, F. V. **Serra dos Tapes**: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. Anais do IV Seminário Internacional em Memória e Patrimônio: memória, patrimônio e tradição. Pelotas: Ed. UFPel, 2011b.

MARTINS, D. A. A. **Narrativas Autobiográficas da Experiência Estética para si e o outro**: Memórias em Mosaicos do Projeto Mobilizar-te. 2014. 257f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História PUCSP**, São Paulo, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

NUNES, S. R. C. História fotografada, história (com) partilhada: imagens e vozes de Cotia. **Visualidades**, 2018.

ONFRAY, M. **Teoria da Viagem**: poética da geografia. Porto Alegre: L&PM, 2009.

PEIXOTO, N. B. O olhar do estrangeiro. *In*: NOVAES, A. (org.). **O Olhar**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RICHTER, I. M. *et al.* **Interculturalidade e estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais**. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

RODRIGUES, L. C. **Produção de sentido e visualidades**: possibilidades da artes no cotidiano escolar. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

RÖLKE, H. R. Raízes da imigração alemã: História e cultura alemã no estado do Espírito Santo. **Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, 2016.

SACCO, H. G. Helene Sacco. **Website da artista**. Disponível em: <<https://helenesacco.wordpress.com/>> Acesso em: 2 jun. 2021.

SACCO, H. G. **A (Ré) fábrica**: um lugar inventado, entre a objetualidade das coisas e a sutil materialidade do desenho e da palavra. 2014. 398f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – UFRGS, Porto Alegre, 2014.

SALAMONI, G. A imigração alemã no Rio Grande do Sul: o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**, Pelotas, v. 7, p. 25-42, 2001.

SARAMAGO, J. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCHMIDT, A. **A comida na cultura pomerana**: simbolismo, identidade e sociabilidade. 2015. 190f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015.

SCHNEIDER, M. **Identidades em rede**: um estudo etnográfico entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SILVA, T. G. da; LAMPERT, J. A relevância do diário na prática artística e docente. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 24, 2015, Santa Maria. **Anais do 24º Encontro da ANPAP**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2015. p. 1095-1110.

SILVEIRA, P. As odisséias possíveis. **Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, v. 15, n. 25, 2008.

SOARES, M. da R. **Imagens e memórias – narrativas vivas**: desvelando histórias em uma comunidade escolar de Serra/ES. 2017. 239f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SPINDLER, Magda Micheline. Roteiros turísticos no espaço rural: estudo de caso do roteiro de turismo rural caminho pomerano em São Lourenço (RS), Brasil. 2013. 267f. Dissertação de mestrado - Programa de pós- graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/743>. Acesso em 12 de fev. de 2020

SOUSA, A. C. T. **Relatos imaginários**: Inventando narrativas para mulheres de antigos retratos. 2017. 105f. (Monografia) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

TALA, A. Maria Elvira Escallón. *In*: **8ª Bienal do MERCOSUL**: Ensaios de Geopoética: catálogo. Porto Alegre: Fundação Bienal do MERCOSUL, 2011.

THUM, C. **Educação, História e Memória**: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes. 2009. 383f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

TOLEDO, C. V. S. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus**: a célebre desconhecida da literatura brasileira. 2011. 194f. Dissertação

(Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

VASCONCELLOS, C. S. de. **'Entre' multiplicidades de um coletivo**: sobre a produção de diários da prática pedagógica. 2019. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ZAMPERETTI, M. P. Artes visuais e ensino remoto: paroxismo nas interações em tempos de pandemia. **Palíndromo**, v. 13, n. 29, p. 37-53, 2021.

Apêndices

Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, abaixo assinado, responsável pelo aluno _____, concedo à Mairin Jordane Rutz (pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas - UFPel), para livre uso dos trabalhos desenvolvidos pelo Aluno _____ para sua pesquisa na referida instituição. Autorizo, conseqüentemente, a utilização do material para fazer parte de uma exposição virtual resultante da experiência promovida pela pesquisadora, bem como para compor a pesquisa intitulada, até então, "Entrelaçando diário de viagem e narrativas pomeranas".

Assinatura

Data:

Nome completo:

Endereço:

Telefone:

Apêndice 2 - Diário

DIÁRIO

IDENTIFICAÇÃO

NOME:

APELIDO:

ENDEREÇO:

INSTRUÇÕES

OLÁ, ESTE DIÁRIO FOI CRIADO COM MUITO CARINHO PARA VOCÊ.

ESPERO QUE O APROVEITE BASTANTE.

SENTE-SE EM UM LOCAL CONFORTÁVEL E SILENCIOSO E COMECE A PREENCHER O SEU DIÁRIO.

SUGIRO PEGAR SUA CANETA FAVORITA E UMA XÍCARA DE CAFÉ OU ÁGUA.

ESTE PEQUENO DIÁRIO POSSUI ALGUMAS PEQUENAS PROPOSIÇÕES. ASSIM, TE CONVIDO A REALIZÁ-LAS COM ENTUSIASMO E ENVOLVIMENTO.

EM ALGUNS MOMENTOS SERÁ NECESSÁRIO A PARTICIPAÇÃO DE ALGUÉM DA FAMÍLIA. PEÇA AJUDA A SEU PAI OU AVÔ, POR EXEMPLO. APROVEITE ESSE MOMENTO COM ELES. COM CERTEZA ELES TÊM MUITO PARA LHE ENSINAR. ESCUTE-OS.

SINTA-SE LIVRE PARA CRIAR DA FORMA QUE DESEJAR NAS PÁGINAS DESSE DIÁRIO, ELE É SEU!

PINTE, COLE, DESENHE, RABISQUE, VIAJE COM ELE E SE DIVIRTA...

SE DESEJAR, COMPARTILHE SEUS REGISTROS NAS REDES SOCIAIS.

COM CARINHO, MAIRIN

DIA.....

» FALE UM POUCO SOBRE VOCÊ. O QUE VOCÊ GOSTA?
VOCÊ SABE DE SUAS ORIGENS? QUAL É A SUA
CULTURA?

VOCÊ MORA EM :

- ARROIO DO PADRE
 PELOTAS
 SÃO LOURENÇO DO SUL
 OUTRO:

ESCREVA UM POUCO SOBRE A SUA LOCALIDADE.
COMO É MORAR LÁ, O QUE A POPULAÇÃO FAZ
PARA SE DIVERTIR, COM O QUE TRABALHA.

VOCÊ SE CONSIDERA

- DESCENDENTE DE POMERANO
 DESCENDENTE DE ITALIANO
 DESCENDENTE DE ALEMÃO
 AFRODESCENDENTE
 OUTRO.....

BRASILEIRO é ter nacionalidade brasileira, nascer no Brasil.

GAÚCHO "O gaúcho é o nome dado aos nascidos no Rio Grande do Sul, ao tipo característico da campanha, ao homem que vive no campo, na região dos pampas. Até a metade do século XIX, o termo gaúcho era usado de forma pejorativa, sendo dirigido aos aventureiros, ladrões de gado e malfeitores que viviam nos campos."

O QUE É SER DESCENDENTE DE
POMERANO/ITALIANO/ALEMÃO/OU AFRODESCENDENTE?

(Responda com suas palavras, se quiser complemente com desenhos e fotografias)

DIA.....

- » PENSE EM UM OBJETO QUE SE ENCONTRA NO SEU QUARTO E QUE VOCÊ VÊ TODOS OS DIAS. DESENHE ELE E CRIE UMA HISTÓRIA SOBRE ELE. (EXEMPLO DE OBJETO, DESPERTADOR)



DIA.....

- » PENSE EM UM OBJETO ANTIGO, FERRAMENTA, MAQUINA, ITEM DECORATIVO OU UTENSILIO DOMÉSTICO QUE PERTENCE OU PERTENCEU A SEUS AVÓS OU TATARAVÓS.

ALGO COMO UM CERROTE, OU UMA MÁQUINA DE MOER MILHO. CONSEGUIU LEMBRAR?

AGORA DESENHE ESSE OBJETO E ESCREVA UMA LEMBRANÇA, POEMA OU HISTÓRIA SOBRE ESSE OBJETO. PARA QUE E QUEM UTILIZAVA? AINDA É UTILIZADO? ONDE ELE ESTÁ?

SE DESEJAR INSIRA UMA FOTOGRAFIA DELE.

Ex

“Em uma visita à casa dos meus avós, ao adentrar em um galpão, já em más condições, me deparei com a máquina de moer milho manual do meu avô. Tão antiga e “ultrapassada” para as gerações mais novas.

No entanto, mesmo nos dias de hoje, onde a tecnologia prevalece, ela ainda segue sendo utilizada.

Recordo-me que durante as tardes de verão que passava na casa de meus avós, na infância, era sempre um momento divertido quando podia acompanhar meu avô no processo de debulhar milho e tratar os animais”



CONVIDE ALGUM DE SEUS AVÓS/ OU PAIS PARA FALAR SOBRE ESSE OBJETO E ESCREVA UM POUCO SOBRE NAS LINHAS ABAIXO (SUGESTÃO, GRAVE A CONVERSA).

DIA.....

» CHARADAS

VOCÊ/SUA FAMÍLIA AINDA COSTUMA TER FOTOS IMPRESSAS? OU SOMENTE GUARDADAS NO CELULAR? FALE UM POUCO SOBRE O QUE VOCÊ ACHA DE TER FOTOGRAFIAS IMPRESSAS.

O QUE PODEM NOS TIRAR ANTES DE TERMOS?

.....

O QUE É, O QUE É, QUE PARECE MUITO COM QUALQUER PESSOA E NÃO É ELA?

.....

PEGUE UM ÁLBUM DE FOTOGRAFIA OU A CAIXA DE GUARDADOS E ESCOLHA UMA FOTO ANTIGA. CRIE UMA NARRATIVA A PARTIR DELA. CONDE FOI REGISTRADA, INVENTE NOMES PARA OS PERSONAGENS, DIGA O QUE ESTAVAM FAZENDO E SENTINDO, E CRIE UMA CONTINUAÇÃO PARA A HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA COMENTANDO SOBRE O QUE ACONTECEU DEPOIS).



FIXE AQUI A SUA FOTOGRAFIA

JÁ TERMINOU SUA HISTÓRIA? SOMENTE AGORA CONVERSE COM ALGUÉM SOBRE ESSA FOTOGRAFIA. PERGUNTE SOBRE OS PERSONAGENS, O LOCAL, A ÉPOCA. ESCREVA ALGO QUE VOCÊ DESCOBRIU E NÃO SABIA.

O QUE ESSA FOTO, E AS OUTRAS QUE ENCONTRASSE ENQUANTO FOLEAVA OS ÁLBUNS LHE TRANSMITEM? QUAIS FOTOGRAFIAS SÃO ESSAS? DE QUE MOMENTOS?

MARQUE AS AFIRMAÇÕES (QUANTAS QUISER) QUE CONSIDERAS CORRETAS REFERENTE A SUAS FOTOGRAFIAS

- | | | | |
|--------------------------|---|--------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> | REGISTRAM MOMENTOS ALEGRES; | <input type="checkbox"/> | SÃO REGISTROS DE UM TEMPO PASSADO; |
| <input type="checkbox"/> | REGISTRAM TEMPOS TRISTES; | <input type="checkbox"/> | SÃO UM RECORTE / CONGELAMENTO DE UM |
| <input type="checkbox"/> | DIFICULDADES; | <input type="checkbox"/> | MOMENTO; |
| <input type="checkbox"/> | SIMPLICIDADE; | <input type="checkbox"/> | NÃO SÃO IMPORTANTES PARA A FAMÍLIA; |
| <input type="checkbox"/> | AS FOTOGRAFIAS FAZEM PARTE DE QUEM SOMOS/
DIZEM SOBRE SUA FAMÍLIA; | <input type="checkbox"/> | É POSSÍVEL LEMBRAR DE HISTÓRIAS A PARTIR DAS
FOTOS; |
| | | <input type="checkbox"/> | AJUDAM A NÃO ESQUECEREM ALGUMAS PESSOAS E
MOMENTOS; |

DIA.....

CONVERSE COM SEUS FAMILIARES SOBRE A IMIGRAÇÃO POMERANA/ ITALIANA/ ALEMÃ (RESPONDA A PARTIR DE SUA DESCENDÊNCIA). PERGUNTE SOBRE O INÍCIO DO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO NA REGIÃO. O QUE SABEM, COMO FOI, TEM REGISTROS. ESCREVE UM POUCO SOBRE O QUE VOCÊ DESCOBRIU? E O QUE VOCÊ JÁ SABIA?

DIA.....

CARTA

AGORA QUE JÁ DESCOBRIU UM POUCO SOBRE SUA ORIGEM, ESCREVA UMA CARTA A ALGUM ANTEPASSADO SEU, OU PESSOA QUE VIVEU NA ÉPOCA DA IMIGRAÇÃO.

SIMULE/IMAGINE UMA VIAGEM NO TEMPO E CONTE PARA ELA O CENÁRIO BRASILEIRO ATUAL, SE O IDIOMA AINDA PERMANECE, QUAIS OS COSTUMES TRAZIDOS POR ELES FORAM MANTIDOS, FALE SOBRE AS FESTAS, A GASTRONOMIA, E O QUE FOI DEIXADO POR ELES E PERMANECEU MESMO DEPOIS DE MUITOS ANOS

DESTINATÁRIO:

REMETENTE:

.....,DE 2021